

A vida na dança e a dança da vida

Dissertação de Mestrado

Liliana Isabel Carvalho Pereira



Leiria, setembro 2022

Liliana Isabel Carvalho Pereira

A vida na dança e a dança da vida

Dissertação apresentada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) para obtenção do grau de Mestre em Mediação Intercultural e Intervenção Social (MIIS) sob orientação do Professor Doutor Cristóvão Margarido.

Leiria, setembro 2022

AGRADECIMENTOS

Foram momentos solitários, de algumas inquietações e dificuldades. Porém, o caminho faz-se caminhando e só tenho a agradecer aos que se mantiveram nele até ao fim. Agradeço à minha mãe, Carla, por toda a força que me deu, por nunca me ter deixado desistir e pelo seu colo quando precisei. À restante família (Irmã Susana, Pai Francisco e Avó Cândida) por estarem comigo independente do caminho que eu escolha, o amor que vos tenho é imenso. Ao meu namorado, Pedro, por toda a força que me deu para continuar, por me fazer acreditar nas minhas capacidades e pelas horas que passou a ler cada palavra deste trabalho. À entrevistada, Lucilina Sobreiro, pela partilha da sua história, pela generosidade que teve em receber-me, e por tudo o que me ensinou, não só durante as nossas conversas, como ao longo de anos. Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Cristóvão Margarido, por todo o apoio, ajuda e por ter sido uma referência. E por último, agradeço a todos os docentes do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, foram muito importantes durante o meu percurso académico e pessoal.

DEDICATÓRIA

A ti, Mãe.

RESUMO

Existe hoje uma maior consciência sobre a importância da dança na vida do ser humano. De facto, tem-se vindo a perceber esta arte de uma outra forma, indo para além do contexto cultural e artístico. O seu potencial interventivo, terapêutico e transformador começa a dar azo a novas perspectivas e estudos. É neste sentido que, neste trabalho, se analisa com profundidade, a relevância que a dança teve na vida de um sujeito, nas diversas dimensões da sua existência. Assim, a partir de uma História de Vida, procurei perceber a dança como veículo de mediação, de conhecimento do “eu” e do outro, e enquanto agente (trans)formador. Como defende Vieira (2009, p. 16), “*as histórias de vida não são mero passado. São processos históricos na verdadeira aceção da palavra*” pelo que a sua compreensão leva a um maior entendimento da pessoa como um todo. Quis perspetivar a importância e influência desta arte no processo de construção identitária de um sujeito. Assim como, compreender de que forma a dança serviu como veículo de Mediação Intercultural e de instrumento para a Mediação Intrapessoal. A investigação foi feita através de uma metodologia biográfica, com recurso a entrevistas etnobiográficas, aprofundadas, caracterizadas por Burgess (2001) como conversas. Este estudo enquadra-se numa perspetiva hermenêutica, que para Schleiermacher (2005, p. 87), é a “*arte de compreender o discurso do outro*”. Esta investigação permitiu compreender que as expressões artísticas e mais concretamente a dança podem ser veículos (trans)formadores, facilitadores do desenvolvimento e intermediários para a descoberta do “eu” e do outro.

Palavras-chave

Dança, Identidade, História de Vida, Mediação Intercultural, Mediação Intrapessoal

ABSTRACT

There is now a greater awareness of the importance of dance in human life. In fact, this art has been perceived in a different way, going beyond the cultural and artistic context. Its interventional, therapeutic, and transforming potential begins to give rise to new perspectives and studies. It is in this sense that, in this work, the relevance that dance had in the life of a subject, in the various dimensions of his existence, is analyzed in depth. Thus, from a Life Story, I tried to understand dance as a vehicle of mediation, of knowledge of the “I” and the other, and as a (trans)forming agent. As Vieira (2009, p. 16) defends, “life stories are not mere past. They are historical processes in the true sense of the word”, so their understanding leads to a greater understanding of the person as a whole. I wanted to put into perspective the importance and influence of this art in the process of identity construction of a subject. As well as understanding how dance served as a vehicle for Intercultural Mediation and as an instrument for Intrapersonal Mediation. The investigation was carried out through a biographical methodology, using in-depth ethnobiographical interviews, characterized by Burgess (2001) as conversations. This study fits into a hermeneutic perspective, which for Schleiermacher (2005, p. 87), is the "art of understanding the speech of the other. This investigation allowed us to understand that artistic expressions and more specifically dance can be vehicles (trans)trainers, development facilitators and intermediaries for the discovery of the “I” and the other.

Keywords

Dance, Identity, Life Story, Intercultural Meditation, Intrapersonal Mediation

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	iii
Dedicatória.....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice Geral.....	vii
Índice de Tabelas.....	viii
Introdução.....	1
Capítulo 1	6
Enquadramento teórico.....	6
1.1. Dança.....	7
1.1.1. As suas múltiplas significações.....	7
1.1.2. A dança no desenvolvimento humano.....	9
1.2. Identidades pessoais e processos de reconstrução identitária.....	19
1.3. Mediação Intercultural e Intrapessoal.....	24
Capítulo 2	33
Metodologia da Investigação.....	33
2.1. Métodos, técnicas e procedimentos de recolha de dados.....	34
2.1.1. Entrevista.....	38
2.1.2. Universo de estudo.....	41
Capítulo 3	42
A vida na dança e a dança na vida.....	42
3.1. Uma história de vida em aberto.....	43
3.1.1. «Ó pai, pai, pai».....	44
3.1.2. De menina a mulher: “Eu quero, posso e mando”.....	46
3.1.3. Recomeçar.....	50

3.1.4. “E assim nasceu a escola, sem termos aprendido a dançar...”	52
3.1.5. Os primeiros passos	53
3.1.6. “Os meus passarinhos”: A relação entre gerações.....	54
3.1.7. Quem fui, quem sou e quem Serei.....	56
Conclusão	59
Bibliografia.....	61
Anexos	1
Apêndices	6

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 -Fases da adolescência.....	14
Tabela 2 – Benefícios da dança nas diversas dimensões do ser humano na velhice.....	18

*“O que aconteceria se, em vez de apenas
construirmos a nossa vida, tivéssemos a loucura ou a
sabedoria de dançá-la?”*

– Roger Garaudy

INTRODUÇÃO

Antes de mais, permitam-me dizer que considere várias possibilidades para a redação do texto, mas uma vez que este é um trabalho biográfico que implica uma grande proximidade e uma certa intimidade, até do ponto de vista das entrevistas, achei que deveria escrevê-lo na primeira pessoa do singular. Daqui em diante este trabalho será apresentado desta forma mais próxima, porque só faria sentido para mim apresentar-me e apresentar o meu trabalho desta maneira. Deixemos o distanciamento de lado, e aproximemo-nos, porque o que é preciso é proximidade, sobretudo quando todo este trabalho tem como base momentos de conversa, e o que há de mais íntimo, para além do amor, que utilizar palavras para mostrarmos ao outro quem somos, quem fomos, quem um dia seremos e o que sentimos? ...

Tratar a arte num trabalho desta dimensão requer, para além de rigor científico, sensibilidade. Requer que a tratemos por tu, entendendo-a, respeitando-a e valorizando-a. Requer que entremos no seu mundo e viajemos com ela. É necessário pensá-la para além da cultura, e olhá-la numa perspetiva antropológica, e como parte indissociável da vida humana. Por isso, a investigação feita recai sobre estes princípios, possibilitando a compreensão do processo de (re)construção identitária de um sujeito. *“A arte na sua essência mais pura e bruta, bem como na forma de produto artístico, é simultaneamente um instrumento libertador de emoções e um canalizador de vivências”* (Oliveira & Jardim, 2008, p. 263), desta forma, destaco neste estudo uma das extensões das linguagens artísticas, a dança. Para Garaudy (1980, p. 16), *“a dança é, a um só tempo, conhecimento, arte e religião”* e sempre esteve presente na humanidade, desde os seus primórdios, como um modo de existir e de viver. *“Os homens dançaram em todos os*

momentos solenes da sua existência: na guerra e na paz, no casamento e nos funerais, na sementeira e na colheita” (Garaudy, 1980, p. 13), o que conduz a um pensamento crítico e posteriormente a uma reflexão acerca do papel e da importância da dança na vida do ser humano. Também a arte *“não pode ser vista apenas como diversão, mas sim como ponto de partida para reflexões da vida e da existência do homem e da mulher como ser social e inserido numa comunidade”* (A. Alves & T. Alves, 2011, p. 57), tornando-se este o mote de arranque para esta pesquisa científica.

Deste modo, nesta investigação em particular pretendo, através de uma narrativa biográfica, investigar e compreender uma história de vida e, mais concretamente, de que forma a dança serviu como veículo de Mediação Intercultural e de instrumento para a Mediação Intrapessoal. Ainda assim, procurei ir mais além, uma vez que seria redutor basear o meu estudo apenas num contexto. Margarido (2011) reforça esta ideia mostrando que são múltiplas as dimensões que constroem o ser humano, bem como os contextos em que este se move e moveu, e os mundos que habita ao longo da sua trajetória social.

De facto, pensar a arte como uma ferramenta de intervenção social suscita interesse pela sua conduta não só cultural mas interventiva, terapêutica e transformadora, para além de ser uma temática que necessita ser estudada e valorizada entre os trabalhadores sociais. Por isso, pretendo igualmente com esta investigação, perceber de que forma as práticas artísticas permitiram, ao sujeito em estudo, construir pontes entre mundos, bem como compreender qual a influência das práticas artísticas, nomeadamente a dança, no desenvolvimento pessoal e nas relações intra e interpessoais. Uma vez que, e de acordo com Queiroz (2017),

ao experimentar a dança e ser capaz de refletir sobre sua influência no seu corpo e no meio social abre-se uma possibilidade ao indivíduo de fazer uma nova forma de leitura de si e do mundo. Ao fazer um uso da dança nessa perspetiva ela pode revelar-se como uma ferramenta de perceção de limites, potencialidades, de autoconhecimento e uma possibilidade de se expressar através do seu corpo e movimentos. (p. 9)

No entanto, considero importante analisar também os «modos de agir» (Lahire, 2002) do sujeito em estudo através das suas próprias narrativas e perspetivas, uma vez que, ao colocá-lo frente a estas questões, o tornamos investigador de si próprio.

A compreensão e interpretação de como a entrevistada se subjetiva e se apropria da sua experiência de vida, bem como dos sentidos e significados que a própria atribui às suas decisões e opções, permite tornar o sujeito num investigador de si próprio, cabendo-nos o lugar de mediador ou de facilitador dessa reflexividade conducente ao autoconhecimento e ao hétéro conhecimento (Margarido, 2011, p. 26).

Relativamente à escolha da temática, esta deu-se inicialmente pela importância que a arte e dança têm na minha vida. O poder que lhe atribuo transcende qualquer palavra dita e escrita. Permitam-me por isso um breve parêntesis. Em 2005 tive o primeiro contacto com a dança, a minha mãe decidiu levar-me a conhecer o espaço e a assistir a uma aula, depois de ter lido numa página de jornal que as inscrições para a escola de dança de Torres Vedras estavam abertas. Fui, gostei, mas durante uns bons meses não se voltou a abordar esse assunto em casa. A minha mãe pensou que eu não tinha interesse por não lhe ter dito mais nada acerca do assunto. Já eu, dei como certo que iria para aquela escola, que se estava ali era para continuar já que tinha gostado muito da experiência. A espera pela próxima aula começou a tornar-se demasiado demorada e eu, ansiosa, perguntei o motivo. A minha mãe riu-se, pois, o assunto para ela já tinha ficado encerrado, mas não para mim... Ela folgou em saber que eu queria continuar nas aulas de dança e inscreveu-me imediatamente. Nessa mesma semana, e após tanto tempo à espera, tive a minha primeira aula... E nisto, passaram 17 anos que pareceram 17 dias. Constatei que o que é bom, de facto, passa rápido (como diz a sabedoria popular...). Hoje entendo que esta foi talvez uma das viagens mais bonitas da minha vida, pois foi através da dança que explorei e conheci os meus limites, aprendi a amar-me, a compreender-me e a compreender e respeitar o outro. E mais importante que tudo: fui feliz, mesmo quando não me sentia feliz. A dança levou-me por caminhos que nunca seriam percorridos se ela não existisse na minha vida e por esse motivo decidi que queria escrever sobre ela. Quase como se de uma homenagem, ou de um

reconhecimento, se tratasse. Por isso é tão importante para mim investigar e entender a dança noutros contextos, na vida de outra pessoa. Para além disso, tenho vindo a perceber ao longo do meu percurso académico e profissional que aquilo que me apaixona e fascina, apresenta um elevado potencial enquanto elemento e eixo (trans)formador na vida de uma pessoa, sendo também essa análise e compreensão um dos objetivos do trabalho. É justamente nesta ótica, partindo de um estudo de caso, e sem querendo de todo generalizar, que foram igualmente pensadas algumas questões orientadoras¹ cuja análise se pretende fazer ao longo do trabalho. Nomeadamente, de que forma pode a dança

- ✦ *ser construtora de pontes entre mundos?*
- ✦ *servir como ferramenta de mediação intrapessoal?*
- ✦ *ter tido influência no decurso da vida do sujeito em estudo?*
- ✦ *influenciar e moldar a identidade?*
- ✦ *desenvolver o auto e heteroconhecimento?*

Quanto à estrutura da dissertação, esta encontra-se dividida em três grandes capítulos. O primeiro capítulo, corresponde ao enquadramento teórico da investigação, também reconhecido como revisão da literatura e fundamentação teórica. Contém informação basilar para uma melhor compreensão da problemática, e alude a temas que serão desenvolvidos e simultaneamente interligados à temática em estudo, como a dança e a relevância no desenvolvimento humano, questões associadas a processos identitários e identidade pessoal, mediação intercultural e intrapessoal.

Já o segundo capítulo refere-se à metodologia utilizada no âmbito da investigação, onde se destaca o trabalho de campo como a observação direta e entrevistas etnobiográficas aprofundadas. Como referido anteriormente, a investigação assenta numa metodologia biográfica, evidentemente de cariz qualitativo, com recurso a entrevistas etnobiográficas, aprofundadas, caracterizadas por Burgess (2001) como conversas. Esta é, como já mencionado, baseada numa narrativa, história de vida, associada a um estudo de caso, pois quando falamos de Histórias de vida, existem normalmente duas formas de

¹ Questões estas que vão ao encontro dos objetivos da investigação e que poderão repetir-se ou assemelhar-se.

as trabalhar, uma delas, como instrumento útil “*para estudar uma comunidade, para fazer história local, para iniciar o estudar de um outro à luz da sua própria perspectiva, e para estudar a construção das identidades pessoais e profissionais*” (Marques, J., et al., 2016, p. 139). A outra, como “*vias de operar mudanças a partir do autoconhecimento*” (Marques, J., et al., 2016, p. 139).

Por último, o terceiro capítulo é destinado unicamente à história de vida do sujeito em estudo, bem como à sua pessoa. Por outras palavras, é o “coração” do trabalho, e trata da análise realizada, bem como das conclusões obtidas a partir dos momentos de partilha e ao mesmo tempo de observação, porque os silêncios também são importantes, assim como a postura, e o que não é dito, mas expresso através do corpo, indo além do superficial. À medida que se analisa o passado e presente do sujeito em estudo, vai sendo igualmente possível retratá-lo, utilizando extratos das entrevistas, tornando-se este um método vantajoso para compreender mais facilmente a trajetória de vida da pessoa, as suas motivações, lutas, angústias, constrangimentos, vivências e percepções.

Em relação à escolha do investigado, o motivo foi simples e 100% emocional, confesso. A pessoa em estudo foi uma figura importante na minha vida, alguém que para além de ensinar a dançar, ensina a ser e a viver com o outro. Foi alguém que me transmitiu valores importantíssimos e que impactou a minha identidade. Foi a ponte entre mim e a cultura, a ponte entre a minha realidade e a dos outros. E só faria sentido, sobretudo pela área em que se insere este mestrado, escolher alguém que, para além de tudo o que representa e do trabalho que tem desenvolvido através da dança, é e tem sido uma verdadeira mediadora e interventora ao longo de todos estes anos.

Sabemos que investigar e escrever sobre determinado tema coloca-nos constantemente em contato com os nossos limites no processo de conhecer, uma vez que o caminho da investigação é sempre uma descoberta. E tratando-se de uma história de vida ainda mais. Por isso, o que virá nas próximas páginas será o culminar de muita pesquisa e de muita leitura, de muitas conversas, de compreensão e paixão, de reflexão e entendimento. Pretende-se assim, com esta investigação, viajar entre mundos, espaços e tempos. Compreender o passado, o presente, e quem sabe, pensar o futuro... pretende-se ouvir quem muito tem a dizer, partilhando aquela que foi e é a sua história de vida, marcada pela arte.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

É “*importante recorrer à diversidade de obras e documentos que permitam fazer um discurso mais científico, apoiado na informação recolhida*” (Dias, 2008, p. 35), dessa forma, é apresentado neste capítulo a base teórica do estudo e o seu respetivo enquadramento, permitindo maior envolvimento e compreensão da temática.

1.1. DANÇA

1.1.1. AS SUAS MÚLTIPLAS SIGNIFICAÇÕES

Conhecida como a maior expressão de vida e considerada como a mais completa das artes, a dança é, desde o período Paleolítico até aos dias de hoje uma representação da existência humana. Tanto que no início, na pré-história, os Homens já a usavam como parte integrante de cultos e rituais². Além de ser também uma das expressões mais antiga, é “*uma das formas mais plurais de cultura*” (Primeiro ato, 2020a) devido à simbiose entre estilos e ritmos que quando misturados, possibilitam uma verdadeira união entre culturas. Nas palavras de Correio e Santos (2017, p.17),

os movimentos que emanam do corpo, os gestos evocados pelos sons, ritmos e pela música entoam no tempo e no espaço vozes de povos, grupos, culturas e classes sociais que utilizaram os seus corpos e as atividades rítmicas e expressivas para a representação social dos seus costumes e da sua cultura,

corroborando assim com ideia anteriormente apresentada. Para Garaudy (1973, como citado em Masini & Campos, 2015), a dança é também capaz de expressar o que a razão desconhece, e embora o seu conceito se vá alterando ligeiramente com o passar dos anos, falar em dança é falar em vida.

De facto, pensar a dança é pensá-la “*carregada de sentidos e significados que se correlacionam com a cultura, com a classe, com as visões de mundo, as experiências de quem dança, de quem produz a coreografia e elabora a expressão do corpo em movimento*” (Correio & Santos, 2017, p. 11). E apesar de ser comumente considerada como expressão artística, e ser pensada habitualmente como algo “meramente” cultural, o que a dança representa nas sociedades e nos indivíduos vai muito além dessas

² De forma a garantir proteção nas atividades do quotidiano como a caça e a pesca.

reduzidas concepções. A Dança é então “*um fenómeno complexo e abrangente, pode ocorrer no âmbito artístico, educacional, lúdico, ritual, cultural e terapêutico e, como forma de Arte que deve ser conhecida, contextualizada e apreciada*” (Barbosa, 2010, como citado em Silva, 2015, p. 28). No entanto, e na qualidade de representação artística, a dança é possibilidade, é criação, é o corpo a expressar-se no mundo e a ser expresso por ele (Masini & Campos, 2015). Ficou claro que, para as autoras,

a dança tem como significação as diversas possibilidades de expressão, que só se dão no corpo e para o corpo, na individualidade de um corpo em diálogo com outros corpos. Dessa forma, a dança é arte do movimento, do gesto, da fala e da linguagem do corpo em comunicação com o meio. A dança é o corpo em diálogo com o mundo, um corpo que assume historicamente, múltiplos significados sociais, culturais e artísticos (Masini & Campos, 2015, sp.).

Na perspectiva de Béjart (1980) “*a dança não é apenas espetáculo*”, e pode ser considerada inclusive como potenciador de aprendizagem, de aquisição de conhecimento, de comunicação e criatividade, como opção de lazer, como ferramenta para o desenvolvimento pessoal, entre outros. Para o bailarino

a dança é uma das raras atividades humanas em que o homem se encontra totalmente engajado: corpo, espírito e coração. A dança é um esporte (só que completo). A dança é também uma meditação, um meio de conhecimento, a um só tempo introspectivo e do mundo exterior (Béjart, 1980, p. 9),

e não deve ser um privilégio daqueles que se dizem dotados, mas sim proporcionada na educação comum como uma matéria de valor estético, de peso formativo, físico e espiritual (Camargo & Fink, 2010). De acordo com Marques (1997),

ao contrário de uma visão histórica ingênua de que a dança não passa de «uns passinhos a mais ou a menos na vida das pessoas», hoje não podemos mais ignorar o papel social, cultural e político do corpo em nossa sociedade e, portanto, da dança. (p. 23)

1.1.2. A DANÇA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Falar em desenvolvimento humano é falar nas mudanças do ser humano desde a concepção até a morte, no entanto, apesar destas serem mais óbvias na infância, ocorrem durante toda a vida, sendo que, os fatores que as influenciam são tanto internos quanto externos (Papalia & Olds, 2000, como citado em Campão & Cecconello, 2008). Posto isto, optei pela não divisão do subcapítulo nas diversas faixas etárias, uma vez que não considero que essa seja a abordagem mais adequada. Acredito e defendo que não existe uma linha assim tão tênue que justifique fazer essa separação. Benefícios idênticos podem ser observados nas diferentes etapas, tornando-se por isso desapropriado fazer tal distinção. Contudo, este subcapítulo estará organizado cronologicamente.

É importante salientar que o desenvolvimento ocorre em vários domínios³, nomeadamente o físico, cognitivo e psicossocial. É neste sentido que entendemos que *“o ser humano possui múltiplas habilidades físicas, e a dança está relacionada, através do movimento corporal, com o seu crescimento e desenvolvimento”* (Falsarella & Amorim, 2008, p. 306), e por isso é, sobretudo nos dias de hoje, considerada uma prática artística e cultural, aliada à atividade física devido às suas próprias características e potencialidades. É também muito importante para qualquer pessoa independentemente da sua idade, uma vez que,

um corpo parado tem grandes tendências de sofrer com dores e possíveis problemas nas articulações, prejudicando assim a saúde. Da mesma forma uma grande preocupação do ser humano é com a sua aparência física, ou seja, possuir uma boa forma e certamente ter uma qualidade de vida melhor. Por isso, ao praticar atividades físicas, além de cuidar da sua aparência física, surgem também os benefícios para saúde. ... e aliá-la à dança se torna ainda mais prazeroso (Meier & Kaufmann, 2015, s.p.).

³ *“O desenvolvimento físico envolve as mudanças que ocorrem no corpo, no cérebro, na capacidade sensorial e nas habilidades motoras. O desenvolvimento cognitivo refere-se às mudanças que ocorrem na capacidade mental, como a aprendizagem, a memória, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. O desenvolvimento psicossocial está relacionado com a capacidade para interagir com o meio através das relações sociais, que proporciona a formação da personalidade e a aquisição de características próprias”* (Papalaia & Olds, 2000, como citado em Campão & Cecconello, 2008).

De facto, a dança beneficia não só o físico, como diversas áreas que constituem o ser humano, este que “*deve ser considerado o sujeito primordial e beneficiário direto do desenvolvimento*” (UNESCO, 2002, como citado em Silva, 2015, p. 22), cuja gestão se dá através de “*uma matriz de competências para o século XXI, baseadas na teoria de Jacques Delors, girando em torno do aprender a ser, aprender a fazer, aprender a conhecer e aprender a viver juntos*” (Kisi, Baroni & André, 2012, como citado em Silva, 2015, p. 7). É justamente neste contexto que se inclui a dança enquanto base para a criação de conhecimento, de manifestação do “eu”, de estímulo à criatividade, transformação, crescimento e promoção de diálogo, no fundo, enquanto contributo para o desenvolvimento humano nas diferentes dimensões e faixas etárias, que para os autores Papalia, Olds e Feldman (2006, como citado em Piovesan, J., et al., 2018, p. 44) se dividem em oito períodos do ciclo vital (consultar anexo 1). De forma simplificada traduzem-se nos períodos da infância, adolescência, fase adulta e velhice, reforçando a ideia de que a dança é a atividade mais indicada para promover o bem integral do ser humano (Meier & Kaufmann, 2015). Ainda assim,

é fundamental entender a dança como forma de conhecimento, ela trabalha tal qual uma pedagogia menos opressora e não somente como um entretenimento que se presta apenas ao divertir, mas também à formação do indivíduo. A dança pode, através de sua técnica e da sua linguagem diversificada, passar por qualquer classe social, por qualquer cultura e ainda assim falar sobre eles de um modo plural e único ao mesmo tempo (Carmo & Padovan, 2015, p. 3).

A dança é para qualquer um, e como já vimos, está presente na nossa vida desde sempre, sem sequer termos consciência. Recuemos, portanto, ao início, ao tempo do homem pré-histórico.

Depressa percebemos que este, antes de desenvolver a sua linguagem oral, utilizava movimentos ritmados para se comunicar (semelhante às crianças), fomentando assim ao longo do tempo a ideia de que a dança é algo instintivo e natural na infância. Porém, na antiguidade e na época medieval, o conceito criança era completamente díspar do conceito que hoje reconhecemos, tanto que não existiam sequer restrições morais sobre o infanticídio e sobre pedofilia. O que justifica a escassez de estudos e

investigações sobre o assunto. “*Na sociedade medieval o sentimento da infância não existia*”, pois, “*assim que a criança superava esse período de alto nível de mortalidade, em que sua sobrevivência era improvável, ela se confundia com os adultos*” (Ariès, 1981, p. 156-157), porém mais fracos e menos inteligentes. Nas palavras do historiador Leandro Karnal (2016), as crianças eram vistas como pequenos adultos, estúpidos e substituíveis. Foi apenas no século XIX que se abriram caminhos para o estudo científico do desenvolvimento infantil (Piovesan, J., et al., 2018, p. 47) que “*só foi possível porque também se modificaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a importância que foi dada ao momento específico da infância*” (Bujes, 2001, como citado em Caldeira, 2008, p. 4). No que tange a estudos sobre a dança enquanto contributo para o desenvolvimento infantil, autores como Nanni (1995); Spodek (1998); Papalia (2000) e Ralph (2010) demonstram interesse no assunto evidenciando sempre os benefícios desta arte.

“*Dançar é tão importante quanto falar, contar ou aprender geografia. É essencial para a criança, que nasce dançando, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante*” (Béjart, 1980, p. 10). A dança, mais do que uma representação do estado emocional da criança, é uma forma da mesma se expressar, para além de contribuir para o desenvolvimento físico, psicológico e cognitivo. É justamente durante a primeira infância que a criança começa a aprender, muito antes do início da educação formal (Heckman, 2007, p. 13). Esta é uma etapa determinante para o estabelecimento de habilidades fundamentais aprendidas pela mesma, pois é durante os primeiros anos de vida que se estabelece a arquitetura básica e a função cognitiva do cérebro (Mustard, 2010, p. 8), afetando, naturalmente, os restantes estágios do desenvolvimento. Daí a necessidade de se trabalhar com a criança de forma a promover um crescimento e desenvolvimento saudável.

Para Camargo e Fink (2010, p. 64), “*as atividades que utilizam o movimento têm a função de integrar, propor possibilidades de encontro consigo, com o mundo e com o conhecimento*”, e é neste sentido que percebemos como a dança proporciona à criança um estímulo para o desenvolvimento psicomotor, este que se caracteriza

pela maturação que integra o movimento, o ritmo, a construção espacial, o reconhecimento dos objetos, das posições, a imagem do nosso corpo e a palavra.

Assim, torna-se muito importante estimular o desenvolvimento psicomotor para que a criança se conscientize de seus movimentos corporais que expressam suas emoções e suas descobertas (Bueno, 1998, como citado em Lima, et al., 2012).

Por outras palavras, a dança possibilita à criança a descoberta do meio que a rodeia, de si e do seu corpo, possibilita maior compreensão e melhor relacionamento com os seus pares, bem como a testagem e conhecimento dos seus limites.

Outra contribuição que não devemos menosprezar é a ideia que a partir do conhecimento do seu próprio corpo, a criança aprende a percebê-lo, querê-lo e não se sentir nem inibida nem envergonhada ou incomodada por causa dele. Isso também ajuda a estabelecer uma melhor relação corporal com os demais (Stokoe, 1987, como citado em Meier & kaufmann, 2015, sp).

O mesmo se aplica às crianças que estão a entrar na adolescência bem como a todos os jovens que já se encontram nessa fase das suas vidas. Fase essa que pode ser considerada como *“uma das etapas mais extraordinárias da vida de um indivíduo. Isso porque é, em grande parte, nela que se formam as primeiras identidades e traços mais marcantes da personalidade”* (Belmiro, 2018, sp).

De acordo com a WHO, a adolescência é o período de transição da infância para a idade adulta, correspondendo à faixa etária dos 10 aos 19 anos (consultar tabela 1). Esta, caracteriza-se como sendo uma fase complexa, de grande instabilidade (Belmiro, 2018), e de extrema importância no desenvolvimento, onde se evidenciam uma série de transformações e mudanças, nomeadamente físicas, psicológicas, cognitivas e sociais (Faria, 2015), afetando o modo como os adolescentes pensam, sentem, tomam decisões e interagem com o mundo ao seu redor. Por isso, e tendo em conta a rapidez com que os jovens experienciam todas estas alterações, é natural que aconteçam conflitos internos e externos (Martins, 2020), sendo a dança um poderoso contributo para a resolução destes processos conflitantes, assim como facilitador do desenvolvimento *“da dimensão afetivossocial nos jovens ... em fase escolar, colaborando para o desenvolvimento das potencialidades humanas pela construção da afetividade e da interação do sujeito de forma dialógica e crítica no mundo social”* (Figueiredo, 2011; Marques, 2010; 2014;

Silva, Alves & Ribeiro, 2010, como citado em Silva, 2015, p. 29). É neste sentido que se reconhece à dança o papel de intermediário para a descoberta do corpo e a forma como o mesmo se expressa (Marques, 2010; Peres, 2013, como citado em Silva, 2015, p. 31), assim como o de auxílio para o equilíbrio emocional.

Segundo Le Breton (2007, p. 7), *“do corpo nascem e se propagam significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo”*, e é nesta perspectiva que entendemos a importância da sua relação com a dança, uma vez que *“através do dançar podemos transformar e melhorar aquilo que somos, descobrindo nosso próprio corpo, suas capacidades e limitações”* (Vieira, 2011, p. 228), contribuindo para o desenvolvimento de sensações, percepções, pensamentos, ideias, atitudes, comportamentos e posicionamentos, que serão favoráveis para uma potencial transformação pessoal e social (Marques, A., 2011, como citado em Silva, 2015, p. 37). Para além disso, e de acordo com Read (2007), a dança pode apresentar-se como uma forma de expressão e de conhecimento, servindo como uma alavanca para envolver o jovem, de maneira crítica e participativa na sociedade. Também as escolas têm procurado cada vez mais adotar um currículo escolar diversificado, e por isso tem sido recorrente, nos dias de hoje, enfatizar a prática da dança nas escolas, uma vez que, para além dos benefícios para a saúde, corpo e mente, a dança contribui para o processo de *“construção da identidade corporal”* (Furhmann, 2014) e para a inserção e formação escolar, apelando à adoção de um sistema de ensino menos rígido que permita às crianças e aos jovens liberdade para ser, pensar e sentir, e que lhes permita também desenvolver, através da arte, a criatividade, competências pessoais e de sociabilização. Sem esquecer do seu forte contributo nas relações intra e interpessoais, bem como para a compreensão desde cedo das suas emoções, para que mais tarde saibam identificá-las e trabalhá-las de forma saudável. A dança possui também uma vertente pedagógica, no sentido em que trata questões que, segundo Fernandes (2009), *“permeiam a educação dos nossos tempos”*, ou seja, a dança para a autora *“apresenta novos olhares para o ser humano, mostra o quanto ele pode criar, expressar, aprender, socializar e cooperar.”* Neste sentido, e para McCutchen (2006, p. 5), a dança *“affects the total education of a child ... educates and inspires the young. It stretches the body and the mind.”* Além disso, *“favorece o desempenho do processo criativo, o desenvolvimento de competências afetivas, cognitivas e sociais dos*

estudantes, promovendo a equidade cultural e reduzindo os riscos sociais” (Silva, 2015, p. 47).

Tabela 1 -Fases da adolescência

<p>PRÉ-ADOLESCÊNCIA 10/14 anos</p>	<p>Fase marcada pela puberdade. É quando nasce a intimidade do indivíduo e o despertar do próprio “eu”, quando se reconhece a crise do crescimento físico, psíquico e a maturação sexual. No entanto, não existe ainda a percepção e clareza daquilo que se está a enfrentar. É a primeira vez que o indivíduo toma consciência de suas limitações e fraquezas, e se sente indefeso por causa delas. O desequilíbrio emocional também está presente e reflete-se na sensibilidade e irritabilidade de forma exagerada. O adolescente não está em sintonia com o universo dos adultos e acaba, muitas vezes, por se isolar ou procurar refúgio no grupo de amigos.</p>
<p>ADOLESCÊNCIA 15/19 anos</p>	<p>O jovem passa do despertar do “eu” para a descoberta consciente do “eu”, ou da própria intimidade. A introversão tem agora um lugar mais evidente, pois o adolescente sente necessidade de viver dentro de si mesmo. Por essa razão, a timidez é tão característica desta etapa. É aqui, por exemplo, que surge a necessidade de amar e a vivência do “primeiro amor”, ainda que ele seja platônico. Os conflitos internos desta fase são explicados, basicamente, pelo medo da opinião alheia, motivado pela desconfiança em si mesmo e nos outros, mas também por um sentimento de inconformismo e agressividade, provocados pela frustração de ainda não poder responder por si mesmo.</p>
<p>JUVENTUDE 15/24 anos</p>	<p>Etapa final da adolescência e início da fase adulta, o jovem começa a compreender-se e percebe mais claramente a sua integração no mundo. Apresenta um significativo progresso na superação da timidez e mostra-se menos vulnerável às dificuldades. Não à toa, este período coincide com a época de tomar decisões: futuro, estudos, profissão. O jovem, de facto, começa a projetar a sua vida e estabelece relações mais pessoais e profundas.</p>

Fonte: Autoria própria com base em Belmiro, 2018.

Já na fase adulta podem observar-se benefícios idênticos, pois tal como foi mencionado anteriormente, não existe de facto uma linha que os separe, e por isso, a dança para os adultos, assim como para as restantes faixas etárias, é uma excelente atividade para o corpo e mente, uma vez que trabalha a coordenação motora e

concentração, enquanto proporciona momentos de prazer e criatividade. Para além disso,

é uma ótima oportunidade para as pessoas se reconectarem com o próprio corpo. Através dos movimentos é possível desenvolver o autoconhecimento, equilíbrio, bem-estar, ativando a memória, trabalhando as habilidades físicas, adquirindo resistência e tônus muscular, além de flexibilidade e maleabilidade nas articulações, tão importantes para manter a saúde do corpo (Primeiro ato, 2020b, sp).

É igualmente comum, com o decorrer dos anos, o indivíduo estar exposto a situações de estresse, seja devido a responsabilidades profissionais e domésticas inerentes à idade, seja por questões financeiras e/ou falta de tempo. E isso vai influenciar, evidentemente, o tipo de interação estabelecida com o outro, originando problemas de socialização. Pelo que a dança demonstra ser um excelente aliado para ultrapassar estas barreiras, promovendo momentos de descontração onde socializar se torna mais fácil, isto porque *“os ambientes em que se desenvolve a dança, tanto aulas quanto eventos festivos como apresentações, festas e bailes, promovem a interação de pessoas com objetivos e interesses comuns”* (Lopes, 2020, sp). Assim, ao dançar, o adulto vai desenvolvendo competências sociais, sem pressão e de forma natural, melhorando evidentemente as relações interpessoais. Curiosamente, e apesar dos variados benefícios que a dança apresenta, a necessidade/vontade de pertencer a um grupo foi o motivo mais procurado entre adultos, segundo um estudo feito por Alencastro e Pinto (2015) a mulheres com mais de 40 anos de idade já praticantes de ballet clássico. Segundo os autores (Alencastro & Pinto, 2015),

quando vemos sua atuação em sala percebemos uma interação, vista como acima da média em suas relações, preocupam-se que todas do grupo consigam acompanhar os exercícios propostos, ajudam-se em tempos musicais e outras situações de sala, soma-se a isso interesses em suas atividades exteriores, como família, trabalho e amigos. (p. 304)

Para além da carga de responsabilidades e preocupações, o adulto enfrenta também, nessa fase, alterações biológicas, psicológicas e sociais (Delabary et al., 2014, p.17). E para Santos e Antunes (2007),

apresenta-se com novas responsabilidades, em novos referenciais de existencialidade, em novas conquistas, em busca de um maior entendimento desta importante e mais abrangente etapa da vida humana. Por ser a fase mais longa da existência do ser humano, merece especial atenção. (p. 150)

Assim, e na qualidade de preventor de doenças, a dança é também um ótimo aliado para prevenir estados de saúde débeis e manter o equilíbrio corpo/mente, uma vez que “*é considerada uma das atividades físicas mais seguras para pessoas de diferentes idades e biótipos. Isso porque ela pode ser facilmente adaptada para as necessidades de quem a pratica*” (Primeiro ato, 2020b). Para a regularização hormonal, a dança apresenta excelentes resultados no combate à produção de cortisol (hormona do estresse) em níveis preocupantes e prejudiciais para o corpo (Primeiro ato, 2020b), “*funcionando como um « tiro mágico » contra a tensão*” (Alpert, 2011, como citado em Lopes, 2020, sp), assim como apresenta eficácia no “*aumento dos níveis de endorfina (hormona do bem-estar) no organismo*” (Lopes, 2020, sp), tornando-se assim benéfica no combate e tratamento de problemas como a ansiedade, estresse e depressão. Ainda enquanto contributo para a saúde do cérebro, segundo Alpert (2011, citado em Lopes, 2020, sp), a dança ajuda a fazer novas conexões e a trabalhar mais rápido. “*Provoca efeitos positivos na memória, na habilidade multitarefa e na atenção*” (Lopes, 2020, sp).

Com a exposição às facilidades da vida moderna a que todos nós estamos sujeitos, a hipocinesia⁴ “*que vem sendo mantida ou agravada pela atual «era digital»*” (Glaner, 2003, p. 76) começa também ela a ser motivo de maior preocupação e alarme, uma vez que, até “*o próprio lazer é sedentário*” (Glaner, 2003, p. 76). Desta forma, a dança assume assim um papel igualmente importante no combate ao sedentarismo, promovendo estilos de vida ativos e conseqüentemente mais saudáveis.

⁴ Diminuição da capacidade funcional.

Envelhecer com saúde, autonomia e independência, o máximo tempo possível, constitui, atualmente, um desafio à responsabilidade individual e coletiva (Direção Geral de Saúde, 2004, como citado em Varregoso, et al., 2016), para além disso, é importante compreender que *“começamos a envelhecer na altura da concepção e continuamos, dia após dia”* (Lima, 2010, p. 10). E embora este seja considerado um processo complexo e ao mesmo tempo previsível, não é sinónimo de velhice. No entanto, quem se encontra nesta fase de vida, foi naturalmente vivenciando todas as mudanças e transformações próprias do desenvolvimento e crescimento, pois com o passar dos anos é expectável que tal aconteça. Ainda assim, importa reforçar que, para Sousa (2015, como citado em S. Martins, 2019, p. 11), *“a velhice é o resultado do processo de envelhecimento”* e que, somente na época moderna passou a ser vista como um fenómeno de alguma representação e importância devido ao aumento do número de pessoas idosas (Sousa, 2015 como citado em S. Martins, 2019, p. 11). Como tal, e uma vez que a dança contribui para o bem-estar físico e mental do ser humano independentemente da idade em que este se encontre, a sua prática apresenta, evidentemente, excelentes benefícios também para os idosos, na medida em que promove a inclusão e integração, combate a solidão e contribui para um envelhecimento ativo e saudável. E, portanto, nesta que é considerada a última fase de vida em que é claramente/nitidamente perceptível uma *“diminuição progressiva da capacidade funcional, ... falta de motivação para planear o futuro, atitudes infantis para mendigar afetos, novos medos (eg.: sobrecarga de familiares, solidão, morte) e a tendência à depressão, à hipocondria ou somatização”* (Pereira, 2012, p. 19), a dança desempenha um importante papel face a estas adversidades, tanto de forma preventiva como resolutiva.

“De entre as várias atividades humanas, a Dança é aquela que reúne atividade corporal e atividade artística, numa simbiose que, norteados os contextos de prática, pode resultar numa vivência de grande bem-estar” (Varregoso, Machado & Barroso, 2016, p. 255). Para além de segura, proporciona a todos aqueles que a praticam momentos de alegria e divertimento, resultando em momentos de socialização. Uma vez que este é também um período marcado pela reforma, em que existe naturalmente mais tempo livre, a dança pode igualmente contribuir para que se desenvolva um sentimento de pertença, assim como *“caminhar para uma responsabilidade conjunta num horário a cumprir e num tempo que se preenche. Pode representar a descoberta de capacidades*

desconhecidas, de momentos de folguedo despreocupado, de desafios ou de partilhas. De convívio, de relacionamentos, de encontros” (Varregoso, Machado & Barroso, 2016, p. 257). As autoras acrescentam ainda que *“a envolvência do corpo em movimento concede à dança um caráter de exercitação que, para os mais velhos, é extremamente significativo, e valoriza o bem-estar físico, psicológico e social”* (Varregoso, Machado & Barroso, 2016, p. 257), como já mencionado anteriormente.

Segundo Fortes (2008, p. 426), *“a dança adaptada à terceira idade é uma forma de interação do idoso consigo mesmo e com o meio em que está inserido”*, o que permite o autoconhecimento, a superação, encarar novos desafios, desenvolvimento, e mais predisposição para realizar. É justamente neste seguimento, e tendo em conta a relevância desta arte em todas as dimensões (consultar tabela 2) que constituem o ser humano, que podemos observar um conjunto de benefícios entre eles, e segundo Silva (2015), melhoria nos padrões motores, rítmicos, temporais, espaciais e posturais, habilidades e capacidades motoras.

Tabela 2 – Benefícios da dança nas diversas dimensões do ser humano na velhice.

FÍSICO/FISIOLOGICO	<ul style="list-style-type: none">- Combate ao desuso e melhoria da funcionalidade;- Melhoria da função educativa a nível motor e corporal (e postural);- Melhoria cardiorrespiratória e retardamento de algumas doenças;- Melhoria dos fatores rítmicos, orientação temporal e espacial;- Descoberta da corporalidade e expressão coletiva;- Descoberta, domínio, controlo do próprio corpo e movimento;- Descoberta da corporalidade e expressão coletivas.
COGNITIVO	<ul style="list-style-type: none">- Treino das competências de conhecimento, atenção, concentração, memorização, resolução de problemas;- Desenvolvimento do sentido crítico e estético.
PSICOLÓGICO	<ul style="list-style-type: none">- Autoconhecimento e desenvolvimento pessoal;- Melhoria da capacidade criativa;- Sensação de satisfação, melhoria da autoestima;- Sensação de alegria, bom humor, divertimento e entretenimento;- Melhoria da saúde mental e prevenção de ansiedade, stress, depressão.

SOCIAL

- Maximização do contato social;
- Melhoria da atitude social (indução à cooperação e partilha);
- Confere o sentimento de pertença (a um grupo).

EXPRESSIVO

- Compreensão e educação das emoções (suas e dos outros);
- Uso da simbolização.

COMUNICATIVO

- Descoberta e uso da comunicação não-verbal;
- Diversificação das interações.

Fonte.: Autoria própria na construção da tabela. Informação de Varregoso, 2004; Leal & Haas, 2006; Fortes, 2008; Varregoso, 2010a; Araújo, 2011; Gilbert, 2015, citado em Varregoso, Machado & Barroso, 2016.

1.2. IDENTIDADES PESSOAIS E PROCESSOS DE RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

“Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens”

- José Saramago

“Numa primeira aproximação, parece ser fácil definir «identidade»” (Silva, 2000, p. 11), afinal, todos temos um nome, uma data de nascimento e uma orientação sexual, somos homens ou mulheres, mais novos ou mais velhos, e por isso, a resposta à pergunta «quem sou eu?» tende a ser simples. Nós, os seres humanos, temos tendência a reduzi-la a “superficialidades”, limitando-a à informação contida nos registos oficiais (ex.: cartão de cidadão), como se nada mais tivéssemos sido e vivido, experienciado e sentido. Como se o passado, presente e futuro não se correlacionassem, e a linha entre tempos não se esbatesse. Como se não tivéssemos permissão para nos sentirmos de outro país, mesmo não sendo aquele em que nascemos, como se não pudéssemos rejeitar os rótulos que nos foram colocados. Como se tivéssemos de continuar a viver como médicos, professores, advogados, atores, ... para o resto da vida porque em algum momento o fomos. No entanto, entendemos que para Giddens (2008, p. 29), algumas

das principais fontes de identidade são exatamente essas, o género, a orientação sexual, a nacionalidade ou a etnicidade, e a classe social.

Contudo, falar de identidade é ir mais além, é fugir de redutoras concepções, e olhá-la através de outros ângulos. Aliás, “*o conceito de identidade pressupõe, na análise sociológica, um enorme jogo de sentidos e contra-sentidos*” (Fialho, 2017, p. 140), ou seja, para Fialho (2017),

se para o cidadão comum é certo que o seu documento de identificação civil traduz quem ele é, designadamente, nome, filiação, data de nascimento e outros elementos pessoais, para o sociólogo, a sua capacidade analítica e de construção de conceitos tornam-o distante do pragmatismo desta análise simplista das noções. (p. 140)

E é neste sentido que me debruço no entendimento do conceito identidade que será fundamental para este estudo, uma vez que se pretende conhecer quem foi, é, e quem tenciona ser o sujeito da investigação. Conhecer os seus projetos, conhecer as suas trajetórias, conhecer o que/quem a marcou. Perceber como a dança impactou esse processo de construção do seu “EU”, conhecer o todo e não somente partes, porque

a identidade de uma pessoa não é um patchwork, é um desenho sobre uma pele esticada; se se tocar numa só das pertenças, é toda a pessoa que vibra. A identidade não se reparte em metades, nem em terços, nem se delimita em margens fechadas (Maalouf, 2002, p. 57)

Talvez por isso seja complexo falar do conceito identidade, este que, segundo Borges (2007, p. 92), possui múltiplas facetas, na medida em que se pode defini-lo como “*um conjunto de referentes materiais (passaporte, carta de condução), sociais (trabalhador, cônjuge, pai) e subjetivos (amador de golfe, de esqui, cozinheiro, etc) escolhidos para permitir uma definição de um ator social*” (Campeau et al, 1998, como citado em Borges, 2007, p. 92). Também Dubar (2000, como citado em Vieira, 2009, p. 37) se pronuncia sobre o conceito, referindo-se a este como “*uma incessante definição de si próprio*”, levantando questões um tanto filosóficas para alguns, inquestionáveis para

outros, e fundamentais para os restantes. Questões como: quem sou e o que sou, o que quero ser e o que fui, que projetos tenho, e qual o meu papel no mundo. Por outras palavras, a procura constante do “eu”, do “eu” ontem, do “eu” hoje, e do “eu” amanhã. É justamente neste seguimento que Vieira (2009, p. 37) afirma que a construção da identidade “*consiste em dar um significado consistente e coerente à própria existência, integrando as suas experiências passadas e presentes, com o fim de dar um sentido ao futuro*”. Desta forma entendemos que para além de ser um “*fenómeno complexo e multifacetado, a identidade é algo que se vai construindo ao longo das nossas vidas*” (Borges, 2007, p. 96), resultante também da relação com os outros. No entanto, há que ter em conta que este processo de construção identitária nem sempre é fácil, simples e pacífico, pois em alguns casos pode gerar “*uma angústia e uma desorientação individual que, socialmente, podem ter efeitos perniciosos na vida*” (Freitas, 2015, p. 11), nem é apenas determinado pelo contexto em que decorre o processo de socialização (Margarido, 2011, p. 81). É justamente neste contexto que se entende que falar de identidade e do seu processo de construção implica falar em relações interpessoais, implica falar de integração, de adaptação e cultura. Posto isto, Dubar (1997) apresenta “*o conceito de identidade como sendo o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural dos diversos processos de socialização que simultaneamente constroem os indivíduos e definem as instituições*” (como citado em Fialho, 2017, p. 139).

Naturalmente que nos referimos a nós enquanto seres complexos, individuais, únicos, e toda uma pluralidade de adjetivos que conduzem à mesma conclusão. Como tal, reagimos de formas diferentes e vivemos contextos também diferentes, embora semelhantes em determinadas situações, o que faz com que essas variantes influenciem a forma como cada um de nós vive todo o processo. Ou não seria a identidade construída “*num processo contínuo e dinâmico, sendo o resultado de todas as vivências, experiências e contacto com os outros*” (P. Martins, 2019, p. 8). Como enuncia Baldwin (2005, como citado em Margarido, 2011, p.80), “*um homem é um resultado social ao invés de uma unidade social. Ele é sempre, na sua maior parte, também outra pessoa*”, por outras palavras, e nas de Margarido (2011),

o indivíduo estabelece os seus comportamentos em estreita relação com o meio que o rodeia, desenvolvendo estratégias de sobrevivência que, ao longo das

gerações subsequentes, se vão tornando, elas próprias em rituais construídos a partir da herança social. (p. 80)

Contudo, importa destacar que o processo de construção de uma identidade não é estável, muito menos linear (Fialho, 2017), e sim complexo e dinâmico, na medida em que, de acordo com Fialho (2017),

em primeiro lugar, cada um de nós pode recusar uma identificação e se definir de outra forma e, por outro lado, sendo um processo construído socialmente, altera-se de acordo com as mutações sociais dos grupos de referência e de pertença a que estamos associados, conforme estes alteram as suas expectativas, valores influentes e configurações identitárias (p. 142).

Podemos assim considerar a identidade como resultado de um conjunto de comportamentos, características e atitudes incorporados pelos indivíduos a partir dos papéis assumidos em diferentes contextos, como a família, os amigos e os espaços profissionais (Dubar como citado em Pires et al., 2019). Além disso, Vieira (2009, p. 12) quando nos diz que *“somos, efetivamente, cada vez mais, multiculturais, interculturais às vezes, mestiços, compósitos, translocais e menos monolíticos”*, demonstra estar em concordância com os autores, subentenda-se, na medida em que enfatiza também, segundo palavras de Margarido (2011, p. 80), *“a importância das determinações sociais, mesmo reconhecendo a insuficiência das mesmas, por si só, de dar conta da diversidade dos indivíduos e das trajetórias concretas onde essas determinantes se atualizam e recontextualizam”*. Neste seguimento, Hall (2006) levamos a refletir sobre a concepção do sujeito pós-moderno, que vai ao encontro do que tem sido mencionado, na medida em que aborda/trata a ideia de indivíduo sem identidade fixa ou permanente, uma vez que

o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. A identidade plenamente

unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, 2006, p.13)

A realidade é que “*não somos apenas uma única coisa facilmente definível e não somos apenas de um sítio, de um lugar. Não nos sentimos de uma única terra; vivemos em mais que um lugar*” (Vieira, 2009, p. 12). Pensemos, portanto, na identidade de uma forma dinâmica, «em trânsito, em gerúndio» (Maalouf, 2002), porque somos um “*«produto» inacabado, mestiço e compósito*” (Margarido, 2011, p. 49), dado que vivemos cada vez mais entre mundos, entre realidades e contextos diferentes, de trocas e partilhas. De projetos pensados no presente, para o futuro, com referências no passado. E “*é por isso que não nos podemos pensar como seres estáticos*” (Vieira, 2009, p. 34). “*Há sempre algo que se altera em nós a partir das relações - que estabelecemos com o outro. Existem sempre trocas entre ambos. E é dessas trocas com um outro que vamos construindo as nossas próprias aprendizagens* (cf. Vermeulen, e Govers, 2004, como citado em Vieira, 2009, p. 34).

Porém, não esqueçamos que a identidade assume um papel de identificação, como o próprio nome indica, que nos é necessário por vivermos em sociedade, pois como defendia Aristóteles, “o Homem é um animal social”. Assim, e segundo Fialho (2017, p. 142) “*a identidade, enquanto característica singular de um indivíduo que o distingue do outro, implica, paradoxalmente, uma dualidade: a identidade pessoal (ou a identidade para si) e a identidade para os outros*”.

Reforçando a ideia defendida por autores como Margarido (2011) e Vieira (2009), Sacristán (2003, como citado em P. Martins, 2019, p. 8-9), constata que “*a identidade é uma construção onde se combinam crenças, valores e sentimentos que compõem cada um de nós. A nossa identidade é alimentada por diversos contextos sociais onde estamos e participamos*”, daí a sua complexidade. Lipiansky (1998a, como citado em Borges, 2007, p. 92) acrescenta também a ideia de paradoxal, uma vez que, para o autor, a identidade “*designa o que é único: distingue-se e diferencia-se*

irredutivelmente dos outros”. Por outras palavras, a identidade desafia a lógica, e que na minha interpretação poderá querer dizer que o facto de ser considerada como algo que de alguma forma nos categoriza, e que permite que nos integremos na sociedade e pertençamos a grupos, também nos “afasta” por esse mesmo motivo, por sermos seres únicos, diferentes de todos os outros, ainda que semelhantes. Tanto que Borges (2007, p. 91) demonstra isso mesmo, para o autor, “*todos temos algo que nos distingue dos outros e que ao mesmo tempo nos aproxima, por forma a que nos sintamos parte de um grupo, de uma sociedade... Todos nós temos múltiplas identidades que se interligam*”, que permitem “*ressaltar as interdependências que fazem com que os indivíduos sejam à vez profundamente parecidos e tão profundamente únicos e diferentes*” (Campeau et al., 1998, como citado em Borges, 2007, p. 91). Tanto que, mais uma vez reforço a ideia de que a identidade jamais será fixa, sobretudo estando nós no período da história mais globalizado que há memória, tendo até em conta todas as trocas quem têm sido feitas ao longo de milhares de anos, como o diálogo entre culturas, o fazer e ser dos que se cruzam connosco, da receção e interação que vamos estabelecendo com os outros. Como explica Hall (2006, p. 89) a identidade não é e nunca será unificada, no velho sentido, porque ela é irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertence a uma e, ao mesmo tempo, várias «casas».

1.3. MEDIAÇÃO INTERCULTURAL E INTRAPESSOAL

A mediação sempre existiu pois “*sempre houve, nas tribos ou povoações, sábios a quem se recorria com toda a naturalidade, que traziam sossego às pessoas diferentes, seres que eram alicerces de fraternidades*” (Six, 1990, como citado em Torremorell, 2008, p. 11). Pessoas cuja sabedoria e empatia eram muitíssimo valorizadas e reconhecidas pela comunidade em que se inseriam, cujo propósito se destinava a intervir com e para o outro, fosse através da diminuição de hostilidades, de melhorias da comunicação, fosse através do trabalho interno para uma maior compreensão do conflito, do outro e de si próprio, passando pela facilitação de relações interpessoais, assim como o estímulo da criatividade e trabalho em grupo (Torremorell, 2008, p. 63). Porque no fundo, mediar significa isso mesmo,

significa estar entre, e estar “entre” significa estar dentro, e estar “dentro” significa conhecer e compreender sistemas culturais diferenciados (ou lógicas de ação que remetem para diferentes formas de organização do mundo social) potencialmente conflitantes pela dificuldade de percepção das diferentes racionalidades e interesses que subjazem à ação, racional e não racional, dos atores sociais (Casa-Nova, M. J., 2009, p. 61).

Apoiando-se no conceito de Maria José Casa-Nova, Vieira, R., e Matias, C. (2018, p. 34) salientam que mediar significa também «intervir» e «interceder», mantendo em simultâneo aquilo a que se chama de distância ótima, ou seja, a distância necessária para ver clareza, possibilitando ao mediador estar dentro e estar fora de forma a conhecer e compreender sistemas culturais distintos, sem renunciar à própria cultura, numa tentativa de autonomizar pessoas e/ou grupo(s), o chamado *empowerment*. Não obstante,

é fundamental um exercício reflexivo constante sobre o seu próprio mundo cultural, os mundos culturais dos “outros” e o significado de estar entre-dentro para que se torne possível a construção de diálogos multilaterais e, conseqüentemente, de sociedades interculturais ou de uma vivência conjunta que, na perspectiva dos protagonistas da ação, não se apresente como fragilizadora dos seus quotidianos e projetos de vida (Casa-Nova, M. J., 2009, p. 68).

Espera-se por isso que o mediador⁵, enquanto ator também ele socializado para um determinado entendimento do mundo social, seja alguém capaz de estar entre margens e sistemas, que saiba situar-se sem comprometer a sua intervenção no processo de mediação, que delineie estratégias que fomentem as trocas culturais, e que adote uma posição “*de igual para igual, sem hierarquias de culturas dominantes e dominadas, sem*

⁵ Com o termo mediador, entenda-se que pode ser uma pessoa, várias pessoas e até instituições que assumem a função de ponte entre margens, entre culturas, sistemas, sociedades, etc.

reduccionismos ou permissões” (R. Vieira & Matias, 2018, p. 33) sem se posicionar, portanto, do lado da cultura hegemónica. Frisando que o seu trabalho de intervenção passa naturalmente pela facilitação da comunicação, promoção de autonomia e coesão social. Para além do referido, deve da mesma forma reunir condições e esforços para a promoção e criação de laços, bem como o empoderamento dos sujeitos, apresentando sugestões de intervenção para um melhor entendimento e convivência, sem nunca utilizar a imposição, auxiliando simultaneamente a participação e legitimidade das partes envolvidas permitindo-lhes assumir a responsabilidade que implica delinear a resolução da sua disputa (Cobb, 1997b, como citado em Torremorell, 2008, p. 31). O mediador, deve assim assumir uma intervenção holística, privilegiando uma hermenêutica multitópica (A. Vieira, 2013, p. 101), bem como a multiparcialidade (Torremorell, 2008, p. 24), ou seja, tomar partido por todos, ao invés de se reger em função da neutralidade e imparcialidade (conceitos frequentemente associados à figura mediadora). Já dizia Galtung (1995, p. 368), que “*a única maneira de ser neutro é estar morto*”. Para além disso, nas palavras de S.Horowitz (1998, como citado por Torremorell, 2008, p. 62), o mediador é também considerado como «monitor emocional» na medida em que “*dá feedback, orienta e mantém o clima emocional*”, prestando auxílio a ambas as partes, através do diálogo, permitindo que as mesmas reflitam sobre as suas emoções. Por sua vez, C.W. Moore (1995, como citado por Torremorell, 2008, p. 62) considera-o como um “explorador de problemas” por utilizar a escuta ativa, por permitir que ambas as partes questionem e reformulem, por fazer uma contextualização e tentar chegar ao cerne da questão procurando sempre a intervenção/solução mais adequada e consensual a adotar, juntamente com os mediados.

Embora a mediação seja comumente pensada, numa primeira instância, enquanto método de resolução de conflitos, “*considerado inicialmente como sistema alternativo*, (Bazán, 1996, como citado em Torremorell, 2008, p. 19), esta vai muito para além disso “*protagonizando um projeto de mudança por via da construção de canais de diálogo e de capacitação para a participação nas esferas sociais, políticas e económicas de populações que tendencialmente delas se mantêm afastadas*” (Freire, et al., como citado em Projeto Mediadores Municipais, 2010, p. 15). Aliás, segundo Corbo (1999, como citado em Torremorell, 2008, p. 21), a mediação é “*uma forma de gestão de vida social e, portanto, é uma transformação cultural*”. Porém,

no fundo da mediação entendida como «resolução de conflitos» há uma visão muito maniqueísta de luta entre o Bem e o Mal, uma procura que tenta suprimir de forma radical o conflito como se fosse o Mal, aquilo que impede os seres e as sociedades de existirem verdadeiramente em concórdia (Torremorell, 2008, p.20).

Com a globalização, e com a diversidade cultural cada vez mais exposta, surge a necessidade de se trabalhar a convivência, o respeito, a aceitação, ao invés da tolerância. Porque *“ser tolerante não basta ... e se se tolerar a intolerância, aceita-se a injustiça”* (A. Vieira & R. Vieira, 2016, p. 32) uma vez que somos constantemente confrontados com novos contextos e realidades, com diversas formas de viver, estar e ser, e com variadas identidades de múltiplas pertencas, pois como nos diz Jares (2007) somos seres interculturais e mestiços, portadores de cultura(s) dinâmica(s) [...] socializados, cada vez mais, em contextos multiculturais. É, portanto, neste sentido que surge a mediação intercultural. Como método/estratégia de intervenção social que contraria os processos de integração monolíticos, que procura desenvolver a capacidade de ouvir atentamente o outro, bem como a compreensão e respeito, visando à inclusão intercultural, e que nos *“remete, sempre, para a ideia do terceiro lugar, terceira pessoa, mestiçagem, cultura(s) dinâmica(s), interculturalidade e (trans)formação dos sujeitos e culturas envolvidas, ao invés de culturas consideradas fechadas em determinado grupo social”* (A. Vieira & R. Vieira, 2016b, p. 69).

Nas palavras de Carlos Fuentes (2002, como citado em Matias, 2016, p. 41) *“só uma identidade morta é uma identidade fixa, pelo que o envolvimento e a permuta cultural são determinantemente enriquecedores.”* No entanto, não esqueçamos que é justamente a relação que se estabelece com o outro no quotidiano que propicia o desenvolvimento de tensões, designadas para a autora como *“tempero das relações humanas”* (A. Vieira, 2012, p. 31). É também em virtude dessas relações estabelecidas que se geram eventuais conflitos, conseqüentemente desencadeados pelo desencontro cultural, na medida em que todos dispomos de diferentes pontos de vista, de diferentes ideias, prioridades, valores, bem como interesses e capacidades. Por esse motivo, considere-se a diferença como algo positivo, gerador de conhecimento e riqueza cultural, como método de aprendizagem e enquanto ferramenta para promover e

melhorar relações, entendimento e comunicação entre pares. A autora refere ainda a urgência em *“desconstruir este essencialismo do conflito, como se de um corpo atingido por uma bactéria se tratasse. Temos de aprender a pensar de forma mais relacional e não nos casos/pessoas como coisas descontextualizadas”* (A. Vieira, 2012, p. 31). Tentar acabar com o conflito seria uma tentativa “fracassada”, pois para Mendel (1974, como citado em Amaral & Ramos, 2018, p. 36) *“o conflito é o estado natural do homem”*, considerado como algo inerente à condição humano. Na opinião de Cohen (1995), Matias (2016) e Pallarés (1983) o conflito pode ser um verdadeiro potenciador da mudança social, e por isso, na mediação *“mais do que procurar minorar tensões existentes entre indivíduos ou grupos, trata-se de promover relações interpessoais positivas impulsionadoras de atividade, de criatividade e de solidariedade. De humanidade, portanto”* (Carvalho & Batista, 2004, p.72).

Para Pierre Cost (1992 como citado em Chopart, J-N, 2006, p. 152), mediação é *“um modo de lidar com a ordem estabelecida, de tornar mais subtis os princípios das instituições face às diferentes formas de marginalização”*, uma vez que, como sabemos, a ordem estabelecida é ainda bastante conservadora. É justamente esse o motivo que leva à perpetuação e estigmatização de problemáticas sociais, dificultando o trabalho de quem reúne esforços para desenvolver competências sociopedagógicas, e quem diariamente combate a exclusão, segregação, a desigualdade e a injustiça. É justamente a constante modificação e evolução dos contextos sociais que obriga a novos desafios profissionais. Nas palavras de Almeida (2001), a mediação afirma-se como *«método de transformação social e cultural»*, como *«modo de regulação social»* ou como *«meio alternativo de resolução de conflitos»*, pelo que coexistem uma variedade de práticas numa sociedade cada vez mais heterogénea, quer do ponto de vista social e cultural, quer do ponto de vista étnico.

Para além de poder ser resolutive, a mediação intercultural posiciona-se, além do mais, numa perspetiva preventiva e transformadora da sociedade, e, portanto, das relações entre pessoas de diferentes culturas, bem como construtora de espaços de (con)vivência. Realmente tem sido cada vez mais visível a sua presença em diversos contextos e com variados grupos, assumindo um papel de relevo na intervenção social, alargando-se com o passar do tempo a formas de intervenção promotoras da coesão, da cidadania e dos laços sociais. Desta forma, parece bastante evidente que a mediação intercultural transpõe vários domínios do social bem como as mais variadas formas de

mediação (comunitária, escolar, familiar, laboral, jurídica, etc. Ainda assim, e como tem sido tratado no decorrer no capítulo, podemos “agrupar” a mediação em três tipos,

a preventiva⁶ que consiste em facilitar a comunicação e a compreensão entre pessoas com códigos culturais diferentes; a reabilitadora⁷ que é a que mais se aproxima da resolução de conflitos de valores, próxima da mediação de conflitos [...]; e finalmente, a mediação criativa também designada de transformativa⁸ por buscar a criação de novas normas, novas ações baseadas em novas relações entre partes (A.A. V.V., 2008, p. 99).

Para Carvalho e Baptista (2004),

são as práticas da relação, da mediação e da hospitalidade que permitem transformar o mundo numa casa para todos os seres humanos. É, pois, nesse sentido que os educadores devem ser valorizados como promotores das chamadas redes sociais, tanto primárias como secundárias ou terciárias. (p. 93)

Na conceção de Bush e Folger (1996, citado em Torremorell, 2008),

o processo de mediação «tem um potencial específico de transformação das pessoas – que promove o crescimento moral – ao ajudá-las a lidarem com as circunstâncias difíceis e a ultrapassarem as diferenças humanas por meio do próprio conflito. Esta possibilidade de transformação tem origem na capacidade da mediação para gerar dois efeitos importantes: a revalorização e conhecimento». (p. 17)

⁶ Consiste em facilitar a comunicação, prevenindo possíveis desentendimentos/conflitos que possam ocorrer entre pessoas e/ou grupos, bem como o desrespeito.

⁷ Permite melhorar e trabalhar as relações existentes entre as partes mediadas, bem como as relações que se tinham deteriorado antes do surgimento do conflito, visando à conciliação.

⁸ Um dos seus propósitos é criar novas relações entre pessoas e/ou grupos, para que todos beneficiem com essa relação.

Devemos por isso evitar pensar na mediação apenas enquanto estratégia associada ao conflito, pois para Vieira (2013) há que atuar preventivamente, antes do fim da linha, “*evitando os excessos que impedem o individuo de se responsabilizar pelas suas próprias atitudes ou decisões*” (Matias, 2016, p. 45). Importa ainda salientar que a mediação também se traduz na ideia de construção de pontes considerando o desenvolvimento individual, mas também grupal, em que o mediador, considerado com um facilitador e intermediário, atua e intervém na construção e reconstrução de ligações entre as duas margens, fomenta a participação cívica de forma a estimular e desenvolver em cada individuo vontade em participar ativamente na sociedade, ao invés de se autoexcluírem. Este que é

um elemento, muitas vezes, essencial, principalmente quando os diretamente envolvidos não têm competências necessárias para automoderarem o processo. Quando, na verdade, falta algo que desperte um dos mais nobres sentimentos e capacidades que todo o ser humano deveria, naturalmente, possuir: empatia. De forma simples (a explicação, não o ato), colocar-se na pele do outro. Ter genuína vontade de compreender os sentimentos do outro, a sua forma de pensar, a sua forma de ser. Ser com o outro. Ser o outro (Matos, 2018, p. 19).

Deste ponto de vista, o mediador assume-se igualmente enquanto facilitador da convivência, permitindo apoiar os mediados no desenvolvimento de competências para aprenderem a viver juntos, em comunidade. Conforme os autores, deve dispor de “*competências hermenêuticas de pensar o mundo interior dos outros, multitopicamente*” (A. Vieira & R. Vieira, 2013, como citado em Matias, 2016, p. 47), pelo que “*é necessário um conjunto de competências não apenas moldadas à base de técnicas, mas enroupadas num universo de valores*” (Torremorell, 2008, p. 63). E uma vez que o mediador intercultural assume tão importante papel, Gimenez (2014, como citado em A. Vieira & R. Vieira, 2016) menciona aquelas que considera serem as suas funções essenciais, nomeadamente:

Facilitar a comunicação entre pessoas/grupos de culturas distintas; Assessorar os agentes sociais na sua relação com os coletivos minoritários em temas da

interculturalidade, diversidade cultural (culturas diversas, imigração) e relações intercomunitárias; Assessorar pessoas e comunidades minoritárias na sua relação com a sociedade e cultura hegemónicas; Promover o acesso a serviços e recursos públicos e privados; Construir cidadania e acompanhar ativamente os processos pessoas de integração e inclusão e favorecer a participação social e comunitária. (p. 59)

De facto, a mediação intercultural implica a construção de terceiros lugares, que não têm necessariamente, de ser um ponto equidistante entre as partes (A. Vieira & R. Vieira, 2016a), e por isso, para Torremorell (2008) a mediação é

uma tentativa de trabalhar com o outro e não contra o outro, procurando uma via pacífica para enfrentar os conflitos num ambiente de crescimento, aceitação, aprendizagem e respeito mútuo. Ou então, dizer que a mediação é um processo de comunicação no qual a pessoa mediadora cria as condições para que os atores do conflito possam partilhar inquietações e considerações, pontos de vista e limitações, com o objetivo de dar forma ao conflito e entrar em acordo. (p. 35)

E para Capul e Lemay (2003, como citado em A. Vieira & R. Vieira, 2016a), a mediação é

«entre - dois» em que o educador funciona como o intermediário privilegiado entre o que ainda não é, mas se constitui silenciosamente e o que virá a ser numa série de gestos combinatórios, por ter sabido situar-se, em devido tempo, entre um estímulo forte e um organismo desejoso de o utilizar. (62)

Por esta lógica, percebemos rapidamente que o mediador é considerado um facilitador do diálogo e das relações, e reconhecido como uma terceira pessoa/ terceiro instruído, que intervém deixando de lado a imposição, e mediando de forma a dar abertura para a (trans)formação, reestruturação e (re)construção. Importa também referir

que, uma vez considerada a mediação intercultural como “*uma prática catalisadora da diversidade*” (Simões & Vieira, 2018, p. 55), espera-se que esta aposte nas dimensões que tenho vindo a falar, nomeadamente a preventiva, empoderadora e transformadora, acreditando sempre numa “*perspetiva sociopedagógica, educadora para a autonomia de sujeitos*” (Simões & Vieira, 2018, p. 55), naturalmente de forma holística, tendo em conta o todo, conduzindo a um conhecimento mais profundo do outro. A mediação é, portanto, “*uma estratégia de construção de pontes e trânsitos entre pessoas, diferentes pontos de vista e fronteiras culturais*” (A. Vieira & R. Vieira, 2016, p. 27).

Para Torremorell (2018),

quando a mediação marca presença num determinado contexto, seja pela acessibilidade a um serviço de mediação, pela formação generalizada em mediação ou porque o meio é já de si promotor de consenso, multiplicam-se as oportunidades de decidir sobre as próprias situações (p. 71-72).

A autora, refere-se, portanto, à Mediação Intrapessoal, considerando-a como uma das cinco dimensões relacionais do ser humano. Esta que, segundo Fernandes (2021, p. 40), “*pressupõe a mediação do indivíduo, na relação consigo mesmo e a sua formação integral, gerando aprendizagem e reflexão como forma de se (re)pensar a si mesmo*”. Por outras palavras, baseia-se numa intervenção de fora para dentro, onde cada um trabalha a relação consigo próprio. Para além disso, proporciona ao sujeito o diálogo entre o seu passado, presente, e naturalmente, o futuro também. Com estes momentos de reflexão e autoconhecimento, há espaço para os vários “eu” entrarem em confronto, assim como interfere na relação com o outro e com o meio envolvente. Desta forma, o mediador/facilitador fomenta a reflexão, facilita os momentos de conversa e ajuda a que cada um ative as suas “*potencialidades em relação à comunicação efetiva de pensamento, sentimentos e vivências, promovendo um espaço de reflexão*” (Torremorell, 2018, p. 71), de construção e reconstrução. De facto, a mediação intrapessoal estimula e melhora a autoestima, a compreensão e expressão de emoções e sentimentos, trabalha a empatia, a escuta ativa e o pensamento crítico, para além de ser um ótimo aliado para o conhecimento de nós mesmos.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

2.1. MÉTODOS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Sabemos que questionar é algo estritamente humano,

e desde os primórdios da história que o homem se preocupa por conhecer e compreender o mundo que o rodeia.. Conhecer as leis que se escondiam por detrás dos fenómenos e que os regulavam, saber que determinadas condições contribuíam para que os fenómenos acontecessem, foi um desejo permanente do homem que lhe deu a crença de que podia ser o «dono do universo» (Coutinho, 2014, sp).

Essa vontade e ânsia do ser humano em querer conhecer e entender o mundo resultou naquilo que conhecemos hoje como investigação científica, e através dela, foi sendo possível encontrar soluções para os problemas, permitindo acumular uma vasta bagagem de conhecimento, transmitido ao longo das gerações (Latorre et al., 1996).

Investigar, etimologicamente, significa procurar e investigação, procura: repare-se que é esse mesmo sentido que está contido nas palavras *research* da língua inglesa e *recherche* da língua francesa (e provavelmente também o da palavra italiana *ricerca*). Naturalmente, se investigar é procurar, nem toda a procura é investigação, em particular, se o que tivermos em mente for o conhecimento científico e a ciência (Coutinho, 2014, sp).

Porém, no que toca à investigação e às ciências sociais, estas surgiram bem mais tarde no tempo quando comparadas com o aparecimento das ciências exatas ou ciências naturais, o que, embora complexa (devido à complexidade da própria realidade social), dificultou a sua aceitação e validação entre investigadores. Gil (1999, p. 21) demonstramos que *“é sabido que as ciências sociais não gozam do mesmo prestígio conferido às ciências físicas. Há mesmo autores que são partidários de sua não-inclusão no rol das verdadeiras ciências.”* Ainda assim, e de acordo com Matias (2016),

nos últimos tempos tem-se assistido a uma revolução ao nível da investigação no âmbito das ciências sociais e humanas, o que tem resultado num aprofundar de conhecimentos metodológicos distintos dos preconizados pelo positivismo. Esta evolução teve como mote a complexa realidade social que não se compadece com análises assentes puramente em critérios quantitativos. (p. 50)

Na visão de Gonçalves (2004, p. 28), “*as ciências sociais caracterizam-se por uma forte componente hermenêutica*”, e Coutinho (2014), refere-se precisamente à investigação como uma,

atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais. É através da investigação que se reflete e problematizam os problemas nascidos na prática, que se suscita o debate e se edificam as ideias inovadoras.

Como tal, esta investigação assenta numa metodologia biográfica, uma vez que privilegia o conhecimento do indivíduo e dos contextos que o compõem. Para Margarido (2011),

a biografia não só permite conhecer a vida individual, como também, os contextos relacionais por onde se move o sujeito em estudo, e que são parte integrante da sua própria história, impossível de contar à margem do seu componente social imediato. (p. 148)

Assim, com esta abordagem, evidentemente de cariz qualitativo, é possível estudar o social a partir do individual, na medida em que,

os modelos biográficos ... revelam modos discursivos construídos pelos sujeitos em suas dimensões sócio-históricas e culturais numa interface entre memória e discursos de si. Os modelos biográficos assentam-se na inserção individual e coletiva da memória e nas histórias de vida, os quais centram-se na

temporalidade, nos territórios, na individualização e individualização da existência e do sentido da vida (Souza, 2008b, como citado em Guimarães, 2019, sp).

Baseado numa narrativa/história de vida, associada a um estudo de caso, este estudo permite, com profundidade, “*iniciar o estudar de um outro à luz da sua própria perspectiva, bem como “a construção das identidades pessoais e profissionais”*” (Marques, J., et al., 2016, p. 139). Por outras palavras, pretendeu-se que a história de vida fosse o início, o ponto de partida para a compreensão do outro, do investigado, a partir de uma extensa análise dos vários contextos (Jean Poirier et al., 1999). Assim, o presente estudo tem como objetivo investigar e compreender de que forma a dança serve como veículo de Mediação Intercultural e de instrumento para a Mediação Intrapessoal, e perceber de que forma as práticas artísticas permitiram ao sujeito construir pontes entre mundos, bem como compreender qual a influência das práticas artísticas, nomeadamente a dança, no desenvolvimento pessoal e nas relações intra e interpessoais. Tentou-se por isso responder às seguintes questões: de que forma pode a dança «ser construtora de pontes entre mundos? servir como ferramenta de mediação intrapessoal? ter tido influência no decurso da vida do sujeito em estudo? influenciar e moldar a identidade? desenvolver o auto e heteroconhecimento?».

Para o pretendido, não fazia sentido outra metodologia, uma vez que

só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos. Numa história de vida podem identificar-se as continuidades, as ruturas, as coincidências no tempo e no espaço, as transferências de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do quotidiano (Moita, 1992, como citado em Almeida, 2011, p. 4).

Nas palavras de Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut (1999) a história de vida é também *“uma boa técnica para a familiarização do investigador com as problemáticas que se quer estudar ... em que a atitude do investigador com as problemáticas quer e deve ser de escuta atenta, de empatia e de exploração”*. (p. 87)

De acordo com Margarido (2011), a etnobiografia pretende registrar mais do que apenas a vida individual do sujeito em estudo, almeja a compreensão, em contexto real, o conhecimento do mesmo acerca dos modos culturais de funcionamento que o envolvem, assim como a realidade em que o outro se encontra, ou melhor, as realidades, contrariando estereótipos e preconceitos. Por outras palavras, o entendimento das opiniões, reações, e respetivas posições adotadas pelo próprio indivíduo, tornando naturalmente a investigação mais rica e fiel à realidade (Matias, 2016). A este respeito, Santos (2016, p. 27) considera que *“num trabalho de pesquisa é importante que toda a prática investigadora seja alicerçada por uma estratégia metodológica, onde estão subjacentes métodos e técnicas, que vão permitir uma recolha, análise e compreensão da informação”*. E por isso, a escolha das técnicas/instrumentos de recolha e análise de dados constituem um momento decisivo e importante, dado que, parte da validade científica dos resultados resultam do modo como estes são organizados e aplicados (Canastra, 2014, como citado em Santos, 2016, p. 28).

A fim de assegurar a objetividade do estudo, e assumindo o papel de investigadora, foi-me naturalmente incumbido o papel de observar atentamente, questionar e problematizar. Por outras palavras, ouvir e compreender. Estar atenta ao dito e não dito, porque *“por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissémico esconde-se um sentido que convém desvendar”* (Bardin, 1977, p. 14). Porque os silêncios também falam.

Tal como assevera Margarido (2011), e reforçando a ideia anteriormente exposta, ao pensar e passar esses mesmos pensamentos para palavras, e refletindo/expondo episódios de vida, o narrador redescobre um outro “eu”. Tanto que, de acordo com Souza (2008b, p. 42-43), *“a revalorização das histórias de vida situa-se na virada hermenêutica em que se compreendem os fenómenos sociais como textos e interpretação como atribuição de sentidos e significados às experiências individuais e coletivos”*. É nesta perspetiva, hermenêutica, que se enquadra o presente estudo.

Para Schleiermacher (2005 como citado em Ruedell, 2012, p.5), a perspectiva acima mencionada é a "*arte de compreender o discurso do outro*", de forma a permitir uma leitura mais verdadeira nas diversas dimensões, até porque

enquanto as ciências constituem-se em torno do que é comum e universal, a hermenêutica ocupa-se daquilo que não se enquadra nesse padrão científico. Volta-se para individualidades ou circunstâncias históricas particulares. Trata de objetos não universais ..., contudo, não deixa de sustentar uma universalidade. Não mais a universalidade do objeto, mas a de uma experiência hermenêutica” (Ruedell, 2012, p. 6).

Para o autor, esta tem a ver com o que não se consegue dizer através da linguagem, tendo por isso o desafio de superar a mudez, quando o texto e o autor deixam de falar. Ou seja, “*tornar inteligível o ininteligível e trazer à tona o oculto, pressupondo o sentido no sem-sentido. Sonhando em fazer falar o inefável, rompe-se então o silêncio – no dizer de Sartre – pela «hermenêutica do silêncio»*” Ruedell (2012, p. 6).

2.1.1. ENTREVISTA

Do ponto de vista de Gil (1989, p. 113), não há técnica mais indicada nas ciências sociais para a “*obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer...*” que a entrevista. E por isso, para este trabalho, foi considerada a entrevista semiestruturada etnobiográfica⁹, aprofundada, caracterizada por Burgess (2001) como conversa, de forma a obter “*dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo*” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 134). Para além disso, este tipo de entrevistas, e de acordo com os autores, Kelcherman (1995), Woods (1990b), Josso (2010) e Vieira (1999b),

⁹ Conversa entre investigador e investigado que tem como objetivo a produção de uma narrativa biográfica.

possibilita a recolha de material autobiográfico que nos é apresentado nas próprias palavras do informante, por meio da sua narrativa, onde descreve e fala da sua vida, oferecendo um testemunho único, permitindo a compreensão ... das suas formas de agir e dos incidentes e marcos nos seus percursos de vida. (como citado em Margarido, 2011, p. 151).

Como também coloca o(s) indivíduo(s) a pensar sobre o que nunca tinha pensado, nomeadamente sobre si e sobre os outros, desenvolvendo o pensamento crítico e reflexivo, fazendo com que tanto o próprio quanto o investigador saiam mais ricos. Desta forma, também o indivíduo se torna investigador de si próprio quando colocado frente às questões, ou seja, *“à medida que o sujeito se conta, também se interpreta e, conseqüentemente, se forma”* (Margarido, 2011, p. 149). Margarido (2011) acrescenta ainda que,

a compreensão e interpretação de como a entrevistada se subjetiva e se apropria da sua experiência de vida, bem como dos sentidos e significados que a própria atribui às suas decisões e opções, permite tornar o sujeito num investigador de si próprio, cabendo-nos o lugar de mediador ou de facilitador dessa reflexividade conducente ao autoconhecimento e ao hétero conhecimento. (p.26)

De salientar que, *“esta opção permite um estudo mais aprofundado do fenómeno, compreendendo, em contexto real quais as reações, opiniões e posições adotadas pelo(s) interveniente(s), tornando a investigação mais rica e fiel à realidade”* (Matias, 2016, p. 56).

Voltando à ideia de entrevista semiestruturada, é importante perceber que, como demonstra Moreira (1994, como citado em Freitas,) o *“entrevistador faz sempre certas perguntas principais, mas é livre de alterar a sua sequência ou introduzir novas questões em busca de mais informação”*. De facto, embora estes momentos de conversa sejam orientados, não têm guião rígido e inflexível. Ainda assim, foram pensadas previamente algumas categorias de análise, que estão detalhadas nos apêndices (apêndice A) e que serão excelentes condutores da entrevista, para além de essenciais

para orientar o rumo da mesma e assim assegurar que as informações necessárias para a investigação sejam de facto recolhidas. Amado (2014), vai ao encontro do que foi dito, e afirma que o guião

resulta de uma preparação profunda para a entrevista, além de ser um instrumento que, na hora da realização da entrevista, ajuda a gerir questões e relações. Por isso, nele constam a formulação do problema, os objetivos que se pretendem alcançar, as questões fundamentais (orientadoras) numa ordem lógica ou prática, e as perguntas de recurso a utilizar apenas quando entrevistado não avançar no desenvolvimento do tema proposto ou não atingir o grau de explicitação que pretendemos. (p. 214)

Pretendeu-se que através de uma conversa informal, o entrevistado se sentisse confortável e livre para se expressar, o que aconteceu, porque neste tipo de entrevistas, *“é importante deixar que o entrevistado dialogue livremente, uma vez que, quanto menor for a intervenção do entrevistador, maior será a riqueza da informação recolhida”* (Margarido, 2011, p. 152), *“dado que a lógica e a racionalidade do informante emergirá mais intacta e menos influenciada pelas perguntas”* (Guerra, 2006a, p. 51). E foi exatamente isso que foi feito em cada momento de conversa e partilha entre investigador e investigado, por outras palavras, entre mim e, tendo a sua permissão para a tratar desta forma, a Lucilina.

Devido à complexidade do tema, e visto ser uma história de vida, foi realizada uma entrevista exploratória, a qual se demonstrou muito útil e rica, na medida em que não foi necessário mais do que dois encontros entre entrevistado e entrevistador, para a recolha de dados.

2.1.2. UNIVERSO DE ESTUDO

Embora estejamos perante um estudo de apenas um caso, não condiciona a veracidade do mesmo, nem retira valor científico à investigação, pelo que não me interessou desenvolver um estudo quantitativo mas sim qualitativo, tendo em conta o tipo de investigação. Olhei para esse caso único e percebi que seria o suficiente, que uma história de vida, analisada em profundidade é o bastante para analisar e investigar o poder da dança na vida de um ser humano. Para além de toda a riqueza que provém dessa descoberta, que é a vida de alguém com 76 anos. Não se pretende uma amostra representativa, muito menos generalizar. Afinal, a objetividade não terá de ser forçosamente mensurável quando se trata de saturação temática e não estatística (Pais & Guerra, como citado em Matias, 2016, p. 55). Segundo Merleau-Ponty (como citado em Magnani, 2002),

trata-se de construir um sistema de referência onde possam encontrar lugar o ponto de vista do indígena, o do civilizado e os erros de um sobre o outro, construir uma experiência alargada que se torne, em princípio, acessível para homens de um outro país e de um outro tempo. (p. 199)

Desta forma, e de acordo com Matias (2016, p. 53), “*o investigador não só compreende a realidade que se propôs investigar, como a transmite de acordo com os seus códigos ou padrões intelectuais, explanando-a à comunidade científica e profissionais da área*”.

CAPÍTULO 3

A VIDA NA DANÇA E A DANÇA NA VIDA

INTRODUÇÃO DO CAPÍTULO

Este capítulo, como já mencionado na introdução desta investigação, é destinado unicamente à história de vida do sujeito em estudo. Por outras palavras, é o “coração” do trabalho, e trata da análise realizada, bem como das conclusões obtidas a partir dos momentos de partilha. À medida que se analisa o passado e presente do sujeito em estudo, vai sendo igualmente possível retratá-lo, utilizando extratos das entrevistas, tornando-se este um método vantajoso para compreender mais facilmente a trajetória de vida da pessoa, as suas motivações, lutas, angústias, constrangimentos, vivências e perceções, resumindo: as suas (trans)formações.

3.1. UMA HISTÓRIA DE VIDA EM ABERTO

Dados Pessoais e Familiares							Formação Académica e Percurso Profissional		
Nome	Idade (anos)	Nacionalidade/Naturalidade	Residência atual	Estado civil	Filhos	Netos	Escolaridade	Primeira Profissão	Estado Profissional atual
Lucilina Sobreiro	76	Portuguesa (Beja)	Torres Vedras	Casada	1	3	Ensino Superior - Licenciatura em Direito (Faltou fazer o estágio para poder exercer)	Secretária de administração	Reformada

Esta é a história de Lucilina Sobreiro, uma mulher de 76 anos, muito amada pela sua avó materna, filha de mãe alentejana e pai ribatejano, também ela mãe e avó de três netos que a enchem de orgulho todos os dias. Nasceu em Beja, mas foi na bonita cidade de Torres Vedras que viveu praticamente a sua vida toda. Quis o destino que fosse lá parar, ou talvez não. Viveu momentos verdadeiramente complicados, mas também viveu tempos bonitos, tanto na infância como na adolescência. Apaixonou-se e aos 19 anos casou. Mas a vida pregou-lhe uma partida, e não foi das engraçadas. Aos 20 anos ficou viúva com uma filha de 2 meses, para além de ter de lutar por si, pela sua filha e contra a dor que sentia, teve de lutar contra uma sociedade conservadora e cheia de preconceitos.

Sem estudos e com os planos de um futuro que jamais aconteceria, decidiu voltar a estudar, contra tudo e todos, inclusive o seu pai. Aquela menina pacata e submissa que era, deu lugar a uma jovem/mulher cheia de garra para vencer na vida e

conquistar os seus sonhos quando rumou a Lisboa para estudar direito. Com a sua bebé ao colo, partiu em busca de uma nova vida. Reencontrou o amor com outra pessoa e com ele cresceu, amou e dançou.

Num ato de “loucura”, e já depois do 25 de abril, decidiu voltar a arriscar e inscreveu-se num programa de televisão de talentos, “A Visita da Cornélia”, e não é que venceu?! Desde então que a dança tem ocupado um lugar de maior destaque na sua vida e na vida daqueles que a rodeiam, embora tenha estado presente em variadíssimos momentos da sua existência, para ser mais exata, desde que se recorda ser gente. Para além disso, nunca se deu por vencida e continuou a batalhar pelo que ambiciona, terminou o curso, mas nunca exerceu, e talvez tenha havido uma razão para tal aparente “insucesso”. O caminho que seguiu depois levou-a ao mundo das artes, dos palcos, da inovação e do sonho, e é nesse que se mantém até hoje, e será assim até ao fim seguramente. Apesar de se encontrar hoje reformada, continua uma pessoa muito ativa, cheia de garra e dinâmica, e com todo um projeto de vida ainda pela frente, e por isso, em aberto. A sua história está longe de acabar e difícil de prever, mas nas próximas páginas poderão conhecer mais sobre quem foi sendo esta mulher, com uma história de vida marcada pela tragédia, pelo amor e pela dança.

3.1.1. «Ó PAI, PAI, PAI»

É natural de Beja, mas devido ao trabalho do seu pai, partiu rumo a Samora Correia, ainda que por pouco tempo (3 anos) pois, por volta dos 5/6 anos, tornou a mudar-se. O seu pai, que era polícia, tinha sido de novo transferido, mas desta vez para a cidade de Torres Vedras, cidade essa onde Lucilina vive até aos dias de hoje com a sua família. Da sua infância recorda-se de períodos muitos felizes, de um lar repleto de amor e da sua pacatez: “*Em criança era pacata, punha-me com uma boneca sentada e ali ficava [...] eu era uma miúda muito sossegada, muito obediente, muito submissa [...]*”, porém muito alegre, brincalhona e espevitada. Contou que apesar da austeridade e rigidez do seu pai, ele era um homem bondoso, “*na polícia eles tinham ordens para multar as pessoas que de noite iam sem luzes, [...] carroças e bicicletas de gente pobre o meu pai não multava. Para ele não era justo, eles estavam a ir trabalhar*”. As regras e a ordem imperavam em casa, e tudo o que o seu pai dizia era sagrado, “*era regra, lei e inquestionável*”. Ainda assim, Lucilina admirava tudo aquilo que ele lhe transmitia,

como a própria expressou *“ele era honra, era o valor da palavra [...]”*. O reconhecimento de valores como os que o seu pai lhe transmitia foram condutores para uma forma de viver muito íntegra e respeitosa. Valores que fazem parte de quem é, cuja importância atribuída se mantém inalterável, passem os anos que passarem, aconteça o que acontecer. Lucilina cresceu orientada por matrizes dadas pelo seu pai, que foram transmitidas também por ela a todos os que se foram cruzando na sua vida. Atrevo-me a dizer que talvez tenha sido esse o maior legado que lhe deixou o seu pai.

Sobre a sua mãe pouco falou, *“trabalhava muito, trabalhava de costura e, portanto, a minha avó praticamente é que me criou”*. Avó esta que marcou bastante a sua infância, e que durante a conversa foi possível constatar o amor e relação que existiu entre as duas, pelo carinho e afeição com que a partilha foi feita. *“Ela dava-me mais amor que a minha mãe”*, recorda. No entanto, aparentemente, nunca foi algo que magoasse Lucilina, até entende que o trabalho faz parte da vida de todos nós, é necessário (não foi uma escolha) e porque o que tem de ser tem muita força. Não foi abandono, não foi falta de amor, foi a vida que foi acontecendo daquela forma. Lucilina nunca referiu sentir-se sozinha, porque no fundo, sempre soube que era uma criança muito amada pelos seus.

Ainda sobre a menina que foi, Lucilina revelou ter sido uma criança obediente, o que facilitava bastante a relação entre si e a sua família, ainda assim, confidenciou que foi de facto muito feliz e muito mimada: *“a minha avó mimava-me muito, havia amor na minha casa”*, mesmo tendo sido criada num ambiente muito conservador e fechado, com uns pais um pouco ausentes por estarem *“sempre a trabalhar”*.

Apesar de ter nascido no Alentejo, foi em Torres Vedras que fez a escola primária e que conheceu aqueles que se tornaram os seus amigos para a vida. Para si *“não há amigos como aqueles de infância porque muito embora a gente não mantenha uma assiduidade nas relações, há uma amizade”* e, na sua opinião, isso é muito importante. Afinal, ninguém consegue viver sozinho. Somos seres sociais, vivemos em comunidade e precisamos de pessoas. Lucilina sempre foi uma pessoa de pessoas, e *“mediante a troca de experiências e de relações, que mantém entre si e com o meio que o rodeia ... passa [também] por uma (re)construção identitária ao longo do tempo”* (Fernandes, 2021, p. 55). Neste sentido, entende-se que não foi exclusivamente a dança que influenciou a construção da sua identidade, e que as trocas que estabeleceu com os

que a rodeavam assumiram, na mesma proporção, importância para esse processo de construção.

Aos 8 anos, a sua mãe “*endoideceu*”, tendo estado internada dois anos no Júlio de Matos. Foi crescendo com alguns traumas associados a esse acontecimento marcante, com as imagens recorrentes dos episódios descompensantes que acometiam a sua mãe. Recorda-se de a ir visitar e de a ver “*espumar pela boca a dizer que queria morrer*”. Partilhou inclusive um episódio muito marcante da sua infância quando tinha 9 anos, também relacionado com a sua mãe: “[...] *numa das vindas do hospital cá a casa (...) bastava abrir uma luz para ela começar a gritar com pavores, com medos, e houve uma altura que desaparece e meteu o meu pai e a minha avó, tudo à procura dela, um para um lado, o outro para outro. E eu vou para o lado da porta da rua porque me pareceu que ela tinha ido, a minha mãe começa a subir as escadas até ao 3º andar, eu «ó mãe, ó mãe, ó mãe» e quando vou no 1º andar ela manda-se e eu agarro-lhe na saia, ela ficou pendurada pela saia, e eu a gritar «ó pai, pai, pai»*. Ainda assim, Lucilina recorda também tempos muito bonitos, mesmo perante momentos de grande sofrimento, e fala da dança como algo que sempre fez parte da sua vida: “*a dança fez parte desde pequenina, dançava em cima da cama, fazia coreografias, fazia tudo sem saber nada*”. Naturalmente, que se entende que a dança começou desde cedo a impactar de alguma forma a sua vida, e que apesar de na altura ser muito jovem para o entender, a dança era o seu refúgio. Também como forma de se expressar, a dança contribuía para isso sobretudo em momentos mais delicados. Imagine-se uma menina apavorada que via na dança uma oportunidade para não pensar nos tormentos que vivia. Que via na dança uma forma de ter clareza nos seus pensamentos e de se agarrar a isso para encarar o futuro. E apesar dos objetivos específicos desta investigação não serem sobre os benefícios da dança na vida de sujeito, é possível fazer também essa análise perante este estudo de caso. Com a vida de Lucilina, retirei muito mais do que imaginei, e compreendi muito mais do que o suposto para este estudo.

3.1.2. DE MENINA A MULHER: “EU QUERO, POSSO E MANDO”

Da sua adolescência, recorda o tempo que passou na praia de Santa Cruz, sobretudo nos meses de verão, até porque o seu pai tinha um restaurante e por isso passavam lá muito tempo. No entanto, ao contrário das suas amigas, Lucilina não tinha

a mesma liberdade. Recordava-se de ficar muito triste, mas também da solução que encontrou para contornar a situação. A ânsia de querer aproveitar e de viver a sua juventude fê-la, de vez em quando, *“fugir sem ele dar por isso”*. *“Sentava-me, não é?! Depois elas estavam a passear pelo parque e eu ia a correr a correr, a correr, estava lá 5 minutos e voltava. Sentava-me outra vez. O meu pai via-me sentada, e pensava que eu estava sempre ali. Estava sempre com o receio de desobedecer, mas sempre nesta alegria de viver”*. Talvez fosse por isso que sentia vontade de dançar. Porque sabia que podia ser livre a fazê-lo. Entendemos pela sua história o desejo de liberdade, afinal, eram muitas as restrições impostas pelo seu pai. No entanto, isso nunca a tornou revoltada, mas fez emergir uma certa “rebeldia” em si, uma rebeldia a que eu chamo de inocente, porque nunca contribuiu para um desvio de comportamento que infringisse de forma mais grave as normas sociais, nem para uma relação complicada com os seus pais. Era uma criativa, e ao criar, era livre.

Confidenciou que *“era extremamente cabulona, só queria era brincar”* e por isso as suas notas eram sempre *“ali nos 10 para passar”*. O seu pai, gostava que Lucilina estudasse e por isso, fez todos os sacrifícios para que esta *“se tornasse alguém”*. Fê-la passar pelas doroteias, depois pela Lourinhã, andou por Serpa e nem assim as suas notas melhoravam. Não era má aluna, mas estava longe de ser a melhor, também não era isso que ambicionada. Para si, estava bom assim, ao contrário do que achava seu pai, que prezava pela educação e que via na escola uma alternativa para uma vida melhor. Conhecimento sempre foi poder, sobretudo numa época (Estado Novo) em que a educação não era tão acessível como é hoje, e num país em que o analfabetismo *“é uma realidade estrutural que, embora alguns esforços no sentido da inversão, nos acompanha há séculos e teima em condicionar o nosso desenvolvimento coletivo”* (Coelho, 2015, p.24).

Entretanto apaixonou-se, e com 19 anos, casou. Pouco tempo depois, e sem sequer imaginar tal desfecho, fica viúva. No preciso dia em que celebraria 1 ano de matrimónio, realizou-se o funeral do seu marido e pai da sua filha (com dois meses). Tinha apenas 20 anos quando perdeu aquele que acreditava ser o homem com quem partilharia toda a sua vida, nos bons e maus momentos, na saúde e na doença. Nessa altura, a jovem Lucilina tinha apenas o 5.º ano de escolaridade, afinal, *“ele era o menino rico da terra, era cobiçado por todas as raparigas, tinha uma empresa de camionagem e ele dizia-me «não precisas de estudar, não precisas de trabalhar»”*. Ser viúva naquela

época (anos 60) acarretava muitas questões que hoje são impensáveis. Existia muito preconceito, muitos limites e muitas proibições. Lucilina recorda momentos muito difíceis e também bastante diferentes, tudo era motivo para falatório: *“porque se me viam a falar com um homem na rua era porque já andava metida com o homem, se me viam a ir para o café, é porque as mulheres não iam ao café”*. *“Pouco saía, cheguei a ir à praia com a minha filha, mas toda vestida de preto, (...) e com um lenço na cabeça, tinha de se usar (...) porque ficava mal na sociedade não ter esse tipo de comportamento. A sociedade olhava a tudo o que eu fazia.”* Foi um período de muita revolta, *“as minhas próprias colegas afastaram-me um bocado porque eu era viúva, e, portanto, não me convidavam para certas coisas. E aquilo afetou-me de tal maneira (...) ao ponto de eu querer ser alguém, mostrar que estava sozinha, mas que conseguia e queria ser”*. Para além de ter de lidar com todo o sofrimento inerente à perda, viu-se a ter de lutar também contra a sociedade, contra o estigma, contra o conservadorismo de uma sociedade: *“Eu lutava muito contra o estigma que havia na altura, eu não estava a fazer nada de mal (...)”* Recorda que quando quis tirar a carta, ouviu muitos comentários a esse respeito, as pessoas não aceitaram: *“o marido morreu de desastre e agora aquela vai tirar a carta de condução”*.

Até então, estudar não tinha sido importante na sua vida, mas a situação que estava a viver fê-la querer *“que me chamassem doutora, na altura ser doutor era assim muito importante”*, e Lucilina queria isso para si, queria estatuto, queria que a respeitassem, queria ser livre e mostrar que era capaz de ser quem ela quisesse. Podia conformar-se à pensão, mas optou por vingar, por procurar emprego e estudar. Escolheu direito precisamente por isso. Durante a conversa, partilhou o momento em que contou ao seu pai a sua vontade, recorda as *“duas bofetadas”* e as duras palavras que este proferiu *“tu vais me envergonhar, eu tinha orgulho em ti, mas tu vais me envergonhar, tu vais para lisboa, não é para estudar, é para a má vida”*. Era impensável para uma viúva fazer estas coisas, hoje este tipo de pensamento está completamente ultrapassado, mas há 50 anos, eram poucas as pessoas que pensavam diferente. Lucilina enquadrava-se nesse grupo. Teimou e foi, partiu rumo a Lisboa levando a sua filha consigo. A menina obediente que foi em tempos não existia mais, tinha em si todos os sonhos do mundo e estava pronta para os conquistar, mesmo que o caminho fosse difícil. Aliás, já estava a ser.

Antes de partir rumo à capital (já com 24 anos de idade), Lucilina relembra o ano em que fez 3 anos de escolaridade em apenas um, era necessário se queria enveredar pelo ensino superior. E assim foi. Para além deste ter sido um episódio que lhe deu mais segurança, deu-lhe também a confiança que precisava, afinal, não era uma aluna preocupada com a escola, e ter conseguido fazer 3 anos num só era já indício da sua força de vontade em mudar o rumo da sua vida. Recorda com alguma graça um momento muito específico que viveu desse tempo: *“as aulas eram aqui para baixo, um senhor que dava aulas particulares, saíamos sempre por volta das 23h e quando íamos para casa, dava-me a fome. Íamos, eu e a minha amiga, ao império. Entrávamos e o que eu comia? uma sandes com chouriço e um copo de vinho tinto, que era o que me apetecia. Era um falatório desgraçado”*. *“Estava a começar a estudar e tinha fome, porque é que não podia comer aquilo e àquela hora? Porque é que as pessoas não percebiam que eu tinha fome, porque é que só pelo facto de ser viúva não posso entrar num café?! Não posso comer uma sandes com chouriço?! De maneira que foi uma fase engraçada.”*

Diz ser hoje o oposto do que outrora foi, passou *“quase a ser, «eu quero, posso e mando»*, devido a tudo aquilo que teve de enfrentar. E é natural, aliás, Hall (2006, p. 13) explica isso mesmo, *“se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até à morte é apenas porque construímos uma cómoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu"”*. O autor acrescenta que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia e que é lógico que os fatores externos influenciam o processo de construção da mesma. De facto, falar de identidade é também falar nas vivências e nas experiências de cada um de nós. Assim, torna-se evidente que os acontecimentos trágicos por que Lucilina passou impactaram a forma como se analisa e se relaciona consigo própria e com os outros. A identidade não é fixa, e por isso o seu processo de construção se considera complexo e dinâmico, o que foi possível constatar através da sua partilha. No entanto, e tendo em conta os objetivos desta investigação, foi possível de perceber que, neste caso, curiosamente, a dança não exerceu, como seria de esperar, grande influência sobre a identidade do sujeito, ou seja, de Lucilina. Isto porque, numa primeira instância, seria fácil, de facto, afirmar que apenas os momentos trágicos, os incidentes críticos (Josso, 2010), contribuíram para tal, ou conhecendo uma ínfima parte da sua história de vida acreditar que foi a dança que moldou quem era. Contudo, e como a própria definição de identidade se considera

complexa, também esta análise o é, na medida em que, mesmo entendendo uma parte do processo de construção identitária de Lucilina, não se pode partir do princípio de que a dança não teve também o seu papel no meio de tudo isto, excluindo a possibilidade do seu papel influenciador. Aliás, se à partida sabemos que sempre foi algo presente na sua vida, então porquê considerar que não moldou o seu modo de ver, de agir, sentir, e de se relacionar com os outros, uma vez que a dança permite o autoconhecimento, o pensamento crítico, o desenvolvimento de relações intra e interpessoais, etc., tal como a identidade. E fazendo essa ligação, facilmente consideramos que a identidade e dança poderão estar, neste caso, de mãos dadas. Até porque a construção identitária é também a procura constante de nós mesmos. E é neste sentido que considero, de acordo com o que foi possível interpretar ao longo da minha investigação, que mesmo não sendo óbvio, visível ou objetivável de alguma forma, a dança também contribuiu para a construção da identidade de Lucilina Sobreiro.

3.1.3. RECOMEÇAR

“Começámos a conversar” por volta do 25 de abril, recorda ao falar do seu atual marido, e companheiro de todas as horas e das mais diversas loucuras. O Vítor, ou Ninéu, como é conhecido, *“foi escolhido, não foi por acaso. Quando eu comecei a andar com o ninéu eu estudei a maneira dele ser, porque eu tive muito pretendentes. (...) O ninéu é a pessoa para mim, é a pessoa que me dá estabilidade, é amigo da minha filha, é um homem que eu sei que não sendo filha dele pode criá-la. É um indivíduo honesto, de honra, de palavra e foi isso que me levou a escolhê-lo, eu faço tudo racionalmente”*. Mas claro que existia amor, porque é o amor que a move.

Lucilina ainda estudava quando se voltou a apaixonar, e foi visível a emoção ao relembrar o apoio que Vítor lhe deu. Sendo trabalhadora-estudante, o tempo que tinha não era muito, então *“enquanto eu trabalhava de dia, ele fazia-me os apontamentos e quando chegava a casa à noite, enquanto eu comia uma sopita fria (às vezes à meia-noite), ele lia-me os apontamentos, e era assim que eu sabia a matéria.”* Foi também com muita emoção que reviveu o dia em que terminou o curso. Fala do pai, *“abraçou-me a chorar e pediu-me desculpa”*. O reconhecimento e aprovação tinham sido importantes para si, afinal tudo valera a pena, e Lucilina tinha conseguido mostrar-lhe isso mesmo. Ela conseguiu, contra tudo e todos, formar-se em direito. No entanto,

nunca exerceu. Quis a vida que o seu caminho fosse outro, o da dança, da arte e do espetáculo. Isto porque em 1977, surgiu um programa televisivo da RTP ‘A Visita da Cornélia’, apresentado por Raul Solnado, que começou a dar que falar: *“na altura só havia duas televisões, o canal 1 e o canal 2, portanto, toda a gente via aqueles programas (...) e a gente adorava ver aquilo, tinha a prova do teatro, tinha a prova da dança, de canto... epá adorava ir a uma coisa dessas.”* Apesar de Vítor achar uma loucura, alinou na ideia. *“És maluca, nem penses nisso”*, recorda Lucilina à cerca da reação de Ninéu. Ainda assim, para os colegas, esta não parecia ser uma ideia descabida.

Com a ajuda das suas colegas de trabalho, preencheram mais de 200 cupões de inscrição, queriam certificar-se de que existiam mais possibilidades de serem selecionados, e conseguiram. O programa consistia em 10 provas, sendo as de dança, canto e teatro as mais relevantes, tendo em conta o interesse de Lucilina. Para esta última, *“ele (o Ninéu) encenou e na altura ninguém encenava, tivemos preocupação com as mensagens, por ser depois do 25 de abril, mas tínhamos um mote e esse mote era «na melhor das intenções», e nós tínhamos de fazer uma quadra (com o Salazar, que era o fulano que o 25 de abril tinha derrubado) e ele fez a voz do Salazar «Salvámos este país de perigos subversores, humilhámos, matámos, nas melhores das intenções» e caía da cadeira, porque o Salazar morreu quando caiu da cadeira. Portanto, nós inovámos naquilo tudo, demos que falar.* Já na prova de dança, Lucilina confessa que não sabia dançar (com técnica), estava habituada a fazê-lo em casa, somente isso, ainda assim, venceram. A partir daí começou toda a sua trajetória de vida ligada à dança. Foi, também, com a ida ao programa da RTP, que Lucilina deixa de ser secretária da administração, passando a trabalhar em publicidade, *“convidaram-me para trabalhar, já ganhava bem e não tinha tempo para fazer o estágio.”* Por isso nunca exerceu direito. Porém, para Lucilina, ela sempre foi *“uma belíssima profissional, era rigorosíssima nos horários, rigorosa em responder àquilo que os clientes pediam, preocupada sempre naquilo que fazia, o rigor, a preocupação, a honestidade”*, mesmo não tendo seguido a sua área de formação. Para ser sincera, nunca fez muita questão, nem tem pena de não ter ido por esse caminho. A vida encaminhou-a para aquele que provavelmente a fez mais feliz.

Atentando à sua história, depressa se observou que esta foi uma fase de muitas transformações e mudanças no seu percurso de vida onde a dança ocupou o lugar de principal agente transformador. O seu projeto de vida, ainda que em aberto, não fazia prever que o caminho a conduzisse ao mundo artístico. Hoje, ao refletir sobre o seu passado, entende que se não tivesse surgido a possibilidade de participar no programa de talentos, o seu caminho dificilmente passaria pela arte e pela dança. Lucilina podia ser hoje uma advogada, quem sabe infeliz, exausta e sem a liberdade que sempre almejou, porque direito não era o que a apaixonava na altura. A verdade é que com a ida àquele programa, sentiu que a sua vida tinha de continuar ligada à dança, porque subir a um palco dava-lhe vida, fazia-a sonhar e ambicionar voos maiores. Se tal não acontecesse, viveria hoje, possivelmente, dias tristes, tudo porque em tempos foi movida pelo desejo do poder, do estatuto, e isso a longo prazo não seria certamente benéfico. Estas são suposições que partiram de um momento de reflexão da própria Lucilina. Ao questionar induzimos reflexividade e tornamos o investigado investigador de si próprio. Só desta forma um trabalho de investigação desta natureza faz sentido. Assim, à questão: terá tido a dança influência no decurso de vida do sujeito em estudo? A resposta é clara. Com a reflexão e partilha da entrevistada, foi possível compreender o papel transformador que a dança representou na vida de Lucilina.

3.1.4. “E ASSIM NASCEU A ESCOLA, SEM TERMOS APRENDIDO A DANÇAR...”

Começou como um *hobbie*. E Lucilina confessa que estava longe de imaginar a repercussão que teve a sua participação no programa: “*as pessoas começaram a ouvir falar na gente e (...) um dia telefonaram-me e perguntaram se eu lhes ensinava a dançar o tango. «Epá eu ensino, mas nós só sabemos por intuição», (...) e começámos com eles*”. Ensinava e criava coreografias com base naquilo que sentia. Ensinava-os como sabia, sem técnica alguma: “*Aceitámos o desafio. E assim nasceu a escola, sem termos aprendido a dançar...*”.

Mais tarde, foi convidada para ser diretora das atividades culturais da física (Associação de Educação Física e Desportiva). Aí projetou todo um espetáculo com mil e quinhentos idosos dos lares do concelho, era a festa dos avós, inspirada pela sua relação com avó. Diz que até hoje, não houve mais nenhum espetáculo assim na cidade. Ainda assim, quis evoluir, porque se há coisa que Lucilina sempre procurou, foi evoluir.

E decidiu ir aprender a dança, desta vez com técnica. Já tinha 30 anos na altura, mas isso não a impediu de aprender com o campeão suíço Reinaldo Coalt, que na época dava aulas de dança no clube suíço em Lisboa. Continuou a fazer mais cursos, passou pelo CCB, Alunos da Apollo, etc., sempre ao lado do seu marido. Recentemente, Lucilina conta que partiu rumo à Argentina para um curso intensivo de tango argentino.

A dança para Lucilina foi de facto um agente transformador na sua vida, já se percebeu. E um dos objetivos deste trabalho era exatamente esse, compreender se poderia esta prática artística ser um agente de transformação e, a ser, entender qual a sua influência no decurso de vida de um sujeito, neste caso, de Lucilina. Portanto, e analisando a sua história, facilmente entendemos que a sua trajetória seria bem diferente se a dança não tivesse existido na sua vida. A dança levou-a por um caminho que jamais imaginaria, e hoje, comove-se ao recordá-lo.

3.1.5. OS PRIMEIROS PASSOS

Para Lucilina, a importância da dança só veio a ser percebida quando a mesma se encontrava numa fase mais crescida. Até então, sabia que gostava e que se sentia bem a fazê-lo, mas nada mais que isso. *“O bichinho já lá estava em mim desde muito jovem, na altura não existiam escolas e eu estava longe de imaginar que esse bichinho se transformasse em algo maior.”* No entanto, a sua ida à “Visita da Cornélia” alterou toda a sua trajetória de vida. Foi um incidente crítico (Josso, 2002) que lhe alterou o rumo de forma irreversível.

Em criança, era frequente pôr-se à frente do espelho a dançar sozinha, e refere que era nas piores alturas que encontrava conforto na música: *“era o que eu precisava para me encher um bocado a alma. E quando pensava na música, muitas vezes dentro do carro e a olhar para o mar, eu ouvia essa mesma música e sem dançar, imaginava-me a dançá-la.”* Foi assim que começou realmente a entender o poder da dança e a importância que estava a ter na sua vida. Confessa que a dança lhe proporcionou momentos de grande reflexão, sobretudo quando ficou viúva aos 20 anos e se viu com uma filha nos braços.

Como nos diz Bejart (1980) “*a dança não é apenas espetáculo*”, e neste caso, podemos compreender a dança enquanto, potenciador de aprendizagem, de diálogo, como ferramenta para o desenvolvimento pessoal, e de mediação intrapessoal, no sentido em que pressupõe “*a mediação do indivíduo, na relação consigo mesmo e a sua formação integral, gerando aprendizagem e reflexão como forma de se (re)pensar a si mesmo*” (Torremorell, 2018, como citado em Fernandes, 2021, p. 40). Por outras palavras, com a partilha de Lucilina, entendeu-se a importância e o papel da dança para o auto e heteroconhecimento. A dança, como refere, proporcionou-lhe verdadeiros momentos de reflexão, de clareza e de diálogo entre os seus vários “eus”. Porque a dança permite trabalhar a sua relação consigo própria, numa perspetiva de fora para dentro.

3.1.6. “OS MEUS PASSARINHOS”: A RELAÇÃO ENTRE GERAÇÕES

Lucilina considera que é extremamente importante a dança para os jovens, mas também para os mais velhos. Aliás, ela defende que não há idade para se dançar. Para além disso, considera e reflete o papel de união que a dança tem ao conseguir juntar gerações. Para si, que todos os dias lida com jovens, é muito rejuvenescedor, “*é como um renascer e ter cada vez mais alento, cada vez mais energia para fazer coisas*”. No entanto, refere que na sua escola, não se ensina apenas a dançar, Lucilina faz questão de ensinar aquilo que aprendeu ao longo dos seus 76 anos de vida. Cria regras, impõe limites e exige respeito, valores que a acompanham desde criança. Para si, é necessário haver disciplina, e por isso diz que nem todos os jovens aguentam estar na sua escola, “*os jovens nem sempre aceitam de bom grado esse tipo de disciplina e esse tipo de rigor*”, porque não estão habituados a isso, nem entendem que é para o bem deles mesmos. Mais tarde entendem que foi necessário, pelos menos aqueles que se mantiveram.

Lucilina partilhou também que o facto de ser muito exigente, se deve às dificuldades que a vida lhe colocou no caminho quando era ainda muito nova. No entanto, o rigor e a disciplina são fundamentais para o desenvolvimento. Aliás, a dança, na sua opinião, é uma das atividades mais importantes no desenvolvimento e no cruzamento da juventude com os séniores, com as pessoas em geral. Ao refletir sobre, Lucilina recorda uma história de um jovem que vinha de uma família destruída, e na

altura, quando andava pelas aldeias à procura de rapazes (porque ainda existia muito preconceito em relação aos rapazes dançarem danças de salão), numa aula que deu numa dessas localidades, reparou num miúdo sentado a observar: *“perguntei-lhe porque não ia, e ele disse que não podia pagar, disse-lhe que não fosse por causa disso, e que aquelas aulas não eram pagas”*. A verdade é que ele foi dançar, e isso tornou-o mais confiante, com maior autoestima e longe de caminhos desviantes. Na escola os professores não entendiam esta mudança de comportamento e atitude, mas Lucilina explicou que tudo se deveu ao trabalho desenvolvido através da dança. Valores como o amor e a amizade começaram a surgir na vida deste jovem. Inclusive, passou a ter sonhos e projetos de vida. Anos mais tarde, depois de perderem o contacto, Lucilina voltou a encontrá-lo e recorda-se bem desse encontro feliz. Ele não era professor de dança, mas tinha conseguido ser cozinheiro, tinha constituído família e que foi através desta arte que a sua vida se transformou.

A beleza de conhecer a História de Vida de alguém é a descoberta conjunta, é a possibilidade de viajar para outros mundos, outras realidades. Curiosamente, através da história de Lucilina fiquei a conhecer o Celso, aliás, uma pequena parte de quem é. À medida que íamos mais longe na conversa, mais entendia a dança enquanto veículo de mediação intercultural, e o seu poder na vida de uma outra pessoa, através do olhar daquela que considero ser uma verdadeira mediadora. Posso dizer que me saiu a sorte grande, porque, para além de ter tido o privilégio de investigar e conhecer em profundidade uma história de vida de uma senhora de 76 anos, conheci um pouco de uma outra vida, igualmente importante e relevante para este estudo. Estou a mencioná-la por um motivo.

Um dos objetivos deste estudo é compreender em que medida a dança é um construtor de pontes e um veículo de mediação intercultural na vida de Lucilina. E apesar de já ter a minha resposta, quis escrever também sobre o Celso, porque a vida de Celso cruza-se com a história de Lucilina. Em margens diferentes, mas ligados pela dança, assim estão eles. A dança uniu-os, e foi possível entender que, demonstrou ser um verdadeiro veículo mediador e eixo transformador, porque foi através desta arte que as margens se aproximaram e se tocaram. Lucilina utilizou-a como ferramenta, e conseguiu através da dança desenvolver uma transformação na vida do jovem. Ao analisar atentamente a história, entendi que faria sentido fazer este parêntesis, porque para além da dança ter sido importante na vida de Lucilina, esta conseguiu utilizá-la

também para impactar a vida e rumo de alguém. Falamos em mudar o mundo, e com a dança isso é possível. Pelo menos, nesta investigação, a dança mudou duas vidas. Foi mais do que eu me propus a investigar. Para Fernandes (2021, p.41), “ao longo do tempo, o processo de mediação tem demonstrado a valorização humana enquanto impulsionadora da mudança” e isso foi visível, tanto no caso de Celso como no sujeito em estudo, Lucilina.

“Os meus passarinhos, que é como costume chamar os meus alunos, crescem muito, e aquilo que tento ensinar-lhe passa pela dança, mas ao mesmo tempo uma série de questões que lhe serão uteis para a vida.”

Deste modo, e voltando agora à análise da história de vida de Lucilina, percebeu-se que a dança é de facto uma ferramenta de mediação, e um construtor de pontes entre mundos. Não apenas para a vida de Lucilina, mas também para aqueles cujas vidas se cruzam com a sua. Lucilina, pelo menos, a de Celso. Ao longo da sua vida foi sendo um mediador, um terceiro instruído que leva a dança à outra margem. Que ensina muito mais que dançar e educa através da arte. Aliás, segundo Fernandes (2021, p. 41) a *“finalidade do processo de mediação é promover a autonomia no indivíduo, o designado, empowerment, através da transmissão de aprendizagens, valores, e ferramentas necessárias que permitam ao indivíduo, a execução de uma vida socialmente autónoma e responsável.”* A autora (Fernandes, 2021) acrescenta ainda que a arte, neste caso específico a dança, gera um processo de transformação no indivíduo, na sua relação intrapessoal e interpessoal. O que vai ao encontro das conclusões obtidas desta investigação.

3.1.7. QUEM FUI, QUEM SOU E QUEM SEREI

Apesar de estar reformada, continua muita ativa, «parar» é um termo que não conhece. Adora a idade que tem, mas é no meio dos jovens que se sente completa. No auge dos seus agora 76 anos, Lucilina reflete sobre o seu passado e refere a grande *“décalage entre a minha meninice e a Lucilina adulta”*. Diz ter “nariz arrebitado” e de se considerar uma pessoa que *“se tenho uma coisa na cabeça, vai tudo à minha frente”*. Marcada por várias tragédias, Lucilina não deixa de ter alegria, ganas de viver. Pelo contrário, o que lhe foi acontecendo ao longo dos anos só lhe deu mais força para ser a

mulher que é. Orgulha-se da sua resiliência e da sua forma de olhar o mundo. Desde cedo que Lucilina foi fora da caixa, e foi isso que a fez chegar onde chegou. Gosta de mandar, e assume-o sem problema. E confessa que foram os piores momentos que viveu que a tornaram no oposto do que era. Jamais aquela menina pacata diria algo assim. Agora Lucilina recorda essa menina com saudades, mas sem vontade de a voltar a ser. *“Eu gosto muito da minha vida, tenho orgulho da minha vida. Tive grandes momentos de sofrimento, foi a doença da minha mãe (que ainda é viva), a minha avó, que fiz tudo para a encontrar, foram 18 dias e depois ela estava morta no rio, a morte do Mami, ainda assim, eu acho que a minha vida foi uma vida feliz. Eu considero-me uma mulher feliz, tenho uma família bonita, uns netos espetaculares, uma filha espetacular”*.

Em relação à dança, Lucilina diz não querer descolar, nem consegue pensar na ideia de deixar de dançar. Continua a ter aulas porque não quer parar, quer manter-se ativa ao lado dos jovens. E olhando para trás, para o seu passado, não consegue imaginar a sua vida sem ela. Tem sede de dança, gosta de pisar o palco e gosta do estresse que isso lhe provoca. Deseja continuar a dar espetáculo, porque é difícil pensar numa realidade em que isso não seja possível.

Ao refletir sobre a sua trajetória, entende que provavelmente a sua vida teria sido muito diferente, assim como a sua maneira de pensar e ver o mundo se não tivesse ficado viúva: *“eu não tinha esta mentalidade, penso eu, porque a minha vida era diferente, porque ele era um homem muito conservador, fazia parte dos fulanos conversadores da terra. Era um homem assim, o ninéu, pelo contrário, quando o conheço é porque jogava futebol, já era mais liberal, mais aberto. Se tivesse ficado ali, teria uns poucos de filhos, e tinha ficado como elas, a ir ao café, ficava ali, não estudava, não trabalhava. Tudo isso é que depois me deu a alavanca.”*. Sem esquecer a dança, que também constitui uma grande alavanca para mudar de vida. Estes dois momentos, o da morte do seu primeiro marido e a ida ao programa foram os momentos que mais impacto tiveram na sua trajetória.

Confessa que o seu primeiro marido casou consigo porque era aquele homem que na altura queria uma menina virgem, que nunca tinha tido namorados, muito certinha, e Lucilina correspondia àquele protótipo. Confessa também que não tem *“pachorra para conversas de café”* e que tem dificuldade *“em estar com malta da minha idade”*. A sua convivência diária com os jovens é reflexo disso, para Lucilina,

“sair à meia-noite para ir para o porto ou ir para Madrid é o mesmo que ir para Lisboa”. Para além disso, não dispensa de um bom tempo nas redes sociais. Faz questão de continuar a aprender, de conduzir, de viajar e de estar sempre ativa. Até as conversas são outras. Lucilina considera importante esta troca entre gerações, porque apesar de saber que tem muito a ensinar, também tem sempre a aprender.

Sente-se lindamente, adora dizer que tem 76 anos porque se sente bem. Gosta de cuidar de si, *“ponho a pestana postiça, ponho o ácido hialurónico no rosto, faço a minha massagem, o meu exercício físico. Eu cuido de mim, a idade não me aflige”*. Confessa que pensa desta forma porque felizmente tem tido saúde, mas acredita que, e baseando-se noutras situações que viveu, a vida é para se lutar e para se obter aquilo que se quer. Porque a vida passa num instante. E durante a nossa conversa, carinhosamente me aconselhou a dar luta e a viver com toda a intensidade. *“Quando temos a tua idade pensamos que a gente nunca morre, que a vida nunca tem fim, mas quando se chega à minha idade começa-se a ver, «olha aquele já partiu, aquele já morreu, o outro está doente, aquele teve um cancro», espero e penso, «para ai um bocadinho», a gente não se pode entregar a isto”, no seu entender, há de facto pessoas que se entregam, “veem a vida e deixam-se ir”. “Não te deixes ir”*.

CONCLUSÃO

De certa forma, falar da dança, de identidades e de mediação é um desafio. No entanto, procurei com este trabalho simplificar e interligar os conceitos. Este não foi um dos objetivos da investigação, e sim meu, enquanto investigadora que pretende tornar esta investigação o mais acessível possível, para que seja entendida por todos. Este trabalho foi o culminar de muita leitura, pesquisa e também de muitas partilhas, porém, para que este tenha sido o resultado, primeiro foi necessário todo o conhecimento e aprendizado obtido, não só, mas também através do mestrado e de todos os docentes que dia após dia nos fazem beber da sua sabedoria.

Naturalmente que não me consigo distanciar emocionalmente do tema, da dança, porque é muito importante para mim, mas compreendi que posso ter distanciamento científico que me permita fazer um trabalho desta natureza. Eu estou consciente de que a distância tem de ser científica relativamente ao objeto de estudo e não uma distância emocional. Mas também só fazia sentido para mim, fazer um trabalho de mestrado que fosse motivador também do ponto de vista pessoal, e que me levasse a aprender mais sobre duas das minhas grandes paixões, que neste caso são a dança e a mediação intercultural. E por isso, através de uma narrativa biográfica, procurei entender de que forma a dança impactou a vida de um sujeito, neste caso, a de Lucilina Sobreiro. No entanto, os objetivos específicos desta investigação basearam-se em questões orientadoras como já mencionadas na introdução, nomeadamente, de que forma pode a dança

- ✦ *ser construtora de pontes entre mundos?*
- ✦ *servir como ferramenta de mediação intrapessoal?*
- ✦ *ter tido influência no decurso da vida do sujeito em estudo?*
- ✦ *influenciar e moldar a identidade?*
- ✦ *desenvolver o auto e heteroconhecimento?*

Através de entrevistas etnobiográficas aprofundadas, caracterizadas por Burgess (2001) como conversas, foi possível analisar as várias dimensões que compõem a vida de Lucilina, assim como dar resposta às questões propostas. Sendo esta uma investigação

de cariz qualitativo, não me atrevo a afirmar que os objetivos foram atingidos, contudo, através deste estudo de caso, e sem intenções de generalizar, foi possível compreender a dança para além da sua vertente cultural, e olhá-la enquanto eixo transformador, enquanto veículo de mediação intrapessoal capaz de contruir pontes entre mundos, e influenciador do decurso de vida. Para Lucilina, a dança significa mudança, (trans)formação, significa vida. E foi isso que se compreendeu. Quero reforçar que, embora estejamos perante um estudo de um caso concreto, de uma história de vida, esse aspeto não retira valor científico à investigação. Pois não me interessou desenvolver um estudo quantitativo, nem procurar regularidades, ou estatísticas, ou até fazer comparações, mas sim compreender bem este caso. E em discussão com o meu orientador, nós chegamos à conclusão de que a minha investigação é fantástica nesse aspeto, porque eu não preciso de muitos casos, basta um, basta a compreensão daquele caso concreto. Nós acreditamos que um estudo de caso é mesmo muito suficiente, e que me chega desde que eu consiga entendê-lo e compreendê-lo (bem).

Espero também que este trabalho constitua uma nova forma de olhar a dança, e que incentive a realização de mais estudos sobre a temática, que abra caminho a novas reflexões e que motive à prática desta arte, que tão bem faz ao ser humano e que por vezes é reduzida à cultura. Neste trabalho, encontra-se o passado, o presente e o futuro de alguém cujo projeto de vida ainda se encontra aberto.

BIBLIOGRAFIA

- Alencastro, I. G., & Pinto, A. (2015). Sensações e motivações: o ballet clássico como prática corporal na idade adulta. VIII *Encontro de pesquisa em arte da fundarte e III Seminário dos grupos de pesquisa da UERGS/Montenegro*, (8), 302-305. <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/epa/article/view/298>
- Almeida, H. N. (2001). *Conceptions et Pratiques de la Médiation Social. Les modèles de médiation dans le quotidien professionnel des assistants sociaux*. (1ª ed.). Fundação Bissaya-Barreto.
- Almeida, C. V. A. (2011, setembro 21-23). *Trajetórias e memórias de uma educadora: Narrativas de formação*. [Conferência]. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão – Brasil. <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10479/18/84.pdf>
- Alves, A. R. S. & Alves, T. S. (2011). A arte na educação e na educação de jovens e adultos. *E.T.C. Educação, tecnologia e cultura*, 8(19), 57-65. <http://publicacoes.ifba.edu.br/etc/article/view/72/81>
- Amado, J. (2014). *A entrevista na investigação educacional. Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (2.ªed). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amaral, D. E. L. & Ramos, J. F. P. (2018). Mediação de conflitos no ambiente escolar para promover a cultura de paz. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, 8(21), 24-44. <https://doi.org/10.32335/2238-0426.2018.8.21.1072>
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança da Família*. (2.ª ed.). Guanabara.
- A.A. V.V. (2008). *Mediación Intercultural: una propuesta para la formación*. (4.ª ed.). Editorial Popular.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70
- Béjart, M. (1980). Prefácio em Garaudy, R. *Dançar a vida*. (6.ª ed.). Nova Fronteira.
- Bell, J. (2010). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. (5.ª ed.). Gradiva.

- Belmiro, M. (2018, junho 29). *Fases da Adolescência*. Instituto de Crescimento Infatojuvenil. <https://institutoinfantojuvenil.com.br/fases-da-adolescencia/>
- Bogdan, R., & Biklen, S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora. https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_e_m_educacao
- Borges, M. P. A. (2007). *Professores: Imagens e auto-imagens*. [Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1700>
- Burgess, R. (2001[1984]). Métodos de pesquisa de terreno II: As entrevistas como conversas. In Burgess, R. (2001 [1984]). *A Pesquisa de Terreno, Uma Introdução* (111-133). Celta Editora
- Caldeira, L. B. (2008). O conceito de infância no decorrer da história. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf
- Campão, D. D. S. & Ceconello, A. M. (2008). A contribuição da Educação Física no desenvolvimento psicomotor na educação infantil. *Buenos Aires*, 13(123). <https://www.efdeportes.com/efd123/a-contribuicao-da-educacao-fisica-no-desenvolvimento-psicomotor-na-educacao-infantil.htm>
- Camargo, D. & Fink, S. C. M. (2010). A dança inserida no contexto educacional e sua contribuição para o desenvolvimento infantil. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFMS*, 16(39), 62-74. <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/view/2425>
- Capul, M. & Lemay, M. (2015). *Da educação à intervenção social*. (2.^a ed.). Porto Editora.
- Carmo, F. S. DO., & Padovan, L. (2015). *A importância da dança no desenvolvimento e na transformação sociocultural da população*. <http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2015/pdf/arg012.pdf>

- Carvalho, A. D. & Baptista, I. (2004). *Educação Social- Fundamentos e estratégias*. (1.^a ed.). Porto editora
- Casa-Nova, M. J. (2009). A mediação intercultural e a construção de diálogos entre diferentes: notas soltas para reflexão, in Ana Maria Costa silva & Maria Alfredo Moreira (Orgs.) *Actas do Seminário Mediação Socioeducativa: contextos e Actores*, 61-68. Edição em CD ROM.
- Chopart, J-N. (Org.). (2006). *Os Novos Desafios do Trabalho Social. Dinâmicas de um campo profissional*. (1.^a ed.). Porto Editora.
- Coelho, J. M. dos S. (2015). O ensino primário no Estado Novo português. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, 8(22), 20-37.
<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/download/5504/17558/64117>
- Cohen, R. (1995). *Students resolving conflict: peer mediation in schools*. (2.^a ed.). Goodyear Books
- Correio, I. C. H., & Santos, C. E. F. dos S. (2017). A memória escrita no ar: reflexões histórico-culturais sobre a relação dança e memória. *Uniabeu*, 10(25), 10-24.
<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/2686>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humana: teoria e prática*. (2.^a ed.). Almedina.
- Delabary, M. S., Komerowski, I. G., Schuch, F. B., & Haas, A. N. (2016). Dança e flexibilidade: interferências na qualidade de vida de adultos. *Revista Brasileira de Qualidade de Vida*, 8(1), 14-25. <http://dx.doi.org/10.3895/rbqv.v8n1.3710>
- Dias, M. O. (2008). *Manual de Sugestões Para Estudantes: Estudar e fazer Trabalhos acadêmicos com método*. (1.^a ed.). Psicosoma.
- Falsarella, A. P., & Amorim, D. B. (2008). A importância da dança no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes. *Conexões* 6, 306-317.
<https://doi.org/10.20396/conex.v6i0.8637835>
- Faria, H. de C. (2015, agosto 10). *Adolescência: o que esperar desta fase*. CUF.
<https://www.cuf.pt/mais-saude/adolescencia-o-que-esperar-desta-fase>

- Fernandes, C. F. A. (2021). *Intervenção pela Arte em Contexto Prisional: Avaliação do Projeto “Ópera na Prisão”* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria]. IC-Online. <http://hdl.handle.net/10400.8/6963>
- Fernandes, M. M. (2009). Dança escolar: sua contribuição no processo ensino-aprendizagem. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 14(135). <https://www.efdeportes.com/efd135/danca-escolar-no-processo-ensino-aprendizagem.htm>
- Fialho, J. (2017). A construção da identidade social e profissional através da ação das redes de sociabilidade laboral. *Argumentos – Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes*, (14)1. 138-162. <http://hdl.handle.net/10174/21991>
- Fortes, F. M. (2008). A superação das limitações da terceira idade através de danças adaptadas. *Anuário da Produção Acadêmica Docente*, 2(3), 419-433. <https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/1577/1/v.2%2C%20n.3%2C%202008-419-433.pdf>
- Freitas, F. (2015). *Ao longe a distância: Um conto juvenil de introdução à filosofia*. (1.^a ed.). Vírgula.
- Furhmann, I. V. D. (2014). A Dança na Construção da Identidade Corporal [Paper presentation]. *III Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Salvador. <https://proceedings.science/anda/anda-2014/papers/a-danca-na-construcao-da-identidade-corporal#>
- Galtung, J. (1995). The role of the third party. In J. Callie e C. M. Merkel (Eds), *Peaceful settlement of conflict – A task for civil society: «Third party intervention»* (pp. 368-377). Rehburg-Loccum, Evangelische Akademie Loccum.
- Garaudy, R. (1980). *Dançar a vida*. (6.^a ed.). Nova Fronteira.
- Giddens, A. (2008). *Sociologia*. (6.^a ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (6.^a ed.). atlas

- Glaner, M. F. (2003). Importância da aptidão física relacionada à saúde. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 5(2), 75-85. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Gonçalves, A. (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação Social I: Programa, Conteúdo e Métodos de Ensino Teórico e Prático* [Relatório, Universidade do Minho]. <https://tendimag.files.wordpress.com/2012/09/mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-investigac3a7c3a3o-social-i.pdf>
- Guimarães, F. A. M. (2019). 30 anos de Trabalho com Temática História e Cultura Indígena na UNEB: Um relato para além da Ego-História. Em ANPUH – Brasil (org.). *30º Simpósio Nacional de História* [Simpósio]. Recife. https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565311761_ARQUIVO_textoFranciscoAlfredoMoraisGuimaraes.pdf
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (11.ª ed.). DP&A.
- Heckman, J. J. (2007). Investir nos mais jovens. In CEDJE (Ed.), *Importância do desenvolvimento infantil* (13-14.). <https://www.encyclopedia-crianca.com/pdf/complet/importancia-do-desenvolvimento-infantil>
- Jares, X. R. (2007). *Pedagogia da Convivência*. Profedições.
- Josso, M. C. (2002). *Experiências de vida e formação*. Educa R Formação.
- Karnal, L. [Band Jornalismo]. (2016). *Karnal: não existiam crianças antes do século XX*. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=7muGDWAKY90>
- Lahire, B. (2002). *Homem Plural: Os determinantes da ação*. (1.ª ed.). Vozes.
- Le Breton, D. (1953). *A sociologia do corpo*. (2.ª ed.). Vozes.
- Lima, M. P. (2010). *Envelhecimento(s)*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0355-1>
- Lima, M. da S., Fonseca, L. B. da., Azevedo, D. S. de. & Ribeiro, R. S. L. (2012). A contribuição da dança para o desenvolvimento psicomotor na Educação Infantil.

- EFDeportes*, 17(175). <https://www.efdeportes.com/efd175/danca-para-o-desenvolvimento-psicomotor.htm>
- Lopes, M. C. (2020, Abril 02). *Dançando na idade adulta: 5 vantagens para o corpo e a mente*. <https://www.mariacristinalopes.com/dan-ando-na-idade-adulta--5-vantagens-para-o-corpo-e-a-mente.html>
- Maalouf, A. (2002). *As Identidades Assassinas*. (2.^a ed.). Difel.
- Magnami, J. G. C. (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17(49). https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de_perto_de_dentro_0.pdf
- Margarido, C. (2011). *Trajectórias Pessoais e Identidades profissionais de Assistentes sociais*. [Tese de doutoramento não publicada]. Universidade Católica Portuguesa.
- Marques, J. C., Faria, S., Silva, P., Vieira, R. & Lopes, S. M. (2016). A prática da investigação no estudo da interculturalidade. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., Margarido, C. (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (125-139). Edições Afrontamento.
- Marques, I. A. (1997). Dançando na escola. *Motriz*, 3(1), 20-28. <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/03n1/artigo3.pdf>
- Martins, P. A. J. (2019). *Jovens e a construção de projetos de vida* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria]. IC-Online. <http://hdl.handle.net/10400.8/4649>
- Martins, S. S. G. (2019). *Impacto das Linguagens Artísticas na criação de Relações Interpessoais em Idosos Institucionalizados* [Dissertação de Mestrado, Politécnico de Leiria]. IC-Online. <http://hdl.handle.net/10400.8/4795>
- Martins, G. (2020, Fevereiro 14). *Por que a adolescência é uma fase tão difícil?* Super Interessante. <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/por-que-a-adolescencia-e-uma-fase-tao-dificil/>

- Masini, E. F. S. & Campos, E. S. (2015). Corpo, arte e dança em diálogo com a fenomenologia de Merleau-Ponty. *Entre arte e ciência*, 3(8). http://artcontexto.com.br/artigo-edicao08_elcie-masini.html
- Matias, C., (2016). Projetos de vida labirínticos: Uma opção de vida ou uma vida sem opção? [Dissertação de Mestrado, Politécnico de Leiria]. IC-Online. <http://hdl.handle.net/10400.8/1913>
- Matos, R. (2018). Da evolução do brincar na criança ao interculturalismo: notável paralelismo. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A & Margarido, C. (orgs.), *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária. Estar dentro e fora para mediar e intervir* (pp. 15-23). Edições Afrontamento.
- McCutchen, B. P. (2006). *Teaching dance as art in education*. Human Kinetics.
- Meier, J. K. & Kaufmann, L. H. (2015, outubro 16). *Os benefícios da dança para o desenvolvimento do ser humano* [Seminário de iniciação]. Seminário de Iniciação Científica do curso de Pedagogia, Itapiranga. <http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES18.pdf>
- Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Mustard, J. F. (2010). Desenvolvimento cerebral inicial e desenvolvimento humano. In CEDJE (Ed.), *Importância do desenvolvimento infantil* (8-12.). <https://www.encyclopedia-crianca.com/pdf/complet/importancia-do-desenvolvimento-infantil>
- Oliveira, J. & Jardim, M, A. (2008). Terapia pela arte numa abordagem hermenêutica. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 5(2008), páginas 260-268. <http://hdl.handle.net/10284/967>
- WHO. (2022). *Adolescent health*. https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1
- Pallarés, M. (1983). *Técnicas de grupo para educadores*. (1.ª ed.). ICCE.

- Pereira, C. S. (2012). *Envelhecimento e Bem-estar psicológico em adultos em idade avançada residentes em lar: Um estudo nas ilhas das Flores e Corvo* [Dissertação de mestrado, Universidade dos Açores]. Repositório da Universidade dos Açores. <https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/1954>
- Piovesan, J., Ottonelli, J. C., Bordin, J. B., & Piovesan, L. (2018). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. (1.^a ed.). Universidade Federal de Santa Maria. https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/07/MD_Psicologia-do-Desenvolvimento-e-da-Aprendizagem.pdf
- Pires, V., Farias, G. O. & Batista, P. M. F. (2019). Construção da identidade profissional docente de estagiários em educação física. *Educación Física y Ciencia*, 21(4), e104. <https://doi.org/10.24215/23142561e104>
- Poirier, J., Clapier-Valladon, S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de vida: teoria e prática* (2.^a). Celta.
- Primeiro ato. (2020a, Outubro 16). *Para você, o que é dança?* <https://primeiroato.com.br/blog/para-voce-o-que-e-danca/>
- Primeiro ato. (2020b, Dezembro 1). *Dance conosco: Dança para Adultos*. <https://primeiroato.com.br/blog/dance-conosco-danca-para-adultos/>
- Projeto Mediadores Municipais. (2010). *Relatório final de avaliação*.
- Queiroz, K. F. C. (2017). *A dança como um instrumento de intervenção social: Estudo de caso com estudantes do curso de licenciatura em Letras espanhol do instituto federal de Brasília* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Santarém]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Santarém. <http://hdl.handle.net/10400.15/1956>
- Read, H. (2007). *Educação pela arte*. Edições 70.
- Ruedell, A. (2012). Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher. *Natureza humana*, 14(2), http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302012000200001

- Santos, B. S., & Antunes, D. D. (2007). Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Educação*, *1*(61), 149-164. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/544>
- Santos, S. A. G. S. (2016). *As famílias de afeto nas casas de acolhimento de crianças/jovens em perigo* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Leiria]. IC-Online. <http://hdl.handle.net/10400.8/2298>
- Silva, R. A. (2019). O corpo-teia: a dança como dispositivo de mediação. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, *15*(2), 233-253. <http://dx.doi.org/10.5965/1984317815022019233>
- Silva, T. T. (2000). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. (15.^a ed.) Vozes. https://tonaniblog.files.wordpress.com/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf
- Silva, V. A. (2015). *Benefícios afetivosociais da prática da dança para estudantes dos núcleos de arte da Prefeitura do Rio de Janeiro* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/11668>
- Simões, P. & Vieira, A. (2018). Da mediação intercultural num GAFF. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A & Margarido, C. (orgs.), *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária. Estar dentro e fora para mediar e intervir* (pp. 45-60). Edições Afrontamento.
- Torremorell, M. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. (2.^a ed.) Porto Editora.
- Varregoso, I., Machado, R., & Barroso, M. (2016). A dança como contributo para a qualidade de vida de idosos institucionalizados e não institucionalizados. *Número Especial do Congresso*, *4*(2), 254-272. <https://doi.org/10.25746/ruiips.v4.i2.9936>
- Vieira, A. (2012). Tensões sociais e conflitos na escola: da prevenção e da resolução. *Página da Educação* *2*(197), 29-31. <http://hdl.handle.net/10400.8/2089>
- Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. (2.^a ed.). Profedições.

- Vieira, A. (2016). Intervenção Social, Mediações Socioculturais, Prevenção e Resolução. In Vieira, A., Vieira, R. *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações* (pp. 98-102). Profedições.
- Vieira, A. & Vieira, R. (2016a). Pedagogia Social, Mediação Intercultural e Intervenção Social. In Vieira, A., Vieira, R. *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações* (pp. 55-64). Profedições.
- Vieira, A. & Vieira, R. (2016b). Competências da Mediação Intercultural como prática da Pedagogia Social. In Vieira, A., Vieira, R. *Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações* (pp. 65-70). Profedições.
- Vieira, R. (2009). *Identidades Pessoais: Interações, Campos de Possibilidades e Metamorfoses Culturais*. (1.^a ed.). Colibri.
- Vieira, N. C. P. (2011). Corpo que dança: Um olhar fenomenológico sobre improvisação na dança contemporânea. In Monteiro, E. & Alves, M. J. (Eds.), *Seminário Internacional - SIDD 2011 - Descobrir a Dança / Descobrimo através da Dança 2011* (pp. 223-231). Faculdade de Motricidade Humana. <https://ceapfmh.files.wordpress.com/2012/12/atas-sidd-2011-final.pdf>
- Vieira, R., Matias, C. (2018). Vidas de rua: a mediação na (re)construção de projetos de vida. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A & Margarido, C. (orgs.), *Da Mediação Intercultural à Mediação Comunitária. Estar dentro e fora para mediar e intervir* (pp. 25-45). Edições Afrontamento.

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1	3
---------------	---

Anexo 1

Tabela com os oito principais períodos do ciclo vital

Faixa Etária	Desenvolvimento Físicos	Desenvolvimento Cognitivos	Desenvolvimentos Psicossociais
Período Pré-natal (concepção ao nascimento)	Ocorre a concepção. A dotação genética interage com as influências ambientais desde o início. Formam-se as estruturas e os órgãos corporais básicos. Inicia-se o crescimento cerebral. O crescimento físico é o mais rápido de todo o ciclo vital. O feto ouve e responde a estímulos sensoriais. A vulnerabilidade a influências ambientais é grande.	As capacidades de aprender e lembrar estão presentes durante a etapa fetal.	O feto responde à voz da mãe e desenvolve uma preferência por ela.
Primeira Infância (nascimento aos 3 anos)	Todos os sentidos funcionam no nascimento em graus variados. O cérebro aumenta de complexidade e é altamente sensível à influência ambiental. O crescimento e o desenvolvimento físico das habilidades motoras são rápidos.	As capacidades de aprender e lembrar estão presentes, mesmo nas primeiras semanas. O uso de símbolos e a capacidade de resolver problemas desenvolvem-se ao final do segundo ano de vida. A compreensão e o uso da linguagem desenvolvem-se rapidamente.	Desenvolve-se um apego a pais e a outras pessoas. Desenvolve-se a autoconsciência. Ocorre uma mudança da dependência para a autonomia. Aumenta o interesse por outras crianças.
Segunda Infância (3 aos 6 anos)	O crescimento é constante; o corpo fica mais delgado e as proporções mais semelhantes às de um adulto. O apetite diminui, e os problemas de sono são comuns. A preferência pelo uso de uma das mãos aparece; as habilidades motoras finas e gerais e força aumentam.	O pensamento é um pouco egocêntrico, mas a compreensão do ponto de vista das outras pessoas aumenta. A imaturidade cognitiva leva a algumas ideias ilógicas sobre o mundo. A memória e a linguagem se aperfeiçoam. A inteligência torna-se mais previsível.	O autoconceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos; a auto-estima é global. Aumentam a independência, a iniciativa, o autocontrole e os cuidados consigo mesmo. Desenvolve-se a identidade de gênero. O brincar torna-se mais imaginativo, mais complexo e mais social. Altruísmo, agressão e temores são comuns. A família ainda é o foco da vida social, mas as outras crianças tornam-se mais importantes. Frequentar a pré-escola é comum.

<p>Terceira Infância (6 aos 11 anos)</p>	<p>O crescimento diminui. Força e habilidades atléticas aumentam. Doenças respiratórias são comuns, mas a saúde geralmente é melhor do que em qualquer outro período do ciclo vital.</p>	<p>O egocentrismo diminui. As crianças começam a pensar com lógica, mas da maneira concreta. As habilidades de memória e linguagem aumentam. Os desenvolvimentos cognitivos permitem que as crianças beneficiem-se com a educação escolar. Algumas crianças apresentam necessidades e talentos educacionais especiais.</p>	<p>O autoconceito torna-se mais complexo, influenciando a auto-estima. A co-regulação reflete a transferência gradual de controle dos pais para a criança. Os amigos assumem importância central.</p>
<p>Adolescência (11 aos aproximadamente 20 anos)</p>	<p>O crescimento físico e outras mudanças são rápidas e profundas. Ocorre maturidade reprodutiva. Questões comportamentais, como transtornos alimentares e abuso de drogas, trazem importantes riscos à saúde.</p>	<p>Desenvolve-se a capacidade de pensar em termos abstratos e utilizar o raciocínio científico. O pensamento imaturo persiste em algumas atitudes e em alguns comportamentos. A educação se concentra na preparação para a faculdade ou para a vida profissional.</p>	<p>Busca de identidade, incluindo a identidade sexual, torna-se central. Relacionamentos com os pais são, em geral, bons. Os grupos de amigos ajudam a desenvolver e testar o autoconceito, mas também podem exercer uma influência anti-social.</p>
<p>Jovem Adulto (20 aos 40 anos)</p>	<p>A condição física atinge o máximo, depois diminui ligeiramente. As escolhas de estilo de vida influenciam a saúde.</p>	<p>As capacidades cognitivas e os julgamentos morais assumem maior complexidade. Escolhas educacionais e profissionais são feitas.</p>	<p>Os traços e estilos de personalidade tornam-se relativamente estáveis, mas as mudanças na personalidade podem ser influenciadas pelas etapas e pelos eventos de vida. Tomam-se decisões sobre os relacionamentos íntimos e os estilos de vida pessoais. A maioria das pessoas casa-se e tem filhos.</p>
<p>Meia-idade (40 aos 65 anos)</p>	<p>Pode ocorrer alguma deterioração das capacidades sensoriais, da saúde, do vigor e da destreza. Para as mulheres, chega a menopausa.</p>	<p>A maioria das capacidades mentais atinge o máximo; a perícia e as capacidades de resolução de problemas práticos são acentuadas. O rendimento criativo pode diminuir, mas melhorar em qualidade. Para alguns, o êxito na carreira e o sucesso financeiro alcançam o máximo, para outros, podem ocorrer esgotamento total ou mudança profissional.</p>	<p>O senso de identidade continua se desenvolvendo; pode ocorrer uma transição de meia-idade estressante. A dupla responsabilidade de cuidar dos filhos e dos pais idosos pode causar estresse. A saída dos filhos deixa o ninho vazio.</p>

<p>Terceira idade (65 anos em diante)</p>	<p>A maioria das pessoas é saudável e ativa, embora a saúde e as capacidades físicas diminuam um pouco. O tempo de reação mais lento afeta alguns aspectos do funcionamento.</p>	<p>A maioria das pessoas é mentalmente alerta. Embora a inteligência e a memória possam se deteriorar em algumas áreas, a maioria das pessoas encontra formas de compensação.</p>	<p>A aposentadoria pode oferecer novas opções para a utilização do tempo. As pessoas precisam enfrentar as perdas pessoais e a morte iminente. Os relacionamentos com a família e com os amigos íntimos pode oferecer apoio importante. A busca de significado na vida assume importância central.</p>
--	--	---	--

Fonte: Papalia, et al., 2006, como citado em Piovesan, J., et al., 2018, p. 44-46.

APÊNDICES

ÍNDICE DE APÊNDICES







Apêndice A – <i>Procedimentos de tratamento das entrevistas</i>	8
Apêndice B - <i>Guião da entrevista exploratória</i>	12
Apêndice C – <i>Transcrição da entrevista exploratória</i>	12
Apêndice D – <i>Sinopse da entrevista exploratória</i>	17
Apêndice E – <i>Guião da transcrição da 1ª entrevista</i>	19
Apêndice F – <i>Transcrição da 1ª entrevista</i>	20
Apêndice G – <i>Sinopse da 1ª entrevista</i>	34

Apêndice A – Procedimentos de tratamento das entrevistas

Exemplo de legenda de categorias com cores

LEGENDA DE CATEGORIAS (relativas à entrevista exploratória)

Dança







 Nos jovens	
 Relações estabelecidas através da dança	
 Na vida do sujeito	

LEGENDA DE CATEGORIAS (relativas à primeira entrevista)





Infância e Juventude

 Infância	
 Adolescência	
 Família e relações familiares	
 Meio que a envolveu	

Aduldez

 Início da vida adulta	
 Trabalho	
 Velhice/reforma	

Dança

 Início: como surgiu a dança na sua vida	
 Percurso	

Exemplo de identificação de categorias com cores

Entrevista exploratória

Entrevistada: Lucilina Sobreiro

Data de realização: 3 de dezembro de 2021

Local: Escola de dança de Torres Vedras (Tuna Comercial Torreense)

Duração da entrevista: 40 minutos

[...]

Inv. – *De facto, é visível a sua relação com a dança, mas como caracteriza a sua relação com os jovens, e a relação destes para com a dança?*

L.S. – Sabes, é muito importante para os jovens como foi importante na minha há vida os jovens ao meu lado, o desenvolvimento, o ambiente de dança, de música, do bem-estar, de juventude. Para mim, mais velha, foi e é como um renascer e ter cada vez mais alento, cada vez mais energia para fazer coisas na vida. O facto de hoje ser muito exigente, deve-se às dificuldades que a vida colocou no meu caminho quando era ainda muito nova, e, portanto, sentia e sinto que é na disciplina, no rigor e no amor naquilo que se fazia, que nos permite desenvolver. Como eu senti isso em mim, gostava que os meus jovens também fossem assim. Os jovens nem sempre aceitam de bom agrado esse tipo de disciplina e esse tipo de rigor, geralmente mais tarde quando crescem, casam e tem filhos, é que sentem que se calhar foi importante, depois é que compreendem.

Inv. – *Criam-se muitas relações entre os alunos, como define essa mesma relação e qual a sua importância?*

L.S. – Entre eles sim, há certos grupos que tentam destabilizar e tentam às vezes criar discussão, mas a maioria junta-se e tornam-se muito amigos. Relações que duram até hoje.

Inv. – *Considera que a dança influencia o crescimento dos jovens?*

L.S. – Antes de eu sentir a importância da dança nos jovens, eu senti a importância da dança em mim, enquanto adulta, porque comecei a desenvolver a escola de dança sem bases de conhecimento técnico. Começou como um *hobbie*, e mais a sério depois de ter ido a um programa de televisão, que acabámos por ganhar, eu e o meu marido. Todos falavam dessas danças, mas nós criámos as coreografias à nossa maneira apenas com criatividade, porque o bichinho já lá estava em mim desde muito jovem, na altura não existiam escolas e eu estava longe de imaginar que esse bichinho se transformasse em algo maior. Era frequente pôr-me à

frente do espelho a dançar sozinha, entretanto cresci, casei e fiquei viúva com 20 anos. Na altura, encontrava na música aquilo que eu precisava para me encher um bocado a alma. E quando pensava na música, muitas vezes dentro do carro e a olhar para o mar, eu ouvia essa mesma música e sem dançar, imaginava-me a dançá-la.

1ª Entrevista

Entrevistada: Lucilina Sobreiro

Data de realização: 4 de março de 2022

Local: Escola de dança de Torres Vedras (Tuna Comercial Torreense)

Duração da entrevista: 56 minutos

[...]

L.S. – A minha infância...bem, em criança eu era o oposto do que sou hoje, eu era uma miúda muito sossegada, muito obediente, muito submissa, até ficar viúva fui sempre assim, submissa, pacata, mas muito alegre. Cantava e dançava à frente do espelho. Mas tudo o que os meus pais me diziam para mim era sagrado.

L.S. – Passei a adolescência na praia de santa cruz, sobretudo no verão, porque o meu pai tinha um restaurante. Então as minha colegas iam todas para a praia, mas o meu pai nunca me deixava sair, naquela altura era completamente diferente do que é agora, não é?! Tanto que elas às vezes juntavam-se à noite, iam passear e eu estava sentada lá porque o meu pai não me deixava sair, ficava muito triste. Então o que é que eu fazia? De vez em quando fugia, fugia sem ele dar por isso. Sentava-me, não é?! Depois elas estavam a passear pelo parque e eu ia a correr a correr, a correr, estava lá 5 minutos e voltava, sentava-me outra vez. O meu pai via-me sentada, pensava que eu estava sempre ali (risos).

L.S. – Deixa-me dizer-te que a minha infância esteve muito ligada à minha avó. A minha mãe trabalhava muito, trabalhava de costura e, portanto, a minha avó praticamente é que me criou. Era uma menina muito feliz, muito mimada, a minha avó mimava-me muito, havia amor na minha casa, havia. Era um lar com amor.

L.S. – O meu pai estava sempre a trabalhar, a minha mãe igual, de maneira que eu fui criada assim muito fechada. Tive grandes momentos de sofrimento, foi a doença da minha mãe [...]. Quando eu tinha 8 anos, a minha mãe endoideceu, teve até dois anos no júlio de matos, e eu lembro-me de a ir ver, separada por um biombo a espumar pela boca a dizer que queria morrer.”

L.S. – Queria que me chamassem doutora, na altura o ser doutor era assim muito importante, havia estatuto, é aí que começo a estudar e tiro o curso de direito, precisamente pela aquela coisa de me impor. E comecei a ser, não aquela menina submissa que eu tinha em mim, aquele sentimento de obediência, mas, não, chega! Eu quero, não faço mal, eu vou. Vou estudar, vou estudar. Quando eu disse que ia estudar ao meu pai, depois de ter ficado viúva, o meu pai bateu-me. Deu-me duas bofetadas e disse-me, “tu vais me envergonhar, eu tinha orgulho em ti, mas tu vais me envergonhar, tu vais para lisboa, não é para estudar, é para a má vida. Porque uma viúva tem alguma necessidade de... estás cá, trabalhavas aqui em qualquer coisa, agora ir estudar não, não”. E eu teimei, quer dizer, tudo aquilo que eu tinha sido na infância, o ser obediente, tornou-se o oposto. Teimei e fui, fui com a minha filha, tirei o curso e quando acabei o curso, o meu pai deu-me um abraço a chorar e pediu-me desculpa.

L.S. – Eu na altura era secretária da administração de uma empresa inglesa. Portanto, eu saí de secretária da administração de onde estava e vou trabalhar para a publicidade já para a área da televisão e da publicidade. Já ganhava bem e não tinha tempo para fazer o estágio.

L.S. – Agora, não me vejo sem a dança, não me vejo sem o espetáculo, sem os miúdos. O contacto com os miúdos que eu acho que foi isso que me manteve sempre muito ativa, foi o contacto com vocês, porque eu estou diariamente com vocês, as conversas são outras. Eu não tenho pachorra para estar com malta da minha idade.

L.S. – a dança fez parte desde pequenina, dançava em cima da cama, fazia coreografias, fazia tudo sem saber nada, nunca ia lado algum, enquanto as minhas colegas até iam para lisboa ou iam aos cinemas aqui, eu não ia. Fui uma miúda que não tinha nada disso.

L.S. – Os júris puseram-nos no píncaro, ganhámos a sessão, fomos considerados quase os melhores e a partir daí é que depois começou, as pessoas começaram a ouvir falar na gente e a patrícia e o Hélder um dia me telefonaram se eu lhes ensinava a dançar o tango. “Epá eu ensino, mas a gente só sabe por intuição” e começámos com eles, entretanto sou convidada para ser diretora das atividades culturais da física. Então, com eles, nós ensinamo-los a dançar como dançávamos, não havia técnica nenhuma, mas aquilo dava nas vistas, nós dançávamos muito bem. E pronto, montámos um espetáculo, fiz o espetáculo na física, que ainda hoje não houve mais nenhum com mil e quinhentos velhotes dos lares do concelho, era a festa dos avós, que era por causa da minha paixão pelos avós. Então juntei tudo na física e foi. Entretanto para evoluirmos, quisemos ir aprender e tirávamos os passos da televisão, desarrumávamos a minha casa toda e evoluíamos assim.

Apêndice B - Guião da entrevista exploratória

1. Dança

- ✦ Influência no crescimento dos jovens e no próprio crescimento
- ✦ Relações com alunos e a própria
- ✦ Aprendizagens e motivações para começar a dançar

Apêndice C – Transcrição da entrevista exploratória

Entrevistada: Lucilina Sobreiro

Data de realização: 3 de dezembro de 2021

Local: Escola de dança de Torres Vedras (Tuna Comercial Torreense)

Duração da entrevista: 40 minutos

Investigador (Inv.) – *Antes de mais, obrigada pela disponibilidade. Quero perguntar se me autoriza a gravar a nossa conversa, e salientar que tem liberdade para dizer aquilo que sentir que deve dizer, e também se não se sentir confortável passamos para outro assunto.*

Lucilina Sobreiro (L.S.) – Claro que autorizo, estás à vontade e podes perguntar o que entenderes, com a minha idade já não existem assuntos desconfortáveis.

Inv. – *ótimo, comecemos então. Considera que a dança influencia o crescimento dos jovens?*

L.S. – Antes de eu sentir a importância da dança nos jovens, eu senti a importância da dança em mim, enquanto adulta, porque comecei a desenvolver a escola de dança sem bases de conhecimento técnico. Começou como um *hobbie*, e mais a sério depois de ter ido a um programa de televisão, que acabámos por ganhar, eu e o meu marido. Todos falavam dessas danças, mas nós criámos as coreografias à nossa maneira apenas com criatividade, porque o bichinho já lá estava em mim desde muito jovem, na altura não existiam escolas e eu estava longe de imaginar que esse bichinho se transformasse em algo maior. Era frequente pôr-me à frente do espelho a dançar sozinha, entretanto cresci, casei e fiquei viúva com 20 anos. Na altura, encontrava na música aquilo que eu

precisava para me encher um bocado a alma. E quando pensava na música, muitas vezes dentro do carro e a olhar para o mar, eu ouvia essa mesma música e sem dançar, imaginava-me a dançá-la. Eu via, e comecei a entender a importância que a dança estava a ter para mim porque, para além disso, proporciona-se momentos de grande reflexão em que eu ouvia a música, olhava para o mar e questionava-me, e agora o que faço eu da minha vida? tinha a minha bebé de 2 meses, tinha que cuidar dela. E fiz isso durante muito tempo. Na altura entendi que não podia ficar ali e foi quando comecei a crescer e tirar cursos, inclusive fui à televisão. Foi nesse momento que começaram a aparecer miúdos que queriam aprender a dançar e nós, eu e o meu marido, porque depois voltei a casar. Ensinávamos, mesmo que intuitivamente, criávamos as coreografias com base naquilo que sentíamos, tanto que continuo a usar muito a expressão de sentir a música, porque estava habituada a dançar com base naquilo que sentia, não na técnica, e daí eu depois para evoluir, comecei a estudar e a aprender, e ter aulas com professores.

Inv. – *De facto, é visível a sua relação com a dança, mas como caracteriza a sua relação com os jovens, e a relação destes para com a dança?*

L.S. – Sabes, é muito importante para os jovens como foi importante na minha vida os jovens ao meu lado, o desenvolvimento, o ambiente de dança, de música, do bem-estar, de juventude. Para mim, mais velha, foi e é como um renascer e ter cada vez mais alento, cada vez mais energia para fazer coisas na vida. O facto de hoje ser muito exigente, deve-se às dificuldades que a vida colocou no meu caminho quando era ainda muito nova, e, portanto, sentia e sinto que é na disciplina, no rigor e no amor naquilo que se fazia, que nos permite desenvolver. Como eu senti isso em mim, gostava que os meus jovens também fossem assim. Os jovens nem sempre aceitam de bom agrado esse tipo de disciplina e esse tipo de rigor, geralmente mais tarde quando crescem, casam e tem filhos, é que sentem que se calhar foi importante, depois é que compreendem. A Marta F***** por exemplo, era a pessoa que tinha um feitio muito parecido com o meu, e hoje, muitas vezes me diz que na profissão dela acontecem coisas que a Lucilina dizia e que ia acontecer, e é verdade. Acho que a dança é uma das atividades mais importantes no desenvolvimento e no cruzamento da juventude com os seniores, com as pessoas. Jovens que se começam a desencaminhar na vida ou não tem um ambiente familiar saudável, ou por causa das companhias geralmente saem da dança porque não aguentam a pressão do carinho com a disciplina da escola, disciplina.

Inv. – *A Lucilina acha que a idade também é um fator? Para si, com que idade se deve começar a dançar?*

L.S. – Acho que de pequenino que se deve começar. Nós, na nossa escola, temos a dança criativa e defendo que se deve começar por aí, não impor à criança a técnica rígida de um determinado ritmo, só ballet ou só hip-hop. Deixem a criança aos 3 ou 4 anos dizer o que sente, porque ela vai acabar por dizer o que fazer a seguir.

Inv. – *E nota diferença nas crianças ao longo do tempo? Que mecanismos a dança traz para a vida? Consegue-se passar as ferramentas que a dança ensina para o dia a dia?*

L.S. – Noto diferença sim, claro que cada criança tem o seu ritmo, mas acabo sempre por entender, seja uma criança mais tímida que começa a perder essa timidez, sempre uma criança mais irrequieta que aprende a gerir melhor as suas emoções. Muitos pais agradecem porque os seus filhos chegam a casa e adormecem logo. A dança traz disciplina, um melhor entendimento de nós mesmo e dos outros, melhora a autoestima e confiança. Os meus passarinhos, que é como costume chamar os meus alunos, crescem muito, e aquilo que tento ensinar-lhe passa pela dança, mas ao mesmo tempo uma série de questões que lhe serão uteis para a vida.

Inv. – *Sem dúvida, e sou suspeita, e quero ainda perguntar-lhe se sente que pais colocam as crianças na dança apenas como hobby ou se o fazem com outros objetivos?*

L.S. – Há de tudo, mas penso que é ter um *hobby*, a criança manifesta essa vontade de querer entrar na escola para dançar, demonstra entusiasmo e os pais querem proporcionar isso aos filhos. Mas também existem situações em que as mães e/ou pais tinham o sonho da dança, mas que nunca concretizaram, e por isso colocam os filhos nessa situação. Impõe-lhes e faz com que às vezes as crianças e jovens entrem de uma maneira mais agressiva. Mas na maioria, a criança é que pede e vem, e diverte-se e dança muito.

Inv. – *é bom quando se percebe que a dança continua a ser uma prática muito procurada por todas as idades. Como bem sei, para além de ser uma escola muito ativa, presa também e sendo até um dos grandes pontos da escola, os espetáculos, considera-os importantes para os jovens?*

L.S. – Sim, muito importantes, dá-lhes um sentimento de responsabilidade, dá-lhes o à-vontade. Em Campelos, conheci um rapaz chamado Celso, era de uma família destruída. Na altura em que andava pelas aldeias à procura de rapazes, porque aqui na nossa zona ainda há o estigma de que a dança não é para rapazes, é só para raparigas, muitas vezes inculcado pelos pais. Então, nessa altura em que fui a campelos dar aulas ao fim de semana para “caçar” rapazes, reparei num miúdo sentado a observar, e perguntei-lhe porque não ia, e ele disse que não podia pagar, disse-lhe que não fosse por causa disso, e que aquelas aulas não eram pagas. Foi quando começou a dançar, inclusive nessa altura dei-lhe uns sapatos. Isso tornou-o mais confiante, com maior autoestima, e ia depois passou a ir para os espetáculos, cheguei a pô-lo na competição e ainda ganhou. Mais tarde, uma professora da escola dele veio perguntar-me o que tinha feito, porque o Celso estava completamente diferente, então disse-lhe que como estava naquele mau ambiente e por causa da sua família sem valores de disciplina e amor. Que com a dança e naquele grupo começou a sentir um ambiente de amizade, até que um dia ele chegou ao pé de mim e me disse que um dia mais tarde gostava de ser dançarino ou cozinheiro, então eu disse-lhe que dançarino podia ser, mas cozinheiro não sabia, pois nunca tinha provado nada. Um tempo depois tive de fechar, acabar com as aulas em campelos e passámos para torres, foi quando pouco tempo depois me disse que tinha que emigrar. Nunca mais tive contato, até há coisa de dois anos. Estava a rua e começam a chamar-me, era o celso com uma criança pela mão, perguntei-lhe o que é que ele estava a fazer ali, e ele disse-me que andava à minha procura para me dizer não era professor de dança, mas que era cozinheiro, mas que apesar da dança não ser a sua profissão, foi através dela que a sua vida mudou. Foi um miúdo que através da dança se ganhou, se recuperou ele estava perdido pelas ruas de campelos.

Inv. – *Criam-se muitas relações entre os alunos, como define essa mesma relação e qual a sua importância?*

L.S. – Entre eles sim, há certos grupos que tentam destabilizar e tentam às vezes criar discussão, mas a maioria junta-se e tornam-se muito amigos. Relações que duram até hoje.

Deixa-me dizer só isto, tenho 75 anos e não me estou nada a ver a deixar de dançar, e mais engraçado ainda, estou a ter aulas de dança, em lisboa e na argentina porque não quero parar, só se tiver um problema lá terei de parar, mas enquanto puder estou aqui no

ativo, ao lado dos jovens. E para mim é uma alegria vocês virem ter comigo, é uma satisfação e estou sensibilizada. Têm tudo o que querem de mim.

Também quero dizer-vos que a comunicação social deve veicular a importância das artes no desenvolvimento das crianças, porque às vezes, a cultura é vista como uma arte inferior. Muitas vezes dizem apenas baboseiras e fazem programas sem interesse, mas acredito que se vocês, entre os jovens se juntarem, conseguem mostrar e sensibilizar a sociedade para a importância da dança e da arte na vida de qualquer um de nós.

Apêndice D – Sinopse da entrevista exploratória

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUBCATEGORIAS	EXCERTOS DA ENTREVISTA
Dança	Influência no crescimento dos jovens e no próprio crescimento	<p><i>“Antes de eu sentir a importância da dança nos jovens, eu senti a importância da dança em mim, enquanto adulta, [...].”</i></p> <p><i>“Noto diferença sim, claro que cada criança tem o seu ritmo, mas acabo sempre por entender, seja uma criança mais tímida que começa a perder essa timidez, sempre uma criança mais irrequieta que aprende a gerir melhor as suas emoções. Muitos pais agradecem porque os seus filhos chegam a casa e adormecem logo. A dança traz disciplina, um melhor entendimento de nós mesmo e dos outros, melhora a autoestima e confiança. Os meus passarinhos, que é como costume chamar os meus alunos, crescem muito, e aquilo que tento ensinar-lhe passa pela dança, mas ao mesmo tempo uma série de questões que lhe serão úteis para a vida.”</i></p> <p><i>“Sim, muito importantes, dá-lhes um sentimento de responsabilidade, dá-lhes o à-vontade.”</i></p> <p><i>“Foi um miúdo que através da dança se ganhou, se recuperou ele estava perdido pelas ruas de campelos.”</i></p>
	Relações com alunos e a própria	<p><i>“Sabes, é muito importante para os jovens como foi importante na minha há vida os jovens ao meu lado, o desenvolvimento, o ambiente de dança, de música, do bem-estar, de juventude. Para mim, mais velha, foi e é como um renascer e ter cada vez mais alento, cada vez mais energia para fazer coisas na vida.”</i></p> <p><i>“Acho que a dança é uma das atividades mais importantes no desenvolvimento e no cruzamento da juventude com os séniores, com as pessoas. Jovens que se começam a desencaminhar na vida ou não tem um ambiente familiar saudável, ou por causa das companhias geralmente saem da dança porque não aguentam a pressão do carinho com a</i></p>

		<p><i>disciplina da escola, disciplina.”</i></p> <p><i>“[...] há certos grupos que tentam destabilizar e tentam às vezes criar discussão, mas a maioria junta-se e tornam-se muito amigos. Relações que duram até hoje.”</i></p>
	<p>Aprendizagens e motivações para começar a dançar</p>	<p><i>“Era frequente pôr-me à frente do espelho a dançar sozinha, entretanto cresci, casei e fiquei viúva com 20 anos. Na altura, encontrava na música aquilo que eu precisava para me encher um bocado a alma. E quando pensava na música, muitas vezes dentro do carro e a olhar para o mar, eu ouvia essa mesma música e sem dançar, imaginava-me a dançá-la. Eu via, e comecei a entender a importância que a dança estava a ter para mim porque, para além disso, proporciona-se momentos de grande reflexão em que eu ouvia a música, olhava para o mar e questionava me, e agora o que faço eu da minha vida?”</i></p>

Apêndice E – Guião da transcrição da 1ª entrevista

2. Infância e Juventude

- ✿ Infância
- ✿ Adolescência
- ✿ Família e relações familiares
- ✿ Meio que a envolveu

3. Aduldez

- ✿ Início da vida adulta
- ✿ Trabalho
- ✿ Velhice/reforma

4. Dança

- ✿ Início: como surgiu a dança na sua vida
- ✿ Percurso

Apêndice F – Transcrição da 1ª entrevista

Entrevistada: Lucilina Sobreiro

Data de realização: 4 de março de 2022

Local: Escola de dança de Torres Vedras (Tuna Comercial Torreense)

Duração da entrevista: 56 minutos

Inv. – *Sabe que tenho muito interesse na sua história de vida, acho que tem muito a ensinar e eu gostava de começar por conhecer a lucilina em criança, como era a sua infância?*

L.S. – A minha infância...bem, em criança eu era o oposto do que sou hoje, eu era uma miúda muito sossegada, muito obediente, muito submissa, até ficar viúva fui sempre assim, submissa, pacata, mas muito alegre. Cantava e dançava à frente do espelho. Mas tudo o que os meus pais me diziam para mim era sagrado. E... já na adolescência, pronto... eu vou já à adolescência. Passei a adolescência na praia de santa cruz, sobretudo no verão, porque o meu pai tinha um restaurante. Então as minha colegas iam todas para a praia, mas o meu pai nunca me deixava sair, naquela altura era completamente diferente do que é agora, não é?! Tanto que elas às vezes juntavam-se à noite, iam passear e eu estava sentada lá porque o meu pai não me deixava sair, ficava muito triste. Então o que é que eu fazia? De vez em quando fugia, fugia sem ele dar por isso. Sentava-me, não é?! Depois elas estavam a passear pelo parque e eu ia a correr a correr, a correr, estava lá 5 minutos e voltava, sentava-me outra vez. O meu pai via-me sentada, pensava que eu estava sempre ali (risos). Estava sempre com o receio de desobedecer, mas sempre nesta alegria de viver, percebes?

Inv. – *Sim*

L.S. – Lembro-me também do meu pai ter uma concertina muito velha e eu levava a concertina (risos), depois chegava lá e levava o melão, depois partia-se o melão, depois vinha a correr e sentava-me outra vez. Ou seja, elas tinham liberdade para andar naquilo, eu não tinha liberdade, eu acatava as ordens do meu pai, mas com estas fugas que eu fazia por ter muita vida e gostar muito da brincadeira. Isto em adolescente.

Em criança era pacata, punha-me com uma boneca sentada e ali ficava. Deixa-me dizer-te que a minha infância esteve muito ligada à minha avó. A minha mãe trabalhava muito, trabalhava de costura e, portanto, a minha avó praticamente é que me criou. Fazia-me os vestidinhos, bordava-os. Ela era uma alentejana muito humilde, era ceifeira na altura, teve uma vida muito difícil. O amor que lhe tinha, e que ela me dava na infância era muito, ela dava-me mais amor que a minha mãe. O meu pai era austero, o meu pai era polícia, a imagem que eu tenho dele, com que eu fiquei do meu pai desde muito pequenina era de honra, da palavra, por exemplo, o meu pai... na polícia eles tinham ordens para multar as pessoas que de noite iam sem luzes, tudo o quanto era carroças e bicicletas de gente pobre o meu pai não multava. Para ele não era justo, eles estavam a ir trabalhar, e recordo o meu pai com aquele espírito de bondade, o meu pai era bondoso, ele era honra, era o valor da palavra. Eram aqueles valores que ele tinha, e que me lembro de em pequenina admirar isso. E ser lá em casa, ele dizer que para ele aquilo é que contava (o que o pai dizia era ordem, era regra, lei e inquestionável), e eu cresci com esses valores, cresci como pessoa.

L.S. – Era muito pacatona, com as bonecas, a brincar, mas sempre muito brincalhona, muito alegre, sempre muito espevitada. Tornei-me completamente diferente, ou seja, quase a ser “eu quero, posso e mando” quando fiquei viúva e começo a ter que enfrentar os problemas da sociedade, ou seja, as falsidades da sociedade, que falsidades é que eu estou a falar?! Ficar viúva aos 20 anos era horrível, porque se me viam a falar com um homem na rua era porque já andava metida com o homem, (pois), se me viam a ir para o café, é porque as mulheres não iam ao café. E é engraçado que, é aqui na tuna... a tuna para mim tem um (grande) significado desde a minha infância, porque aqui nos meus tempos dos meus 14/15 anos, 16 anos, quando andava no liceu, era aqui que se faziam os bailes, mas os nossos bailes eram, nós sentávamo-nos à frente e as mães atrás, para tomar conta. E tenho uma imagem minha ali sentada, naqueles arcos (porque a minha mãe nem sequer me deixava estar na fila da frente, tinha de estar ao lado dela para ela saber com quem é que eu ia dançar). E portando, depois de viúva e de sentir... era uma revolta porque eu não fazia nada, eu chorava ao ver as minhas colegas com os namorados, e eu atrás da janela a vê-las sair. As minhas próprias colegas afastaram-me um bocado porque eu era viúva e, portanto, não me convidavam para certas coisas, e aquilo afetou-me de tal maneira de mentalmente, ao ponto de eu querer ser alguém, mostrar que estava sozinha, mas que conseguia e queria ser. Queria que me chamassem

doutora, na altura o ser doutor era assim muito importante, havia estatuto, é aí que começo a estudar e tiro o curso de direito, precisamente pela aquela coisa de me impor. E comecei a ser, não aquela menina submissa que eu tinha em mim, aquele sentimento de obediência, mas, não, chega! Eu quero, não faço mal, eu vou. Vou estudar, vou estudar. Quando eu disse que ia estudar ao meu pai, depois de ter ficado viúva, o meu pai bateu-me. Deu-me duas bofetadas e disse-me, “tu vais me envergonhar, eu tinha orgulho em ti, mas tu vais me envergonhar, tu vais para lisboa, não é para estudar, é para a má vida. Porque uma viúva tem alguma necessidade de... estás cá, trabalhavas aqui em qualquer coisa, agora ir estudar não, não”. E eu teimei, quer dizer, tudo aquilo que eu tinha sido na infância, o ser obediente, tornou-se o oposto. Teimei e fui, fui com a minha filha, tirei o curso e quando acabei o curso, o meu pai deu-me um abraço a chorar e pediu-me desculpa. Mas a minha infância foi assim.

Inv. – Apesar de tudo, nota-se que foi uma infância feliz, e que acontecimentos não a desencaminharam. A lucilina é de cá? Mesmo de torres?

L.S. – Não, não, eu sou de beja. Eu sou alentejana, a minha mãe era de uma aldeia ali próxima que era São Matias, os meus avós (maternos) eram também alentejanos, o meu pai era de santarém. Mas estava a trabalhar em beja como polícia e foi lá que conheceu a minha mãe.

Inv. – Então a escola primária foi feita lá ou já foi cá?

L.S. – Não, eu depois... aos 4 anos fui com o meu pai, aliás, primeiro fui para Samora Correia, a polícia mandou e estivemos lá pra aí uns 3 anos, e aos 5/6 o meu pai foi transferido para torres e eu já faço aqui a primária.

Inv. – As amigas que mais se recorda, foram feitas cá? Ou estabeleceu alguma relação nos sítios onde esteve antes e que manteve?

L.S. – As minhas amigas de infância foi tudo aqui em torres. E são amigas que... como costume dizer, não há amigos como aqueles de infância porque muito embora a gente não mantenha uma assiduidade nas relações, há uma amizade, há uma imagem do tempo de jovens que nos transporta para a juventude percebes? E eu acho que isso é muito importante.

Inv. – Sem dúvida, ainda em relação ao tempo de estudante, quando a Lucilina entrou na faculdade, isso já foi depois ou antes do 25 de abril?

L.S. – Foi na altura

Inv. – Portanto, coincidiu.

L.S. – Coincidiu sim, eu estudava à noite e trabalhava porque eu, entretanto ... comecei a estudar aqui em Torres, porque eu era muito cabelona, eu em solteira, antes de casar, nos meus 15/16 anos era extremamente cabelona, só queria era brincar, lá está, obediente e tudo isso, mas muito brincalhona. E o meu pai gostava que eu estudasse, fez todos os sacrifícios para ver se eu era alguém, pôs-me num colégio interno, nas doroteias que era de meninas finas. Antes de estar nas doroteias, passei pela Lourinhã, tive em Serpa num colégio, quer dizer, corria tudo, mas as minhas notas eram sempre ali nos 10 para passar. Depois conheci o Mami, o pai da minha filha, o meu primeiro marido, “vamos casar”. Caso com 19 anos, fico viúva aos 20, muito cedo, portanto, eu não fiz nada, nem o liceu eu tinha feito, portanto, na altura, não era como agora, era o 3º, 4º e 5º e era o 6º e 7º que é equivalente ao 1º ciclo, vocês têm agora o...- o 1º, 2º e 3º ciclo

L.S. – na altura eu não tinha nada, tinha feito o 5º ano, era a mesma coisa de ter só o 2º ano praticamente. Não tinha estudos pensando, ele era o menino rico da terra, era cobiçado por todas as raparigas, tinha uma empresa de camionagem e ele dizia-me “não precisas de estudar, não precisas de trabalhar, não sei quê, a gente... “realmente a perspectiva era muito boa, mas nem sempre é assim, às vezes a gente pensa que é tudo não sei quê e não sabemos o dia de amanhã. Na verdade, em termos monetários não fiquei mal porque fiquei com uma parte da empresa, mas fiquei com muitos problemas dos tios que me quiseram tirar tudo, enganar-me o máximo, fizeram-me as mais patifarias para ver se eu não ficava e essa é outra história paralela que tive de viver. Por isso é que digo, depois de viúva, tudo o que passei deu-me uma força, foi uma força que, mesmo a nível profissional se sentiu. Eu fui uma belíssima profissional, era rigorosíssima nos horários, rigorosa em responder aquilo que os clientes pediam, preocupada sempre naquilo que fazia, o rigor, a preocupação, a honestidade, eram valores que apanhei em jovem, no entanto, a minha maneira de ser transforma-se com o sucedido. Aquilo que sofro na altura, aquelas expressões todas, aquelas injustiças que

eram mentiras, levaram-me a que eu me tornasse na lucilina que eu chamo de lucilina de nariz arrebitado que vocês conhecem. Aquilo vai tudo à minha frente, se tenho uma coisa na cabeça vai tudo à minha frente e vou por aí fora, quer dizer, não há nada, nem ninguém, portanto, eu acho que há uma grande décalage entre a minha meninice e a lucilina adulta. Era uma menina muito feliz, muito mimada, a minha avó mimava-me muito, havia amor na minha casa, havia. Era um lar com amor, mas passei por estas situações, mais ainda... com a doença grave da minha mãe. Porque quando eu tinha 8 anos, a minha mãe endoideceu, teve até dois anos no júlio de matos, e eu lembro-me de a ir ver, separada por um biombo a espumar pela boca a dizer que queria morrer. E eu tenho esses traumas, depois a minha mãe quando ia a casa, davam-lhe ataques e queria-se matar e era eu que ia atrás dela, para correr e para a agarrar porque o meu pai dizia “agarra a tua mãe”. Eu fui uma miúda marcada pela infância e às vezes quando me questionam dos problemas e pelo facto de as pessoas precisarem dos psicólogos para resolver os problemas eu digo assim, “eu na vida tive com cada choque, tive o choque da minha mãe com essa idade, tive o choque de ficar viúva aos 20 anos, tive o choque de perder uma avó que era a avó que me criou e que eu adorava, que andei 18 dias à procura dela que se perdeu e caiu na rio, uma morte pavorosa, 18 dias à procura. Não sei se tu soubeste disso na altura

Inv. – não me recordo, penso que não

L.S. – e depois a morte do meu pai, mas aí já era mais natural e expectável, porque era com mais idade (a minha mãe ainda é viva). Eu passei por coisas muito fortes na vida e todas elas eu enfrentei com muita força, para te dar um exemplo, quando a minha mãe endoideceu, numa das vindas do hospital cá a casa, nós morávamos cá em torres, ali para cima ao pé da Henriques nogueira no rés-do-chão, e a minha mãe, dava-lhe assim aqueles ataques, bastava abrir uma luz para ela começar a gritar com pavores, com medos, e houve uma altura em desaparece e meteu o meu pai e a minha avó, tudo à procura dela, um para um lado, o outro para outro, porque a minha avó vivia connosco, e eu vou para o lado da porta da rua porque me pareceu que ela tinha ido, a minha mãe começa a subir as escadas até ao 3º andar, eu “ó mãe, ó mãe, ó mãe” e quando vou no 1º andar ela manda-se e eu agarro-lhe na saia, ela ficou pendurada pela saia, e eu a gritar “ó pai, pai, pai” eu tinha 9 anos. Depois deixo a minha mãe no chão com o meu pai e eu sabia que havia um doutor na altura, que se chamava doutor estima que morava um bocado mais à nossa frente e eu vou a correr a correr chamá-lo que a minha mãe estava

a morrer, o doutor veio comigo... tive coisas horríveis, eu passei por traumas horríveis. O que moldou a minha personalidade foram as coisas que vivi, que me deram a força e a garra que eu sinto realmente que tenho, não é estar com coisas, mas eu sinto que tenho, de ultrapassar os problemas, de enfrentá-los de frente, de estar sempre a pensar em estruturar a minha vida, porque me vi sozinha a ter de os resolver.

Inv. – por acaso é muito curioso, há uns dias estive a ver um “excerto” de uma altura em que a Lucilina foi júri num programa de televisão, e eu olhei para si e pensei, realmente, é esta a Lucilina que eu conheço e que já é assim há muitos anos, e eu fiquei muito encantada porque até a maneira de falar é tal e qual, ou seja, aquilo que me contou sobre quem era quando era mais nova, não a reví, mas sim toda a personalidade/identidade que se foi moldando desde o momento em que se afirmou. E eu gostei tanto

L.S. – ah foste apanhar isso?

Inv. – fui, fui à procura

[momentos de conversa não relevantes para transcrição, mas ainda assim úteis para entender o sujeito em estudo]

L.S. – Já faz parte do meu percurso e nessa época já tinha ido à Cornélia, é quando já estou na fase adulta, já estou com o ninéu

Inv. – depois de ter vencido o programa

L.S. – Já tinha vencido o programa... eu realmente comecei como te disse, comecei a mudar depois de ter ficado viúva

Inv. – a dança sempre fez parte da sua vida?

L.S. – a dança fez parte desde pequenina, dançava em cima da cama, fazia coreografias, fazia tudo sem saber nada, nunca ia lado algum, enquanto as minhas colegas até iam para Lisboa ou iam aos cinemas aqui, eu não ia. Fui uma miúda que não tinha nada disso.

Vítor Sobreiro (conhecido por Ninéu e marido de Lucilina Sobreiro) (**N.S.**) – foi uma vítima do fascismo

[risos]

L.S. – eu não tinha nada disso, o meu pai estava sempre a trabalhar, a minha mãe igual, de maneira que eu fui criada assim muito fechada. Mas gostei sempre da dança sim

Inv. – em relação à participação com o Ninéu no tal programa, como é que isso surgiu?

L.S. – olha, surgiu porque é assim, o programa começou a dar que falar, na altura só havia duas televisões, o canal 1 e o canal 2, portanto toda a gente via televisão e aqueles programas. E apareceu esse concurso e as pessoas iam concorrer, e a gente adorava ver aquilo, tinha a prova do teatro, tinha a prova da dança, da canção/do canto... epá adorava ir a uma coisa dessas. “És maluca, nem penses nisso, não sei quê”. Porque as pessoas que lá iam eram pessoas cultas, pessoas conhecidas, com nível. E as minhas colegas com quem trabalhava, (eu na altura era secretária da administração de uma empresa inglesa e então) elas diziam-me assim “ó Lucilina, tu tens que ir, vai à Cornélia, vocês têm tanta graça pá”. o Ninéu não quer dizia eu, e elas disseram “a gente vai-te inscrever”. Então havia uns cupões das revistas e elas começaram a preencher, 200 e tal cupões. Põem aquela porcaria no correio, obviamente que fomos selecionados, havia uma pré-seleção, foram selecionados 9 pares e depois ficaram 3, nós incluídos, os que iam para a televisão. E tínhamos 8 dias para fazer as provas todas. Lá fizemos a canção, prova de teatro (sempre tendo em conta/preocupação com as mensagens por ser depois do 25 de abril), a nossa foi uma crítica ao machismo. O teatro também foi muito interessante, depois fizemos uma inovação na poesia, ele encenou e na altura ninguém encenava, mas tínhamos um mote e esse mote era, na melhor das intenções, e nós tínhamos de fazer uma quadra (com o Salazar, que era o fulano que o 25 de abril tinha derrubado) e ele fez a voz do Salazar “Salvámos este país de perigos subversores, humilhámos, matámos, nas melhores das intenções” e caía da cadeira, porque o Salazar morreu quando caiu da cadeira. Portanto, nós inovámos naquilo tudo, demos que falar. Toda a gente falava no nosso... ah! E outra coisa que a gente fez foi, na prova de dança nós não sabíamos dançar. Começávamos com o *passodoble*, depois pegava no tango dos barbudos que tinha tiros e eu acabava também com a mensagem, ele chegava cheio de medo atrás de mim e eu é que levava o tiro e caía. Os júris puseram-nos no píncaro, ganhámos a sessão, fomos considerados quase os melhores e a partir daí é que depois começou, as pessoas começaram a ouvir falar na gente e a Patrícia e o Hélder um dia me

telefonaram se eu lhes ensinava a dançar o tango. “Epá eu ensino, mas a gente só sabe por intuição” e começámos com eles, entretanto sou convidada para ser diretora das atividades culturais da física. Então, com eles, nós ensinamo-los a dançar como dançávamos, não havia técnica nenhuma, mas aquilo dava nas vistas, nós dançávamos muito bem. E pronto, montámos um espetáculo, fiz o espetáculo na física, que ainda hoje não houve mais nenhum com mil e quinhentos velhotes dos lares do concelho, era a festa dos avós, que era por causa da minha paixão pelos avós. Então juntei tudo na física e foi. Entretanto para evoluirmos, quisemos ir aprender e tirávamos os passos da televisão, desarrumávamos a minha casa toda e evoluíamos assim. Vendo os pares estrangeiros famosos na televisão. Até que soube que em lisboa havia um individuo que era o Reinaldo Colte campeão suíço e estava a dar aulas no clube suíço em lisboa. Disse ao nineu e ele “tás mas é maluca, vamos agora aos 30 anos fazer o curso de dança” ... lá ficou e fizemos o curso, cheguei lá e o homem, “mas vocês apanham isto num instante”, começámos a fazer mais cursos, no CCB, alunos da apolo, e recentemente até fomos para a argentina fazer um curso intensivo de tango argentino. Lá está, sempre aquela coisa do fazer, do querer. Do ir, do lutar, do estar. E o nineu vai por arrasto, tenho a sorte do ninéu alinhar. Não é homem que se oponha

[risos]

O Ninéu é ótimo para mim porque me deixa fazer aquilo que quero e eu sou ótima para ele porque o ninéu sem mim não fazia nada, era capaz de passar o dia inteiro a ler o jornal e a beber café e estava excelente.

Inv. – *Complementam-se, portanto. Recuando um bocadinho, a lucilina nunca chegou a exercer direito ou chegou?*

L.S. – Não, fiz o curso, mas não fiz estágio e ao não fazer estágio nunca podia exercer.

Inv. – *e tem pena?*

L.S. – não, porque eu na altura já trabalhava na cinevoz, ah porque quando eu vou à Cornélia, o júri da Cornélia que trabalhavam para a televisão, convidaram-me para trabalhar. Portanto, eu saí de secretária da administração de onde estava e vou trabalhar para a publicidade já para a área da televisão e da publicidade. Já ganhava bem e não tinha tempo para fazer o estágio.

Inv. – *Se fosse agora, imaginava a sua vida ligada ao direito, imagina-se a exercer?*

L.S. – Só sendo juiz, não advogada, porque lá está, a coisa de ter sempre a última palavra, a última a decidir. Eu gosto de ser eu a decidir, eu costumo dizer, eu gosto de mandar. Que era uma coisa que eu não tinha, eu punha-me ali, em miúda, e fazia tudo o que me diziam. A minha mãe costumava dizer que eu era uma mansarrona que é uma expressão alentejana. Agora, como psicologicamente as coisas são capazes de fazer despoletar a diferenças nas pessoas.

Inv. – *olhando agora para trás, conseguia imaginar a sua vida sem a dança, sem a arte e o espetáculo?*

L.S. – não, não consigo. Eu tenho sede disso, não consigo. Eu gosto de pisar o palco, gosto do estresse. O espetáculo cria grandes ansiedades e às vezes até nos torna um bocado agressivos, e até se lembram de mim mais alterada nas vésperas, mas eu tenho falta disso. Falta de fazer coisas, não consigo estar parada. Gosto de momentos de pausa, sou capaz de estar um fim de semana que não me lavo, nem me visto, nem faço nada, mas é uma vez de vez em quando. Agora, não me vejo sem a dança, não me vejo sem o espetáculo, sem os miúdos. O contacto com os miúdos que eu acho que foi isso que me manteve sempre muito ativa, foi o contacto com vocês, porque eu estou diariamente com vocês, as conversas são outras. Eu não tenho pachorra para estar com malta da minha idade.

Inv. – *a mentalidade é outra, completamente*

L.S. – eu tenho dificuldade em estar com malta da minha idade. Não tenho pachorra para aquelas conversas de café, não dá para mim, porquê? Porque o meu contacto foi sempre com vocês, com os jovens. Portanto eu estou mais na vossa área, na de fazer maluqueiras. Tanto que para mim sair à meia-noite para ir para o porto ou ir para Madrid é o mesmo que ir para lisboa. Eu tenho 75 anos e tenho colegas que já não guiam. E eu continuo, corro tudo e mais alguma coisa, sem problema. Vou para o estrangeiro e faço questão de estar sempre ativa, redes sociais, faço questão de aprender. Eu não quero descolar, não quero descolar da malta jovem. Embora tenho uma visão da vida, porque a gente nota, a visão da vida à medida que vamos caminhando na idade, eu se calhar fiz coisas em viúva que agora estou capaz de dizer “epá, não devia ter feito aquilo”. Vou-te dar um exemplo: eu fiquei viúva, quando reatei os estudos (passado uns

4/5 anos, tinha eu 24 anos, que foi quando quis voltar a estudar), as aulas eram à noite. E eu fiz o 3º, 4º e 5º num ano, e repara, sendo eu tão cabelona como é que quando quis fiz num ano só os três?!

As aulas eram aqui para baixo, um senhor que dava aulas particulares, saíamos sempre por volta das 23h e quando íamos para casa, dava-me a fome. Íamos, eu a teresa, a minha amiga, ao império. Entrávamos e o que eu comia, uma sandes com chouriço e um copo de vinho tinto, que era o que me apetecia, era um falatório desgraçado. Eu se calhar hoje com a idade que tenho, estava-me borrifando, eu gosto, quero lá saber. Eu lutava muito contra o estigma que havia na altura, eu não estava a fazer nada de mal, estava a começar a estudar e tinha fome, porque é que não podia comer aquilo e àquela hora? Porque é que as pessoas não percebiam que eu tinha fome, porque é que só pelo facto de ser viúva não posso entrar num café?! Não posso comer uma sandes com chouriço. De maneira que foi uma fase engraçada.

Eu gosto muito da minha vida, tenho orgulho da minha vida. Tive grandes momentos de sofrimento, foi a doença da minha mãe, a minha avó, que fiz tudo para a encontrar, foram 18 dias e depois ela estava morta no rio, a morte do Mami, no entanto, eu acho que a minha vida foi uma vida feliz. Eu considero-me uma mulher feliz, tenho uma família bonita, uns netos espetaculares, uma filha espetacular, e depois tive a sorte de ter o ninéu, que foi escolhido. O Ninéu foi escolhido, não foi por acaso. Quando eu comecei a andar com o ninéu eu estudei a maneira dele ser, porque eu tive muito pretendentes. E tinha malta com dinheiro, conhecidos, mas eu media tudo. O ninéu é a pessoa para mim, é a pessoa que me dá estabilidade, é amigo da minha filha, é um homem que eu sei que não sendo filha dela pode criá-la. É um indivíduo honesto, de honra, de palavra e foi isso que me levou a escolhê-lo, eu faço tudo racionalmente. Penso em tudo

Inv. – *foi difícil nessa altura a lucilina ter encontrado outra pessoa, foi difícil para as pessoas aceitarem isso?*

L.S. – foi, foi. Na altura eu andava toda vestida de preto com um lenço na cabeça. Tinha de se usar um lenço na cabeça, o meu marido morreu em novembro, e depois mais grave. Ele morre a 26 de novembro, o funeral foi a 28 de novembro, no mesmo dia em que casámos, um ano antes. As pessoas, quando eu tirei a carta de condução, não

aceitaram que eu tirasse carta de condução, “morreu de desastre e agora aquela vai tirar a carta de condução”. Era tudo assim, e foi apenas na Cornélia que ele aparece ao pé de mim, até aí ninguém sabia. Já tínhamos começado a conversar um com o outro sobre o 25 de abril e fomos aproximando, mas aceitaram-no muito bem porque ele é uma pessoa muito querida cá em Torres.

Inv. – naquela altura, já era uma pessoa com uma mentalidade muito aberta para a época

L.S. – sim, era. Mas se calhar foram as circunstâncias que me fizeram ser

Inv. – mas ainda hoje, a Lucilina tem uma mentalidade muito avançada para pessoas da sua idade

L.S. – sim, isso eu sei que tenho, mas se calhar se não tenho ficado viúva eu não tinha esta mentalidade, penso eu, porque a minha vida era diferente, porque ele era um homem muito conservador, fazia parte dos fulanos conversadores da terra. Era um homem assim, o ninéu, pelo contrário, quando o conheço é porque jogava futebol, já era mais liberal, mais aberto. Se tivesse ficado ali, teria uns poucos de filhos, e tinha ficado como elas, a ir ao café, ficava ali, não estudava, não trabalhava. Tudo isso é que depois me deu a alavanca.

Inv. – e provavelmente se calhar nem estaria aqui na tuna, não é?!

L.S. – pois, se calhar seria uma viúva como há por aí, que vai ao café vem para casa e pronto. O que me fez transformar foi realmente o que vivi e o salto que tive de dar. Se calhar com as características próprias que eu tenho

Inv. – mas que vieram ao de cima com as tragédias. A Lucilina tem também um contacto muito ativo com os jovens, de que maneira é que acha que com a sua história de vida e com os valores que tem, como é que isso, aliado à dança, acha que pode influenciar os jovens?

L.S. – bem os jovens que eu conheci... vejamos, estou há 40 anos com isto, aqueles que ... vou-te dar o exemplo da Marta Feliciano, o Bruno, a Marina, as vezes que eles me dizem “ó Lucilina, aquilo que dizia às vezes e que se zangava connosco, tinha razão, e eu agora compreendo”, eles acabam pela vida fora por perceber. Eu inclusive

influenciei-os nos cursos que tiveram, por exemplo, a marta também está na área da deficiência porque foi aqui com os miúdos da APECI que nós começamos, e ela sentiu que tinha vocação. Eu acho que influenciei muito os miúdos para bem. Eu não deixava nunca de chamar a atenção porque, (a gente nem sempre tem razão, e quando não tenho também peço desculpa, agora quando tenho razão, tenho razão). E as pessoas às vezes não gostam de pessoas frontais, mas se eu verificar que não tenho, peço desculpa. Agora, há miúdos que não aceitam nada, e que geralmente são aqueles que se desencaminham, são miúdos que se casam, divorciam-se, metem-se na passa. É malta que se desencaminha, que não acata as coisas que digo com tanta facilidade ou que faz ouvidos de marcador e geralmente são miúdos com tendência a sair do eixo. Aquelas que se zangavam comigo, “a Lucilina não sei quê, e tá tá tá” é a malta que hoje, pela vida fora tem uma vida lindíssima e que reconhecem a importância do que viveram aqui na escola.

Eu acho que transmiti aos jovens alguns valores e eles também me transmitiram a mim, tanto que atualmente defendo, por exemplo, com o Kiko a construção de um espetáculo a meias, eu tenho necessidade de ouvir os jovens porque os jovens têm as novas tendências, estão atentos às novas músicas, mas eu tenho a experiência que eles não têm. As coisas complementam-se e eu tenho o cuidado de não descolar da realidade. Por exemplo, amanhã vamos ao teatro e eu não me deixo ficar, está frio, mas vou à mesma. Eu própria preciso de ir, eu quero não descolar, isto dos espetáculos tem a ver com criação, com criatividade e o criar é recriar e a gente só se recria com aquilo que vê. E só transforma também do mesmo jeito.

Inv. – *como é consegue ver a dança nas pessoas mais velhas, são recetivas? Têm receios porque acham que já não é para elas?*

L.S. – há de tudo, depende das motivações que as pessoas trazem para aqui, é para ocupar o tempo, fazer atividade. Mas depois “ah, estou muito cansada. Dói-me muito a perna”, a mentalidade da maioria é “estou sempre cansada”, mesmo em malta mais nova, de 30 anos, está chuva “ah não vou”. E repara, nós estamos aqui todos os dias, e até escusava de vir porque tenho o Kiko a dar as aulas. Dantes tinha a obrigação, agora não, mas gosto de estar. O frio não me atrapalha, nem a chuva. As pessoas acomodam-se muito, mas defendo que a dança faz muito bem à mente, sobretudo à mente, mas o dançar com técnica, não o baile, isso é exercício físico. Promove um grande trabalho

mental, a pessoa ao mover a perna esquerda por exemplo, está a obrigar o cérebro a pensar. É importante não nos deixarmos ficar.

Inv. – sei que ainda ambiciona muita coisa, mas os projetos de vida que têm são assim muito diferentes daquilo que já realizou até hoje?

L.S. – eu estou sempre a querer coisas, eu sou horrível, eu não sou pessoa de parar. Eu lancei a “bymami”, uma marca de roupa e tenho essa necessidade. Eu vou passear para qualquer lado e estou sempre à procura de oportunidades de negócio, a minha cabeça não para. Não olho para uma coisa só por olhar, eu olho com a finalidade de tirar partido daquilo. A minha cabeça está sempre em funcionamento. Não me consigo acomodar, mas às vezes é horrível, porque estou cansada da cabeça. O ninéu às vezes está sentado à beira-mar, sentado e eu digo, “ó ninéu, e se a gente fizesse...” e ele “ó mulher, cala-te, pela tua rica saúde”, porque ele para, ele está a ver o mar e está parado. E eu estou a pensar, agora, é uma coisa que... lá está, eu não era assim em pequenina, eu era o oposto. O meu marido casou comigo porque era aquele homem que na altura queria uma menina virgem, que nunca tinha tido namorados, muito certinhas

Inv. – com uma mentalidade muito conservadora, mas muito normal na altura

L.S. – e eu respondia àquele protótipo, agora correspondo a um diferente, eu só posso dizer que a alteração se deve provavelmente à minha apetência para isso, mas depois às minhas vivências.

Inv. – não há então nenhum momento da sua vida em que queira voltar a ser a lucilina que era em criança?

L.S. – não, sinto-me lindamente, adoro a idade que tenho, adoro dizer que tenho 75 anos porque eu sinto-me bem, agora estou a fazer dieta porque eu acho que não posso ser uma velha gorda, eu ainda quero ter um bocado de elegância. Gosto de cuidar de mim, ponho a pestana postiça, ponho o ácido hialurónico no rosto, faço a minha massagem, o meu exercício físico. Eu cuido de mim, a idade não me aflige. Até agora também porque tenho tido saúde, se tivesse algum problema não sei como seria a minha reação, mas olhando para as outras coisas da vida que eu tive, acho que a vida é para lutar e se obter aquilo que nós queremos. A vida é para isso, porque a vida passa num instante. Quando chegares a minha idade vais ver, “que horror, já vivemos isto, é uma

correria”. Quando temos a tua idade pensamos que a gente nunca morre, que a vida nunca tem fim, mas quando se chega à minha idade começa-se a ver, “olha aquele já partiu, aquele já morreu, o outro está doente, aquele teve um cancro”, espero, “para ai um bocadinho, a gente não se pode entregar a isto”, porque há pessoas que se entregam, vêm a vida e deixam-se ir. Todas as idades têm os seus encantos, têm as suas coisas, as suas oportunidades, eu não vou agora criar um negócio de saltar à corda porque não consigo saltar, mas posso fazer negócio de desenhar uma corda ou os fatos de treino, não é?! Isto é um exemplo. Cada idade tem as suas apetências, e de acordo com as apetências dessas idades, não devemos parar, mas continuar a sonhar, é a minha ideia. Vive a vida com a intensidade toda, e não te deixes ficar. Dá luta.

Apêndice G – Sinopse da 1ª entrevista

CATEGORIAS DE ANÁLISE	SUBCATEGORIAS	EXCERTOS DA ENTREVISTA
Infância e juventude	Infância	<p><i>“[...] em criança eu era o oposto do que sou hoje, eu era uma miúda muito sossegada, muito obediente, muito submissa [...]” [...] era pacata, punha-me com uma boneca sentada e ali ficava.”</i></p> <p><i>“Era uma menina muito feliz, muito mimada [...].” [...] a dança fez parte desde pequenina, dançava em cima da cama, fazia coreografias, fazia tudo sem saber nada [...].”</i></p> <p><i>[...] a minha infância esteve muito ligada à minha avó.”</i></p> <p><i>“As minhas amigas de infância foi tudo aqui em torres.”</i></p>
	Adolescência	<p><i>“[...] passei a adolescência na praia de santa cruz [...] mas o meu pai nunca me deixava sair, naquela altura era completamente diferente do que é agora [...].” [...] Ficava muito triste. Então o que é que eu fazia? De vez em quando fugia, fugia sem ele dar por isso.”</i></p> <p><i>“[...]eu era muito cabelona, eu em solteira, antes de casar, nos meus 15/16 anos era extremamente cabelona, só queria era brincar, lá está, obediente e tudo isso, mas muito brincalhona.”</i></p> <p><i>“[...] as minhas notas eram sempre ali nos 10 para passar.”</i></p> <p><i>“[...] era frequente pôr-me à frente do espelho a dançar sozinha [...].”</i></p> <p><i>“Lembro-me também do meu pai ter uma concertina muito velha e eu levava a concertina (risos), depois chegava lá e levava o melão, depois partia-se o melão, depois vinha a correr e sentava-me outra vez. Ou seja, elas tinham liberdade para andar naquilo, eu não tinha liberdade, eu acatava as ordens do meu pai, mas com estas fugas que eu fazia por ter muita vida e gostar muito da brincadeira. Isto em adolescente. “</i></p>

		<p><i>“E é engraçado que, é aqui na tuna... a tuna para mim tem um (grande) significado desde a minha infância, porque aqui nos meus tempos dos meus 14/15 anos, 16 anos, quando andava no liceu, era aqui que se faziam os bailes, mas os nossos bailes eram, nós sentávamo-nos à frente e as mães atrás, para tomar conta.”</i></p>
	<p>Família e a relação com a mesma</p>	<p><i>“[...] a minha mãe era de uma aldeia ali próxima que era São Matias, os meus avós (maternos) eram também alentejanos, o meu pai era de santarém.”</i></p> <p><i>“[...] tudo o que os meus pais me diziam para mim era sagrado.”</i></p> <p><i>“A minha mãe trabalhava muito, trabalhava de costura e, portanto, a minha avó praticamente é que me criou [...] ela dava-me mais amor que a minha mãe.”</i></p> <p><i>“[...] a minha avó mimava-me muito [...]. [...] era uma alentejana muito humilde, era ceifeira na altura, teve uma vida muito difícil [...].”</i></p> <p><i>“O meu pai era austero [...] era polícia, a imagem que eu tenho dele, com que eu fiquei do meu pai desde muito pequenina era de honra, da palavra [...]. [...] o meu pai era bondoso.” “o que o pai dizia era ordem, era regra, lei e inquestionável.” “[...] gostava que eu estudasse, fez todos os sacrifícios para ver se eu era alguém.”</i></p> <p><i>“Quando eu disse que ia estudar ao meu pai, depois de ter ficado viúva, o meu pai bateu-me. Deu-me duas bofetadas e disse-me, “tu vais me envergonhar, eu tinha orgulho em ti, mas tu vais me envergonhar, tu vais para lisboa, não é para estudar, é para a má vida.”</i></p>
		<p><i>“[...] havia amor na minha casa.”</i></p> <p><i>“[...] o meu pai estava sempre a trabalhar, a minha mãe igual, de maneira que eu fui criada assim muito fechada.”</i></p> <p><i>“Tive grandes momentos de sofrimento, foi a doença da minha mãe [...]. Quando eu tinha 8 anos, a minha mãe endoideceu, teve até dois anos no júlio de matos, e eu lembro-me de a ir ver, separada por um biombo a espumar pela boca a dizer que queria morrer.”</i></p>

	Meio que a envolveu	<p><i>“[...] era horrível, porque se me viam a falar com um homem na rua era porque já andava metida com o homem, (pois), se me viam a ir para o café, é porque as mulheres não iam ao café.”</i></p> <p><i>“Não tinha estudos pensando, ele era o menino rico da terra, era cobiçado por todas as raparigas, tinha uma empresa de camionagem e ele dizia-me “não precisas de estudar, não precisas de trabalhar, não sei quê, a gente... “realmente a perspectiva era muito boa, mas nem sempre é assim, às vezes a gente pensa que é tudo não sei quê e não sabemos o dia de amanhã.”</i></p> <p><i>“Eu fui uma miúda marcada pela infância e às vezes quando me questionam dos problemas e pelo facto de as pessoas precisarem dos psicólogos para resolver os problemas eu digo [...] Eu passei por coisas muito fortes na vida e todas elas eu enfrentei com muita força [...] tive coisas horríveis, eu passei por traumas horríveis”</i></p> <p><i>“O que moldou a minha personalidade foram as coisas que vivi, que me deram a força e a garra que eu sinto realmente que tenho, não é estar com coisas, mas eu sinto que tenho, de ultrapassar os problemas, de enfrentá-los de frente, de estar sempre a pensar em estruturar a minha vida, porque me vi sozinha a ter de os resolver.”</i></p> <p><i>“Eu lutava muito contra o estigma que havia na altura”</i></p> <p><i>“O que me fez transformar foi realmente o que vivi e o salto que tive que dar.”</i></p> <p><i>“Eu acho que transmiti aos jovens alguns valores e eles também me transmitiram a mim”</i></p>
		<p><i>“Caso com 19 anos, fico viúva aos 20, muito cedo, portanto, eu não fiz nada, nem o liceu eu tinha feito [...] as minhas próprias colegas afastaram-me um bocado porque eu era viúva.”</i></p> <p><i>“Tornei-me completamente diferente [...] quase a ser «eu quero, posso e mando» quando fiquei viúva e começo a ter que enfrentar os problemas da sociedade [...]”</i></p> <p><i>“Quando eu disse que ia estudar ao meu pai, depois de ter ficado viúva, o meu pai bateu-me. Deu-me duas bofetadas e disse-me, “tu vais me envergonhar, eu tinha orgulho em ti, mas tu vais me envergonhar, tu vais para lisboa, não é para estudar, é para a má vida.”</i></p>

Adultez	Início da vida adulta	<p><i>“Teimei e fui, fui com a minha filha, tirei o curso e quando acabei o curso, o meu pai deu-me um abraço a chorar e pediu-me desculpa.”</i></p> <p><i>“Disse ao nineu e ele «tás mas é maluca, vamos agora aos 30 anos fazer o curso de dança» [...] começámos a fazer mais cursos, no CCB, alunos da apolo [...].”</i></p> <p><i>“[...] depois de viúva era uma revolta porque eu não fazia nada, eu chorava ao ver as minhas colegas com os namorados, e eu atrás da janela a vê-las sair. As minhas próprias colegas afastaram-me um bocado porque eu era viúva [...].”</i></p> <p><i>“Queria que me chamassem doutora, na altura o ser doutor era assim muito importante, havia estatuto, é aí que começo a estudar e tiro o curso de direito, precisamente pela aquela coisa de me impor.”</i></p>
	Trabalho	<p><i>“Eu fui uma belíssima profissional, era rigorosíssima nos horários, rigorosa em responder áquilo que os clientes pediam, preocupada sempre naquilo que fazia, o rigor, a preocupação, a honestidade [...].”</i></p> <p><i>“[...] na altura era secretária da administração de uma empresa inglesa [...]. Quando eu vou à Cornélia [...] convidaram-me para trabalhar. Portanto, eu saí de secretária da administração de onde estava e vou trabalhar para a publicidade, já para a área da televisão e da publicidade. Já ganhava bem e não tinha tempo para fazer o estágio.”</i></p>
	Velhice	<p><i>“[...] recentemente até fomos para a argentina fazer um curso intensivo de tango argentino.”</i></p> <p><i>“Agora, não me vejo sem a dança, não me vejo sem o espetáculo [...].”</i></p> <p><i>“Eu tenho 75 anos e tenho colegas que já não guiam. E eu continuo, corro tudo e mais alguma coisa, sem problema. Vou para o estrangeiro e faço questão de estar sempre ativa, redes sociais, faço questão de aprender.”</i></p>

		<p><i>“[...] recentemente até fomos para a argentina fazer um curso intensivo de tango argentino.”</i></p> <p><i>“O contacto com os miúdos que eu acho que foi isso que me manteve sempre muito ativa, [...] não tenho pachorra para estar com malta da minha idade.”</i></p> <p><i>“[...] eu tenho dificuldade em estar com malta da minha idade. Não tenho pachorra para aquelas conversas de café, não dá para mim. Eu não quero descolar, não quero descolar da malta jovem.”</i></p> <p><i>“Por exemplo, amanhã vamos ao teatro e eu não me deixo ficar, está frio, mas vou à mesma. Eu própria preciso de ir”</i></p> <p><i>“Eu lancei a “bymami”, uma marca de roupa e tenho essa necessidade. Eu vou passear para qualquer lado e estou sempre à procura de oportunidades de negócio, a minha cabeça não para. [...] adoro dizer que tenho 75 anos porque eu sinto-me bem.”</i></p> <p><i>“Eu cuido de mim, a idade não me aflige. [...] não devemos parar, mas continuar a sonhar”</i></p>
<p>Dança</p>		<p><i>“Eu gosto de pisar o palco, gosto do estresse.”</i></p> <p><i>“Antes de eu sentir a importância da dança nos jovens, eu senti a importância da dança em mim [...].”</i></p> <p><i>“[...]eu quero não descolar, isto dos espetáculos tem a ver com criação, com criatividade e o criar é recriar e a gente só se recria com aquilo que vê. E só transforma também do mesmo jeito.”</i></p> <p><i>“As pessoas acomodam-se muito, mas defendo que a dança faz muito bem à mente, sobretudo à mente [...].”</i></p>